

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Tarciso Alex Camargo

A REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA E A EUGENIA NO BRASIL (1932-1945)

Santa Cruz do Sul, Agosto de 2010.

Tarciso Alex Camargo

A REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA E A EUGENIA NO BRASIL (1932-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de Concentração em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Mozart Linhares da Silva

Santa Cruz do Sul, Agosto de 2010.

C172r Camargo, Tarciso Alex

A Revista Educação Physica e a Eugenia no Brasil: (1932-1945) / Tarciso Alex Camargo. - 2010.

149 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Mozart Linhares da Silva.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2010.

Bibliografia.

1. Eugenia. 2. Revista Educação Physica - História. 3. Educação física - História. I. Silva, Mozart Linhares. II. Universidade de Santa Cruz do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD: 363.92

Tarciso Alex Camargo

A REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA E A EUGENIA NO BRASIL (1932-1945)

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Área de Concentração em Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dr. Mozart Linhares da Silva

Professor Orientador

Dr. Cláudio José de Oliveira

Dr. Carlos Henrique Armani

*Aos meus pais,
Narciso Rei de Camargo e Izolina Camargo.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor orientador Dr. Mozart Linhares da Silva pela correção rigorosa do meu texto, fazendo que o mesmo tomasse a forma de uma dissertação. A indicação e o empréstimo de livros que muito contribuíram para o engrandecimento do trabalho.

Ao Prof. Dr. Cláudio José de Oliveira pelo incentivo e encorajamento e, sobretudo pela disponibilidade em ajudar, aconselhar e ouvir.

Ao Prof. Ms. André Luiz dos Santos Silva colega de profissão e amigo, pelo companheirismo e hospitalidade quando estive em Porto Alegre. Devo agradecer pelas valiosas conversas, discussões e principalmente pela troca de informações e obras que ajudaram a construir esta dissertação.

Aos funcionários da biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/ UFRGS), pela atenção e prestatibilidade facilitando o trabalho de acesso e pesquisa das fontes históricas.

Por fim, aos professores e colegas da turma de 2008 do Mestrado em Educação da UNISC/ RS.

Um país vasto como o nosso com o tipo racial ainda por definir-se, sob o influxo de vários fatores, a intercorrença de elementos diversos, necessita obrigatoriamente, da educação physica e deve cuidar, com o mais vivo interesse da eugenia do homem.

Editorial Revista Educação Physica, 1937.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar a relação entre eugenia e educação física no Brasil através dos escritos da revista *Educação Physica*. Para alcançar este objetivo foram analisadas todas as edições da revista publicados entre 1932 a 1945, totalizando 88 exemplares. Procuramos mostrar a criação da ciência eugênica no ocidente a partir do século XIX e sua receptividade no Brasil. A ciência “dos bem nascidos” encontrou articularidade no Brasil a partir da década de 1910, quando boa parte dos intelectuais brasileiros, dedicados as questões da identidade nacional, mostraram-se otimistas com as novas ideias eugênicas, pois a eugenia, aliada ao higienismo, representou a esperança de regeneração racial dos brasileiros. O principal eugenista da época no Brasil, o médico paulista Renato Ferraz Kehl, dedicou décadas de sua vida na divulgação e organização do movimento eugênico, tornando-se uma referência incontornável quando se estuda o movimento eugênico no país. A disciplina Educação Física foi entendida pelos eugenistas como mais uma das estratégias de aperfeiçoamento da raça. Nessa direção, a revista *Educação Physica* também se relacionou com a ciência eugênica, pois publicou diversos artigos de renomados intelectuais eugenistas, com destaque para o já citado Renato Kehl, Fernando de Azevedo e Hollanda Loyola, diretor e redator do periódico. Esses pensadores somados a outros autores e redatores da revista entendiam a educação física como um elemento fundamental para a causa eugênica. O pensamento eugênico no Brasil teve um caráter “preventivo” que não desprezava as explicações sociais para a “degeneração” do homem brasileiro, ao contrário, se constitui como aliada do higienismo justamente na construção de uma eugenia social com objetivos profiláticos. Em que pese o racismo científico ser a tônica do discurso eugênico brasileiro, a especificidade do eugenismo/higienismo nacionais está justamente nessa solução híbrida. A revista *Educação Physica* estava alinhada com os preceitos desta “eugenia profilática”, preventiva. Nesse sentido a educação física poderia atuar na constituição física, no fortalecimento da saúde e no vigor corporal do homem brasileiro, e regenerando, depurando, e refinando a raça que deveria ser construída. Dessa forma a revista *Educação Physica* dentro de seu projeto de “eugenia positiva”, elencou a educação física como peça fundamental para eugenzar o homem brasileiro.

Palavras-chave: História, Eugenia, educação física, revista *Educação Physica*.

ABSTRACT

This dissertation has for objective to analyze the relationship between eugenics and physical education in Brazil through magazine *Physica Education* writings. To reach this objective all the editions of the magazine they were analyzed published among 1932 to 1945, totaling 88 copies. Tried to show the creation of the science eugenic in the occident starting from the century XIX and your articulation in Brazil. The science "of the very born" ones found receptivity in Brazil starting from the decade of 1910, when the Brazilian intellectuals' good part, dedicated the subjects of the national identity, optimists were shown with the new eugenics ideas, because the eugenics, allied to the sanitary, it represented the hope of racial regeneration of the Brazilians.. The principal eugenicist of the time in Brazil, the doctor from São Paulo Renato Ferraz Kehl, dedicated decades of your life in the popularization and organization of the movement eugenic, becoming a reference not profile when it is studied the movement eugenic in the country. The discipline physical education was understood by the eugenicist as one more of the strategies of improvement of the race. In that direction, the magazine *Physica Education* also linked with the science eugenic, because it published several goods of renowned eugenics intellectuals, with prominence for the already mentioned Renato Kehl, Fernando of Azevedo and Hollanda Loyola, director and editor of the newspaper. Those added thinkers the other authors and editors of the magazine understood the physical education as a fundamental element for the cause eugenic. The thought eugenic in Brazil had a preventive " character " that it didn't despise the social explanations for the Brazilian man's degeneration ", to the opposite, it is constituted as allied of the higienism exactly in the construction of a social eugenia with prophylactics objectives. In that weighs the scientific racism to be the tonic of the speech Brazilian eugenic, the specification of the national eugenism/sanitarism it is exactly in that hybrid solution. The magazine *Physica Education* was aligned with the precepts of this "prophylactics eugenics ", preventive. In that sense the physical education could act in the physical constitution, in the invigoration of the health and in the Brazilian man's corporal vigor, and regenerating, debugging, and refining the race that should be built. In that way the *Education Physica* magazine inside of your project of "positive" eugenics, indicated the physical education as fundamental piece for the brazilian man eugenically.

Word-key: History, Eugenia, physical education, *Education Physica* magazine.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1 Jovens praticando o método ginástico alemão	67
2 Exercitação característica do Método Sueco	68
3 Passagem pelo pórtico – Método Francês	69
4 Capa da primeira edição	72
5 Mensuração antropométrica, uma das técnicas difundidas pela Revista para a classificação corpórea	75
6 Revista <i>Educação Physica</i>	84
7 O ideal de beleza feminina na época	87
8 Renato Kehl – “Grande eugenista brasileiro cuja obra de divulgação científica muito deve a educação física de nossa mocidade”	88
9 Antinoüs, representante maior da educação integral	90
10 Revista <i>Educação Physica</i>	98
11 Propaganda do Livro de Hitler e Darwin.....	101
12 Trabalhadoras alemãs praticando educação física com seus filhos	102
13 Aula de educação física, durante período de férias, para estudantes alemãs	104
14 Revista <i>Educação Physica</i>	106
15 Rara menção honrosa aos atletas negros, entre eles Jesse Owes, que obteve três medalhas de ouro na olimpíada de Berlim em 1936.....	108
16 “A pirâmide de Pende” representando os preceitos fundamentais da biotipologia: massa corporal, constituição física e características raciais	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A QUESTÃO EUGÊNICA	15
1.1 Introdução	15
1.2 A Teoria Darwiniana	15
1.3 Darwin e a relevância para a eugenia galtoniana	23
1.4 A eugenia no ocidente da teoria a ação	32
2 A EUGENIA NO BRASIL	44
2.1 Introdução	44
2.2 Eugenia e as proximidades com o movimento higienista	44
2.3 A eugenia de Renato Ferraz Kehl	54
3 A EUGENIA E AS RELAÇÕES COM A REVISTA <i>EDUCAÇÃO PHYSICA</i>	64
3.1 Introdução	64
3.2 A história da educação física no Brasil	64
3.3 A Revista Educação Physica	70
3.2 Os intelectuais e a eugenia na revista <i>Educação Physica</i>	76
3.3 Nazismo, racismo e biotipologia: As interfaces da eugenia na revista <i>Educação Physica</i>	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
FONTES PRIMÁRIAS	118
REFERÊNCIAS	122
ANEXO	129

INTRODUÇÃO

Nenhum recém-nascido deveria ser declarado humano enquanto não houver passado com êxito certos testes relativos a seu patrimônio genético e, em caso de fracasso frente a tais controles, deveria ser privado do direito de viver.

Francis H. C.Crick

A declaração acima concedida à imprensa em 1962 por um dos descobridores da estrutura molecular DNA, Francis Harry Compton Crick, mostra a contemporaneidade da eugenia.¹ E, sobretudo nos revela as possibilidades que a ciência nos nossos dias pode atingir, no sentido de uma intenção discriminatória contra aqueles fora da normatização eugênica. Ao contrário do que o senso comum acredita a eugenia não foi totalmente “sepultada”, ou caiu no esquecimento após a Segunda Guerra Mundial. O seu fantasma está representado principalmente pelas intenções, e desdobramentos da ciência genética, que diversos estudiosos temem ser um “novo-eugenismo”.

Pensando justamente sobre a atualidade dessa temática, fomos instigados a analisar a relação entre eugenia e educação física no Brasil. A revista *Educação Physica* foi o principal meio para pensar esta questão. A escolha do referido periódico deve-se pelo fato que este foi o primeiro e o maior já lançado no Brasil sobre educação física, esportes e saúde, alcançando abrangência e notoriedade no Brasil e no exterior. A revista era reconhecida como um periódico científico que serviria para instruir os futuros profissionais de educação física no sentido de estarem atentos aos novos saberes da área que começava a se consolidar como um campo de conhecimento atrelado a cientificidade. Além de, divulgar a educação física a revista merece destaque pelo número de colaboradores e incentivadores que, como dito antes, promoveram a divulgação do periódico entre 18 estados brasileiros e, ainda no exterior, principalmente, entre países como Argentina, Chile, Uruguai entre outros. A revista *Educação Physica* encontrou receptividade em países europeus, por exemplo, Portugal e em nações de língua portuguesa da África. Justifica-se, ainda, a escolha desse periódico devido ao fato do mesmo publicar artigos de renomados intelectuais da época que justamente pensaram a relação entre educação física e eugenia no Brasil, entre eles Fernando de Azevedo e Renato Kehl, bem como contar com número expressivo de colaboradores e incentivadores que contribuíram para a popularização dos novos conhecimentos da educação física.

¹ União de duas palavras de origem grega que significam “bem nascido”, ou dotado de boas qualidades hereditárias, mais adiante retomarei este conceito.

A revista *Educação Physica* foi um importante meio para a construção e consolidação da educação física no Brasil, pois através de seus escritos contribuiu para a sensibilização dos políticos brasileiros e dos clubes para a causa da necessidade de valorização da educação física. Por meio de seus editoriais, do discurso dos redatores e autores, não raras vezes chamava a atenção do governo e entidades particulares a darem maior atenção à causa da educação física. A importância da revista *Educação Physica* reflete-se ainda, pois a mesma no início do seu ciclo de vida publicou diversos artigos de autores estrangeiros que foram traduzidos para o português. Contribuindo assim para que os futuros professores de educação física pudessem se atualizar sobre técnicas empreendidas pelos países que se encontravam mais desenvolvidos com relação a educação física como os Estados Unidos e Alemanha. A revista *Educação Physica* foi se não o principal, um importante meio de informação para os técnicos e entusiastas da educação física, pois como sabemos o acesso a livros e a quantidade de editoras naquele período (1932-1945) era muito escassa. Dessa forma a relevância da revista *Educação Physica* se expressa pela sua notoriedade em promover e divulgar os novos saberes da educação física moderna junto não somente a população e profissionais, mas também advogando a importância da educação física junto ao governo, representando um destacado papel na estruturação da educação física no Brasil.

A escolha da revista *Educação Physica* não se deve exclusivamente pela sua relevância e pioneirismo no Brasil, mas também pelo período em que ela foi publicada, pois no início da década de 1930, e com o advento do regime de Getúlio Vargas, a eugenia estava no seu ápice no Brasil. Em virtude dessas questões fomos provocados a entender melhor a eugenia e seus enlaces com a educação física através dos escritos da revista analisando seus dizeres sobre esta relação. A análise das revistas foi realizada junto à biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ESEF/UFRGS. Foram analisados todos os números do periódico num total de 88 exemplares, que foram editados entre 1932 a 1945. Valendo-me do método histórico analisamos o discurso eugênico na revista enfatizando sua relação com a educação física. Inicialmente analisamos os artigos textos, editoriais das edições de 1932 a 1942, posteriormente após analisar os achados iniciais concluímos a análise das edições restantes (1942-1945) bem como tratamos de analisar novamente os achados da primeira investigação que estavam faltando ou incompletos.

Nesse sentido, o objetivo central desta dissertação é analisar a relação entre eugenia e educação física no Brasil. Além desse objetivo principal, destacamos outras questões que

consideramos fundamentais: Qual é a história da ciência eugênica a partir do século XIX? Como as idéias eugênicas foram pensadas e articuladas no Brasil? Quais os intelectuais que pensaram a eugenia aliada à educação física na revista e quais suas propostas para o país? Quais são as interfaces da eugenia na revista *Educação Physica*? Com a intenção de responder a esses questionamentos organizamos a dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo demonstramos a estruturação e a legitimação da eugenia enquanto ciência que ocorreu a partir do século XIX. Procuramos entender melhor as premissas eugênicas que advém principalmente das teorizações darwinistas. Destacamos num primeiro momento a mudança de paradigmas que a obra *A origem das espécies* causou. Identificamos as críticas dos estudiosos com relação ao suposto pioneirismo darwiniano com relação à ideia de “evolução”, e da falta de explicação para seu principal mecanismo de hereditariedade a “seleção natural”. Buscamos compreender com mais clareza justamente esses conceitos que marcaram a gênese da ciência dos “bem nascidos”. Procuramos entender de que forma o “darwinismo” foi relevante para a causa eugênica, e a campanha de seu principal mentor em favor da divulgação e implementação da eugenia. Analisamos ainda o pioneirismo e radicalidade dos Estados Unidos e Alemanha no uso da ciência eugênica.

No segundo capítulo analisamos a eugenia no Brasil, como ela foi pensada e articulada pelos intelectuais brasileiros. Mais do que estar atualizado com o que vinha acontecendo no exterior, a eugenia representava para os pensadores brasileiros uma esperança de resolver um “grave” problema nacional. A questão a ser resolvida era miscigenação da raça brasileira, que era entendida pela intelectualidade como um entrave à civilidade. Pois essa “raça híbrida” era uma “mistura racial” que não raras vezes era entendida como “degeneração”, ou seja, doença. A higiene aliada à eugenia tornaram-se as ciências redentoras da nação, a esperança de que as boas condições sociais elevassem o nível da raça brasileira.

Procuramos mostrar as similaridades, as alianças entre a eugenia e o movimento higienista que uniram forças principalmente nas primeiras décadas do século XX, para o melhoramento da raça brasileira. Evidenciamos as proximidades entre as instituições e os intelectuais que representavam este discurso. Analisamos ainda a trajetória acadêmica e profissional do médico paulista Renato Kehl, que foi considerado o principal articulador do movimento eugenista no Brasil. Este intelectual dedicou décadas de sua vida em prol da divulgação e promoção da eugenia no Brasil, suas medidas de divulgação da eugenia iniciaram em 1917, quando da primeira conferência realizada pelo mesmo intitulada

“Eugenia” em São Paulo. Além de criar comitês e sociedades eugênicas, Renato Kehl objetivou influenciar o meio educacional brasileiro. Demonstramos que com a publicação de livros e a participação em conferências sobre educação, Kehl tentou sensibilizar educadores e pais no sentido da importância de uma educação higiênica e eugênica. Analisamos ainda a mudança radical de seu pensamento para uma eugenia negativa, alinhada com a eugenia americana e alemã. Bem como seus esforços para congregar o maior número de apoiadores junto ao seu projeto eugênico, que perduraram por quase trinta anos.

No último capítulo analisamos como a educação física se relacionou com a eugenia no Brasil. Para tanto contextualizamos a história desta disciplina a partir do século XIX. Da mesma forma descrevemos os métodos ginásticos que eram ministrados nas unidades escolares, e sua possível relação com a eugenia. Descrevemos a criação da revista *Educação Physica* e o contexto histórico em que ela foi gestada, nomeando seus principais incentivadores e seus maiores objetivos. Analisamos o pensamento dos principais intelectuais que se fizeram presentes na revista, detidamente em seus discursos que entendiam a educação física como um elemento eugenizador, com objetivo de melhorar, aperfeiçoar a raça brasileira.

Ao final analisamos a proximidade da revista com a Alemanha nazista no que tange a exaltação não somente da educação física neste país, mas também ao povo, a cultura, e ao exército. Representando desta maneira um ideal de nação que deveria ser seguido pelos brasileiros. Somando-se a isso, estão outras interfaces da eugenia na revista *Educação Physica*, ou seja, o racismo e a biotipologia.

1 A QUESTÃO EUGÊNICA

Nos selvagens, as fraquezas do corpo e da mente são imediatamente eliminadas; aqueles que sobrevivem, apresentam normalmente um vigoroso estado de saúde. Nós, homens civilizados, por outro lado envidamos todos os esforços para deter o processo de eliminação; construímos asilos para loucos, aleijados, e doentes, instituímos leis para os pobres e os nossos médicos exercitam ao máximo a sua habilidade para salvar a vida de quem quer que seja no último momento.

Charles Darwin

1.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo analisar a Eugenia no Ocidente, sua institucionalização enquanto ciência e política pública voltada para as estratégias de controle e aperfeiçoamento da raça.² Para tanto analisaremos a construção da Eugenia a partir de sua elaboração teórica no século XIX.

O capítulo subdivide-se em três partes: Na primeira, analisamos brevemente o pensamento Darwinista, buscando compreender melhor as ideias que marcaram a gênese da eugenia. Na segunda parte, analisamos de que forma o “darwinismo” foi relevante para a causa eugênica. A eugenia a partir de sua institucionalização enquanto ciência, a partir do século XIX. Na terceira parte, analisamos a implementação política da eugenia nos países que levaram ao extremo os ditames eugênicos.

1.2 A Teoria Darwiniana

O livro *A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida* (1859), mundialmente conhecido como *A origem das espécies*, foi a principal inspiração teórica do primo de Darwin, Francis Galton. Para idealizar

² A ideia ou conceito de raça já foi desqualificada pela ciência genética, sendo que não há evidências científicas da existência de “raças humanas”. Em decorrência disso utilizaremos este conceito ao longo desse trabalho com referência a ideia corrente do século XIX e XX.

a eugenia. Em decorrência disso, faz-se necessário uma breve análise do pensamento darwiniano, justamente para compreender melhor como a teorização darwinista representou a inspiração para que Galton pudesse criar aquilo que mais tarde viria ser a ciência do melhoramento da raça. Nosso intuito, nesta breve incursão pelo pensamento darwinista, é demonstrar a relevância da obra de Darwin em seu tempo, bem como identificar a relativização dos estudiosos à teoria de Darwin e principalmente evidenciar os conceitos de “evolução” e “seleção natural”, para que possamos vislumbrar a eugenia compreendendo com mais clareza seus pressupostos teóricos. Essas premissas foram fundamentais para o surgimento da eugenia enquanto ciência³, pois a ideia de que todas as espécies evoluíram de um ancestral comum, e foram ao longo das gerações se modificando, através de uma seleção natural que privilegiaria os mais bem equipados biologicamente, marcou definitivamente o pensamento de Francis Galton.

De acordo com o biólogo americano Michael Rose em seu livro *O espectro de Darwin* (2000), a principal base teórica darwinista foi inspirada no livro *Ensaio sobre o princípio da população* de autoria de Thomas Malthus, lançado em 1798. Malthus argumentava que o progresso e o crescimento populacional na sociedade eram inevitáveis e, baseando-se em dados matemáticos, argumentava que a capacidade de produzir alimentos e o crescimento populacional aumentava em progressões distintas. Como era matemático valeu-se das progressões (aritméticas e geométricas) para explicar essa lógica. Em outras palavras a população mundial iria crescer em níveis elevadíssimos e não haveria alimentos para todos. Dessa forma, o mundo orgânico e equilibrado da humanidade estava comprometido. Com relação a essa equivocada previsão, Charles Darwin defende que a teoria de Malthus deveria ser aplicada “com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal, porque não há nem produção artificial de alimentação, nem restrição ao casamento pela prudência”. (DARWIN, [19- -], p. 70).

A teoria de Darwin originou-se a partir de várias observações realizadas em sua viagem ao redor do mundo a bordo da famosa embarcação H.M.S. Beagle, num período de cinco anos entre 1831 a 1836, principalmente na América Latina, Chile e Argentina. No

³ Percebemos uma discussão entre os estudiosos sobre a cientificidade da eugenia. Para Souza (2006) a eugenia era uma ciência apoiada por renomados intelectuais, já Diwan (2007) entende ser a eugenia uma “pseudociência” que não tinha uma fundamentação científica confiável. Concordamos com Souza (2006), pois o mesmo argumenta que ao se retirar o status de ciência da eugenia estamos enfraquecendo a repercussão que este movimento obteve, sendo usada como arma ideológica e política por diversos países.

período inicial da viagem Darwin não pensava em questionar a imutabilidade das espécies, mas o evolucionismo passou a ser a única concepção que, segundo ele poderia explicar os seus achados durante a viagem. Darwin estudou o tema da evolução das espécies por mais de vinte anos, mantendo seus achados e estudos em parcial segredo.

Dessas investigações resulta *A origem das espécies* (1859), que viria a ser o novo paradigma da época, rompendo definitivamente com a crença cristã que versava sobre a criação divina do homem. Desse modo, Robert Charles Darwin vai de encontro à crença católica, argumentando, apoiado agora na cientificidade, que a origem do homem era consequência de anos de evolução, e adivinha de um único ser. Sobre esta quebra de paradigma representado pela teorização darwiniana, podemos pensar ainda que:

Todo o pensamento darwinista centra-se na conservação do indivíduo; o que resulta útil para a permanência do indivíduo na existência (a adaptabilidade) converte-se no único critério para avaliar a importância dos fenômenos da vida. [...] O darwinismo, desde seu início sempre agregou aqueles que se posicionavam contra o criacionismo e outras concepções metafísicas, mesmo que seus partidários não possuíssem uma homogeneidade de idéias (FREZZATTI JUNIOR, 2001, p. 50).

Sobre essa quebra de paradigma Rose (2000) argumenta que, ao contrário do físico Isaac Newton, que relacionava suas descobertas a algo divino e não era ateu, Darwin: “foi colocado contra toda a ordem estabelecida da cristandade ocidental, porquanto ele mesmo tornou-se ateu. E seu trabalho acabou levando a retirada do cristianismo do centro do pensamento ocidental” (ROSE, 2000, p. 236). Tânia Regina de Luca analisa as qualidades da teoria darwiniana argumentando que Darwin teve a capacidade de reunir diversos fenômenos desconexos, sem relação, e agrupá-los em um todo compreensível, além disso, sobretudo pelas inúmeras evidências que apresentava como garantia de suas descobertas, conquistando assim, um status científico à sua teoria. “Poucos não foram seduzidos por Darwin, que passou a ser festejado como aquele que realizou pela biologia o mesmo que Newton fizera pela Física” (DE LUCA, 1999, p. 147).

Esta comparação podemos vislumbrar nas palavras de seu amigo e seguidor Julian Huxley, comparando as unificações darwinianas àquelas realizadas na física pela teoria atômica, pela teoria da gravitação universal e pela teoria da conservação da energia como podemos perceber nas palavras de Huxley (1951) citado por Frezzatti Junior (2001, p. 55):

Ao estabelecer a teoria da evolução, Darwin trouxe a mais vasta contribuição até hoje feita por um único homem. Pode, realmente, com justiça, ser chamado o Newton da biologia, porque foi o primeiro que soube reunir os fatos dispersos desta ciência, com a força mágica da idéia simples, e assim, de uma só vez, dispô-los em um todo compreensível.

Foi justamente Julian Huxley que criou o termo “darwinismo”, pois a palavra não surgiu com o aparecimento de *A origem das espécies* e nem foi criada pelo próprio Darwin, o qual se referia a sua teoria como a teoria da descendência com modificação por seleção natural. O termo foi criado por Huxley, em abril de 1860, referindo-se ao pensamento de Darwin como uma resposta a seus críticos e rivais. Michael Rose lembra ainda que a teoria de Darwin contribuiu para explicar cientificamente a evolução da vida, evitando, sobretudo, a dicotomia entre as ciências, e neste sentido, a sua teoria: “desempenhou um papel fundamental na vinculação da biologia com as ciências físicas. Sem ele, a ciência biológica precisaria de mais uma ou duas divindades para explicar as maravilhosas invenções da vida”. (ROSE, 2000, p. 244).

Entretanto há necessidade de relativizar essa exaltação a teoria Darwinista, pois Darwin não foi o criador da ideia de evolução. Esta é identificada em filósofos e cientistas que eram anteriores a ele como, por exemplo, no campo da biologia Buffon e Lamarck. Outro motivo para essa relativização era que outros pesquisadores como o zoólogo Alfred Russel Wallace, possuíam hipóteses similares a Darwin. Este admitiria isto na introdução do seu *A origem das espécies* (1859), afirmando que: “Mr. Wallace, que estuda atualmente a história natural no arquipélago malaio, chegou a conclusões quase idênticas às minhas sobre as origens das espécies” (DARWIN, [19- -], p. 17).

Frezzatti Junior (2001, p. 28) vai discorrer no que tange ao suposto pioneirismo darwiniano em relação ao evolucionismo, argumentando que:

A evolução não foi originalmente proposta por Darwin, pois sua teoria foi uma das várias lançadas no século XIX, para explicar o surgimento das espécies e a variabilidade dos seres vivos. Apesar da biologia ter sido proposta como disciplina independente apenas em princípio daquele século, o surgimento, o desenvolvimento, e a evolução dos organismos já eram preocupações dos filósofos desde a antiguidade.

Lenay (2004) reitera a citação acima, afirmando que a palavra “evolução” já era uma das preocupações dos filósofos da antiguidade, mais precisamente Aristóteles. Relata ainda

que a palavra evolução quase não foi usada por Darwin em seu *A origem das espécies*, preferindo referir-se a mesma em outros termos. Nesse sentido Lenay (2004, p. 104) explica:

A palavra “evolução” vem do *evolutio* embriológico, que corresponde ao desenvolvimento determinado do ovo antes de chegar ao organismo adulto. Embora utilizemos hoje essa palavra para designar a teoria de Darwin, ela está praticamente ausente de *A origem das espécies*, aparecendo apenas na última frase. Darwin lamentava a conotação de progresso que a ela se associa e preferia falar da “teoria da modificação pela seleção natural”.

Para Ernest Mayr professor de zoologia de Harvard e especialista em Darwin, o conceito de evolução seria “a teoria que afirma que o mundo não é imutável, nem foi recentemente criado, e, também não é perpetuamente cíclico; mas um mundo que está sempre mudando, onde os organismos se transformam na dimensão do tempo” (MAYR, 2006, p. 36).

De acordo com Frezzatti Junior (2001) a ideia de evolução de Darwin, ou como vimos antes a teoria da modificação pela seleção natural, não estava ligada apenas às transformações dos seres vivos, mas também àquelas do planeta e do próprio universo. Seguindo princípios uniformitistas a ação do vento, da água, a ação dos seres vivos, a glaciação, os terremotos e o vulcanismo agiram e ainda agem modificando o perfil geológico do planeta. Assim os mesmos processos que modificaram os seres primitivos ainda agem sobre as espécies atuais. Esta ideia de evolução é extremamente relevante, pois nos remete a uma preocupação central da teoria de Darwin, porém se fazem necessário alguns esclarecimentos para a mesma ser melhor entendida, e não ser pensada e utilizada de uma forma equivocada, como muito bem nos fala Bizzo (2002, p. 207-8):

A evolução é, por vezes pouco entendida, pois é aplicada de forma equivocada aos indivíduos. Devemos ter em mente que evolução se refere ao conjunto das informações hereditárias disponíveis ao longo das gerações; em outras palavras quando pensamos em evolução pensamos em populações, e não em indivíduos. Assim, é possível superar um aparente paradoxo: A evolução não ocorre nos indivíduos, mas sem eles a evolução não ocorre. Se um indivíduo tem uma modificação em uma de suas células reprodutivas – e isso é recorrente em todos os reprodutores – ele não “evolui”. Mas se essa modificação aparecer de forma visível nas gerações seguintes, fala-se em evolução. Da mesma forma, se houver uma mortalidade diferencial em uma população de maneira a eliminar indivíduos de forma seletiva, o conjunto de informações disponíveis nas gerações seguintes irá mudar e, nesse caso será possível falar novamente em evolução.

Paredes (2009) ao debruçar-se sobre as principais referências teóricas do final do século XIX vai dizer que a teoria de Darwin representou no que tange à ideia de evolução,

uma ruptura (ainda que não totalmente) com o seu principal antecessor, o naturalista francês Jean Baptiste Lamarck. Este cientista, já em 1800, especulava sobre a origem das espécies, orientado pelo paradigma evolucionista. No entanto, Lamarck acreditava que as espécies se transformariam, evoluíam de um ser imperfeito ou mais simples e caminhariam na direção da perfeição. Para Darwin:

A evolução da natureza é consentânea com um processo contingente, aleatório e imperfeito. Daí seu mecanismo central ser a “seleção natural”, através da noção “de luta pela vida”. Ou seja, a compreensão que Darwin faz da “evolução” das espécies não contempla o signo da “perfeição” não revela nenhuma “finalidade”, tanto como não aponta para um patamar de chegada do trajeto evolutivo, “fosse o juízo final dos criacionistas ou fosse o estágio positivo” da teoria comteana (citado por PAREDES, 2009, p. 163).

A evolução na abordagem de Darwin não era determinista. Desde o começo de suas investigações, o naturalista inglês refutava a ideia da perfectibilidade da evolução, baseava-se na ideia de árvore evolutiva onde cada espécie se origina de um centro e vai se ramificando diferentemente seguindo uma não linearidade. Sobre isto Lenay (2004, p. 99-100) diz que:

Darwin sabia desde o início de suas pesquisas que seria absurdo querer classificar as espécies segundo uma ordem linear de progresso. A evolução é em forma de árvore, e cada espécie é o cume do seu próprio ramo. Se ela existe, é porque resolveu bem os problemas de sobrevivência e reprodução que lhe foram apresentados. Cada espécie, da mais humilde à mais prestigiosa evolui numa direção própria, bem adaptada à sua maneira.

Essa ideia de evolução que permeia à obra de Darwin só terá sentido se pensada juntamente com o conceito de “seleção natural”, que foi a teoria criada por Darwin para justamente explicar a evolução das espécies. Tema este que representaria o grande empecilho para a aceitação do seu principal livro devido, às dificuldades de comprovação desta seleção natural na vida selvagem. No capítulo IV de *A origem das espécies* (1859) intitulado “A seleção natural ou a perseverança do mais capaz”, encontramos o conceito de seleção natural nas palavras de seu criador: “Dei o nome de seleção natural ou de persistência do mais capaz à preservação das diferenças e das variações individuais favoráveis e a eliminação das variações nocivas” (DARWIN, [19- -], p. 84). A seleção natural funcionaria da seguinte maneira para o naturalista inglês:

A seleção atua unicamente por meio da conservação das variações úteis sob determinados aspectos, que persistem em função desta mesma utilidade. Devido á progressão geométrica da multiplicação de todos os seres organizados, cada região contém tantos habitantes quanto pode alimentar; resulta daí que, á medida que as formas favorecidas crescem em número, a formas menos favorecidas diminuem e tornam- se escassas (DARWIN, [19 - -], p. 107).

Outras reflexões se fazem necessárias e oportunas quando tratamos da teorização darwiniana, no que tange a inadequações que frequentemente os estudiosos identificam; a primeira refere-se à confusão sobre os conceitos de “seleção natural” com adaptação; a segunda trata sobre o reducionismo quando relacionamos pura e simplesmente o “darwinismo” com evolucionismo biológico. Sobre a primeira questão Bizzo (2002, p. 208), mostra de uma forma simples e objetiva a distinção necessária entre seleção natural e adaptação, argumentando que:

O conceito de seleção natural está intimamente ligado ao de adaptação, que é uma fonte de confusão. A adaptação não pode ser uma realização de um individuo, mas sim de uma população ao longo de gerações. Se um casal de ursos polares tem vários filhotes eles têm pelagem de comprimento diferente, é provável que os mais peludos sobrevivam e tenham mais filhotes. Com o passar das gerações ocorrerá uma adaptação ao frio, dado que haverá mais animais com pelo longo. Mas isso significara que uma das linhagens teve maior sucesso reprodutivo e deixaram mais descendentes. Portanto, a idéia de um individuo com frio demandando pelo mais longo para se proteger não faz o menor sentido. Assim como a seleção, a adaptação não ocorre nos indivíduos.

Quanto à segunda questão que trata novamente sobre o evolucionismo, mais detidamente sobre a dificuldade de se associar darwinismo com evolucionismo biológico, e a dificuldade de Darwin provar cientificamente a seleção natural analisada anteriormente Frezzatti Junior (2001, p. 37) vai dizer que:

Poderíamos argumentar que o darwinismo poderia ser sinônimo de evolucionismo biológico porque a teoria darwiniana é a que “corretamente”, até um determinado ponto e acrescida das descobertas científicas atuais – explica os processos evolutivos dos organismos. Ou porque, embora não fosse o primeiro a propor uma teoria evolutiva, A origem das espécies foi o primeiro livro a tornar essa idéia cientificamente respeitável. Porém devemos nos lembrar que o mecanismo proposto por Darwin para a evolução - a seleção natural sempre apresentou dificuldades para sua aceitação; somente com o desenvolvimento da genética e dos métodos paleontológicos se pode demonstrá-la, portanto não podemos identificar pura e simplesmente o darwinismo com o evolucionismo biológico.

Com relação à questão elucidada anteriormente sobre a principal resistência à teoria darwiniana, que era crítica da não comprovação teórica do seu principal mecanismo à “seleção natural” que para os detratores de Darwin era fruto do acaso, Lenay (2004, p. 61) argumenta que:

A evolução estava talvez explicada, mas não estava determinada. O princípio de seleção natural não permitia antecipar o percurso da evolução nem reencontrar seu passado. Para qualquer transformação de espécie era preciso propor uma descrição especial dos problemas adaptativos que a ela se apresentaram elevar em consideração ou não as vantagens disponíveis. A Seleção natural poderia dar conta de uma evolução completamente distinta da que efetivamente se produziu, pois o acaso estava no cerne de seu mecanismo.

Mesmo com as fortes críticas à teoria darwinista, principalmente esta citada anteriormente, da dificuldade de comprovação científica de seu principal mecanismo à “seleção natural” e o advento de pesquisas e posições contrárias a Darwin, questionáramos, parafraseando Frezzatti Junior (2001) como explicar o sucesso do “darwinismo” na segunda metade do século XIX?

O filósofo e historiador francês Foucault (1999) que pensou a ação do biológico sobre a política, acena com uma possível resposta, discorrendo sobre a relação entre o discurso científico, no caso, o evolucionismo de Darwin e a política. Evidenciando a prática do que viria a ser o darwinismo social, como um meio para se justificar as guerras, a colonização, Foucault (1999, p. 307) diz que:

O evolucionismo, entendido num sentido lato – ou seja, não tanto a própria teoria de Darwin quanto o conjunto, o pacote de suas noções (como: hierarquia das espécies sobre a árvore comum da evolução, luta pela vida entre as espécies, seleção que elimina os menos adaptados) – com toda a naturalidade, em alguns anos do século XIX, não simplesmente uma maneira de transcrever em termos biológicos o discurso político sob uma vestimenta científica, mas realmente uma maneira de pensar as relações de colonização, a necessidade das guerras à criminalidade, os fenômenos da loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes, etc. Em outras palavras, cada vez que houve enfrentamento, condenação à morte, luta, risco de morte, foi na forma do evolucionismo que se foi forçado literalmente, a pensá-los.

Darwin fora aconselhado pelos seus parceiros a evitar se pronunciar sobre o homem em sua principal obra, (*A origem das espécies*), fato que podemos atestar, pois o naturalista inglês segue este conselho e não trata sobre a origem dos seres humanos. O próprio Darwin era muito comedido em discutir publicamente a aplicação de sua teoria na sociedade.

Entretanto não foi tão prudente assim anos mais tarde, quando publicou *A origem do homem e a seleção sexual* em 1871, faz declarações eugenistas e, mostra proximidade com as teorizações de Francis Galton. É justamente essa influência e proximidade entre Darwin e Galton que analisaremos no segundo tópico deste capítulo.

1.3 Darwin e a relevância para a eugenia galtoniana

Antes de nos dedicarmos à influência Darwiniana para a idealização da eugenia, é importante ressaltar que a ideia de raça já possuía uma trajetória anterior às teses darwinistas e galtonianas. Como sabemos a ideia de raça, começou a ser objeto de especulações pretensamente científicas a partir do século XVIII, com os estudos da chamada antropologia física que se dedicava a demarcar as diferenças entre raças baseadas simplesmente em características fenotípicas (cor da pele, dos olhos, tipo de cabelo) e ainda a critérios comportamentais enfatizando a suposta inferioridade dos negros. Vale lembrar ainda que o chamado racismo científico⁴ não foi exclusivo ao século XIX, mas como argumentamos antes o desejo de se “comprovar” a hierarquização e a inferioridade entre as raças humanas, e assim legitimar o racismo através do discurso científico já iniciara um século antes. Com critérios infundados e manipulados pelos “pesquisadores” que tinham como objetivo enaltecer uma “raça superior” (branca, de origem europeia, aristocrática...) e logicamente desqualificar o que se afastava dessa norma.

Independente da cientificidade e aplicabilidade da teoria darwiniana é um consenso entre os estudiosos que o darwinismo foi a principal matriz teórica da eugenia, devido ao fato do darwinismo lidar com a questão da hereditariedade e fundamentalmente com a ideia de evolução. Tema que vai ser a questão central da eugenia. O biólogo Michael Rose (2000) entende que o darwinismo foi a porta de entrada de Galton para a construção do eugenismo. Podemos encontrar esta argumentação ainda nas palavras da historiadora Nancy Stepan, que comenta a relação entre o darwinismo e a eugenia dizendo que a evolução apresentou a Galton ideias que “agrupadas de nova maneira, constituíram o cerne da eugenia (STEPAN, 2005, p. 30). Del Cont reafirma esta tese ao dizer que Galton reordenou sua carreira

⁴ Sobre o racismo científico ou as teorias raciais ver: Oliveira (2003); Munanga (2003); Guimarães (2008) e Silva (2003, 2009).

acadêmica “ao ler a obra *A origem das espécies*, do seu primo Charles Darwin, o que contribuiu para mudar significativamente a sua vida no sentido de tentar aplicar a teoria da seleção natural no estudo do ser humano e suas potencialidades físicas e intelectuais” (DEL CONT, 2008, p. 205-6). Castañeda compartilha dessas ideias, e fala sobre a forte influência do conceito de herança de Darwin para Galton, que as amplia em conveniência de seu pensamento eugênico, mostrando a dificuldade de encontrar veracidade em seus estudos, evidenciando, assim “terrenos argumentativos movediços, onde as tendências teóricas estão em constante desafio uma frente às outras” (CASTAÑEDA, 2003, p. 905).

Já Diwan (2007) lembra que o parentesco de Darwin com o principal criador da eugenia Francis Galton não foi mera coincidência, mas um fato decisivo na elaboração sistemática da eugenia ressaltando a importância de Darwin na vida do seu primo Galton. Assim Diwan (2007, p. 39-40) demonstra que:

Charles Darwin sempre deu apoio aos empreendimentos do primo à teoria evolutiva, a seleção natural a grande polêmica com os criacionistas cristãos despertaram Galton para o que se tornaria seu principal objeto de estudo: o aperfeiçoamento da raça humana. Sem dúvida nenhuma o parentesco com Darwin contribuiu para isso. **A teoria evolucionista foi o pontapé que inspirou Galton a dedicar-se ao desenvolvimento de uma teoria social que tivesse como objetivo principal a evolução da raça** [...] Charles Darwin ajudou a embasar as teorias de Francis Galton a partir de diversas publicações. [...] *a origem das espécies* deu o impulso inicial no desenvolvimento da teoria de evolução social de Galton, sem dúvida nenhuma, podemos dizer que Darwin foi um dos primeiros seguidores de Galton. Ainda que não tivesse o nome de eugenia, trazer para o mundo social as características da natureza e da vida animal a fim de aperfeiçoar a humanidade como se fossemos “cavalos”, era uma teoria bem aceita na época (grifo nosso).

Rose (2000) compartilha dessas ideias da estreita relação entre Charles Darwin e Francis Galton argumentando que o “darwinismo” foi importante na fundação e na legitimação da eugenia, sendo que isto representa a “vergonha secreta do darwinismo”. Conforme Rose (2000, p. 113):

A vergonha secreta do darwinismo é ele haver desempenhado um papel considerável na fundação e legitimação de um movimento conhecido como “eugenia”, um fantasma venenoso de Francis Galton. **A eugenia não é nada menos que a tentativa de aplicar o darwinismo à criação deliberada de seres humanos.** Como tal, inspirou a esperança de ideólogos da utopia e o horror daqueles que conviveram com suas conseqüências materiais (grifo nosso).

A proximidade acadêmica e até mesmo a conjugação de ideias entre os primos é evidente na obra de Darwin intitulada *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex* A Origem do Homem e a Seleção Sexual de 1871. Um ano depois Darwin completa esta obra publicando o estudo chamado *The Expression of Emotion and Animals*. (A expressão das emoções nos homens e nos animais). Darwin já algum tempo desejava dedicar-se a este instigante tema, porém com a prudência que lhe era peculiar decide postergar a ideia, pois o cientista inglês sabia das conseqüências da aplicação de suas ideias na sociedade. Entretanto outros autores, como o seu defensor Huxley, Haeckel (um dos criadores do darwinismo social e inspirador do nazismo) e primordialmente Galton não tiveram dúvidas em aplicar a teoria darwiniana ao homem logo após a publicação de *A origem das espécies*. Após ler as publicações desses autores Darwin escreveu um livro para melhor explicar suas ideias, que estavam sendo modificadas pelos darwinistas sociais. Apesar disso são frequentes as menções que Darwin faz a Galton ao longo do livro (*A origem do homem*) e, sobretudo, o apreço e a defesa que Darwin faz da eugenia. No subtítulo nomeado de “influencia da seleção natural nas nações civilizadas”, Darwin introduz o tópico dizendo que este tema tem sido discutido com habilidade por autores como Greg, Wallace, e ninguém menos que Galton, ao qual Darwin refere-se em nota de rodapé como “a sua grande obra” remetendo-se a *Hereditary Genius* (1870). Após esta introdução Darwin (1974, p. 161-2) diz:

Nos selvagens, as fraquezas do corpo e da mente são imediatamente eliminadas; aqueles que sobrevivem, apresentam normalmente um vigoroso estado de saúde. Nós, homens civilizados, por outro lado envidamos todos os esforços para deter o processo de eliminação; construímos asilos para loucos, aleijados, e doentes, instituímos leis para os pobres e os nossos médicos exercitam ao máximo a sua habilidade para salvar a vida de quem quer que seja no ultimo momento. Há motivo para se crer que a vacinação tenha salvo um grande numero daqueles que por sua débil constituição física, não teriam em tempo resistido a varíola. **Desta maneira, os membros fracos das sociedades civilizadas propagam seu gênero** (grifo nosso).

Darwin (1974, p. 162) expressa seu pensamento de uma forma clara, defendendo uma eugenia de cunho “positiva”, ao afirmar que:

[...] Devemos, portanto, suportar o efeito, indubitavelmente mau, do fato de que os fracos sobrevivem e propagam o próprio gênero, mas pelo menos se deveria deter a sua ação constante, impedindo os membros mais débeis e inferiores de se casarem livremente como os sadios. Este impedimento poderia ser indefinidamente incrementado pela possibilidade de os doentes do corpo e do cérebro evitarem o matrimônio, embora isto seja mais uma esperança do que uma certeza.

No final do livro, Darwin volta a debruçar-se sobre a problemática do casamento, defendendo que os cuidados com a reprodução dos animais também deveriam ser empregados aos humanos. Pois se os casamentos levassem em consideração a “seleção natural” poderiam melhorar não somente as características físicas dos descendentes, mas ainda suas qualidades intelectuais e morais. Dessa forma Darwin (1974, p.710-1):

O homem analisa escrupulosamente o caráter e a ascendência dos seus cavalos, do seu gado, e dos seus cães antes de acasalá-los; mas, quando chega a época das núpcias, raramente ou nunca toma semelhante cuidado. Ele é levado por motivos quase análogos àqueles dos animais inferiores, quando são entregues á sua livre escolha, embora seja tão superior a eles que pode avaliar altamente as qualidades mentais e as virtudes. Por outro lado, sente forte atração pela simples riqueza ou pela posição. Todavia, mercê da seleção, ele poderia de algum modo agir não só sobre a estrutura física e a conformação óssea da sua prole, mas sobre as suas qualidades intelectuais e morais. **Ambos os sexos deveriam abster-se do matrimônio se acentuadamente fracos no corpo e na mente;** mas estas esperanças são utópicas e nunca serão concretizadas nem mesmo parcialmente, enquanto as leis da hereditariedade não forem amplamente conhecidas. Todo aquele que prestar alguma ajuda para colimar este fim estará fazendo obra boa. Quando os princípios da procriação e da hereditariedade forem melhor conhecidos, não ouviremos mais membros ignorantes da nossa legislação rejeitar com desprezo um plano que tente a verificar se o matrimônio entre consangüíneos é ou não prejudicial ao homem (grifo nosso).

Na citação do cientista percebemos que o ideal seria que os noivos não pensassem apenas na riqueza na hora de escolher seus pares, deveriam se deter na descendência de seus cônjuges. Entretanto essa fala contraria sua própria decisão pessoal, pois como sabemos Darwin casou-se com sua prima Emma, não por razões puramente sentimentais, mas devido ao fato de que a família da moça era extremamente rica.

As famílias de Darwin, da sua mulher os Wedgwoods, a de Galton casavam entre si, com o objetivo de manter a “linhagem” e principalmente de manter as suas posses entre as mesmas famílias. Continuando sua análise, Darwin cita novamente Galton para dizer algo que ele iria confessar a uns amigos anos mais tarde antes de morrer, ou seja, que estava decepcionado com o futuro da humanidade, pois as classes “inferiores” se reproduzem com muito mais frequência que as classes “superiores”. Nesta passagem final de *A origem do homem*, Darwin (1974, p. 711) vai atacar não somente os débeis ou fracos como havia dito antes, mas também a pobreza (incauto) que deveriam poupar a humanidade de seus descendentes evitando ter filhos como podemos perceber:

O progresso do bem estar do gênero humano é um problema mais complexo: todos aqueles que não podem evitar a pobreza para os próprios filhos, deveriam evitar o matrimônio; na verdade, a pobreza não só representa um grande mal, mas tende ao próprio incremento, levando á desconsideração do matrimônio. Por outro lado, Galton observou que, se o prudente evita o matrimônio enquanto que o incauto se casa, **os membros inferiores tendem a suplantam os membros melhores da sociedade** (grifo nosso).

Schwarcz (1993) entende que o darwinismo influenciou a ciência eugênica no momento das aplicações do darwinismo na sociedade. Argumentando que a eugenia se transformou na prática mais avançada do darwinismo social que para Schwarcz (1993, p. 58) é:

Um determinismo de cunho racial que via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitem caracteres adquiridos”, nem mesmo por meio de um processo evolutivo social. Ou seja, as raças constituíram fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros” - e, portanto não sujeitos a processos de miscigenação-e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social.

A historiadora brasileira, Pietra Diwan, vai permear sua análise sobre o darwinismo social, dando ênfase ao contexto cultural e primordialmente o contexto social inglês em meados do século XIX, que presenciava uma profunda crise política econômica. Diwan (2007, p. 33) diz que:

A ameaça popular advinda com a Comuna de Paris em 1848, assim como a emergência das teorias de esquerda, espalharam-se pela Europa e transformaram a pobreza, sinônimo de perigo e inferioridade. Essa situação política e ideológica, somada ao problema sanitário gerado pelo vertiginoso crescimento das cidades tornou a Inglaterra um lugar degenerado, na visão dos biólogos da época. Sem infra-estrutura, a insalubridade e as doenças epidêmicas (varíola, tuberculose tifo, escarlatina etc.) despertaram o interesse dos higienistas inspirados pelas descobertas de Pasteur. [...] Era preciso evitar a degeneração e controlar a multidão A multidão se caracteriza pela idéia de massa de coletivo disforme e compacto no interior da qual o individual não existe. Fenômeno próprio da modernidade da qual absorve as singularidades e estratifica o social, pensar neste movimento homogeneizante do início do século XIX é pensar em uma nova maneira de olhar. A multidão é vista e sentida como um todo homogêneo. E por não ser possível identificar exatamente sua composição, o medo da multidão cresce e cria estratégias de combate para sanar esse mesmo medo [...].

É justamente aí que os darwinistas sociais e eugenistas vão agir, no controle desta multidão que os amedrontava, pois não se poderia admitir que esta população, que era entendida na sua maioria como vagabundos, indolentes e possíveis criminosos proliferassem

sem um devido controle. Essa proliferação acarretava diversos prejuízos para a Inglaterra, até econômicos. O governo inglês programou algumas medidas para solucionar este quadro desanimador, criando as chamadas “casa de trabalho” onde os desempregados poderiam reencontrar ocupação até conseguirem outro emprego. Entretanto este tipo de assistencialismo era muito mal visto principalmente pelos eugenistas, que discutiam essas ações argumentando que o assistencialismo era uma forma de ajuda, para sustentar “vagabundos”, que representavam um “fardo social” para a Inglaterra. A solução dos eugenistas foi radical: eliminar ou impedir de procriar todos aqueles que contribuem para a degeneração da raça inglesa.

O assistencialismo era entendido pelos eugenistas ingleses com sendo algo antinatural, pois, uma vez que a ideia de “seleção natural” norteava a eugenia. Então como deixar viver ou até mesmo ajudar aqueles indivíduos mais fracos, que não conseguiam sobreviver? Devia-se logicamente seguir as leis da natureza e deixar padecer, morrer os “mais fracos”, que ainda poderiam “sujar” a descendência da nobre “raça” inglesa. O idealizador da eugenia, Francis Galton, nasceu nesse contexto histórico e social, onde a pobreza já era associada à degeneração da “raça”, e um perigo ameaçador. Conhecer a trajetória galtoniana, bem como analisar, ainda que brevemente, as “condições de possibilidades” para a criação da ciência da boa linhagem, faz-se necessário para visualizar com uma compreensão melhor a eugenia enquanto produção científica.

Como disserta Diwan (2007), Galton nasceu num ambiente ligado à cientificidade, pois era neto de renomados intelectuais e também primo de Darwin. Iniciou muito cedo sua carreira acadêmica incentivado pelo pai que também era cientista. Entre as profissões do cientista britânico destacam-se: matemático, médico, meteorologista, geógrafo, explorador renomado, e mais tarde estatístico⁵. Porém todas essas qualificações não foram suficientes para satisfazê-lo. Somente após o lançamento do livro *A Origem das Espécies* Galton viria a se “inspirar” e idealizar a eugenia. Após este fato Galton recebe o apoio de Darwin em suas investigações, os mesmos mantêm uma parceria acadêmica, que só viria a ser rompida quando Darwin em seu livro *The variations of animals and plants under domestication* (1868), esboça detalhadamente uma teoria de transmissão de caracteres conhecida como teoria da “pangênese”.

⁵ Esta última e juntamente com a profissão de matemático e médico contribuíram favoravelmente na criação da eugenia.

Galton concorda com alguns princípios desta teoria proposta por seu primo, mas discorda veementemente sobre a questão da influência do meio ambiente. Darwin propunha que as “gêmulas”, que estariam presentes em todos os organismos, seriam responsáveis pelo mecanismo de transmissão hereditária, transferidas de pai para filho e alteradas pelo meio ambiente. Esta alteração foi o ponto principal da discordância entre os primos, pois para a eugenia ter validade científica, o meio ambiente não poderia influenciar o indivíduo, fato este que desqualificaria a eugenia, que pretendia comprovar a melhoria da raça através da seleção de caracteres mais importantes.

Já sem o apoio de Darwin, Galton dedica-se à sua própria publicação sendo que o primeiro trabalho escrito e publicado pelo cientista que esboça os preceitos da teoria eugênica é chamado de *Hereditary Talent and Character* de 1865. Este estudo traz a hipótese de que o talento é hereditário e passa de geração em geração. Em 1869 é publicado *Hereditary Genius*, que reforça as ideias da obra anterior, neste livro Galton procurou “defender a tese de que não somente os aspectos físicos, mas também o talento e a capacidade intelectual poderiam ser calculados, administrados e estimados, por meio de casamentos criteriosos durante gerações consecutivas” (DEL CONT, 2008, p.204).

De acordo com Diwan (2007) em 1874, Galton escreveu o livro *English Men of Science: their Nature and Nurture*. Esta obra foi escrita a partir de uma “pesquisa” (enquete) realizada com cientistas da Inglaterra no qual Galton questiona a todos se o talento é hereditário ou não. Após análise dos dados (ou a manipulação destes) o cientista concluiu ser o talento hereditário.

Como nos mostra Del Cont (2008) esta pesquisa foi realizada como uma resposta ao seu crítico Alphonse de Candolle. O mesmo defendia a tese de que a educação e as boas influências do meio social seriam as condições ótimas para o bom desenvolvimento dos indivíduos. Esta tese logicamente desqualificava as teorias galtonianas, pois o meio ambiente não poderia influenciar a carga hereditária. Galton se vale do contexto social da Inglaterra (analisado anteriormente) para justificar o controle da qualidade da reprodução dos indivíduos, argumentando que isto permitiria “não somente elevar o nível da qualidade da raça humana, mas também constituiria uma ferramenta de reforma das condições sociais degenerescentes” (DEL CONT, 2008, p.207). Portanto fica claro que a eugenia não pretendia apenas atacar os considerados não eugênicos, mas também a classe pobre e “degenerada” inglesa que era composta por prostitutas, criminosos, loucos, alcoólatras, pobres, entre outros.

No ano seguinte, Galton publicou o livro *A Theory of Hereditary* (1875), que se ampara nas formulações de Weismann sobre plasma germinal. O cientista inglês recolhe medidas antropométricas, essas medições tinham por objetivo resolver um dos problemas mais importantes para a doutrina eugênica que era recrutar os mais fortes e eliminar ou controlar os mais fracos (DIWAN, 2007).

De posse dos dados coletados ao longo de quase vinte anos, com o intuito de comprovar que o talento é uma herança que passa dos pais para os filhos, o cientista inglês passou a se preocupar em demonstrar que a demência humana e ainda fatores sociais como a criminalidade e a marginalidade eram resultantes da hereditariedade. Para isso resolveu escrever o livro *Inquires into Human faculty and its Development* (1883), no qual agrupa inúmeras análises sociológicas e materiais antropológicos e principalmente expõe pela primeira vez o termo eugenia, que Galton (1883), citado por Diwan (2007, p. 41-2 grifo nosso) assim a define:

Mencionar vários tópicos mais ou menos conectados com aqueles do cultivo da raça ou pelo menos chamá-los com as questões eugênicas. Isto é com os problemas relacionados com **o que se chama em grego “eugenes” quer dizer de boa linhagem dotado hereditariamente de nobres qualidades**, esta e as palavras relacionadas, eugenia etc. são aplicáveis aos homens às plantas e os brutos. Desejamos ardentemente uma palavra breve que expresse a ciência do melhoramento da linhagem que não esta de nenhuma maneira restrita a união procriativa, senão especialmente no caso dos homens, a tomar conhecimento de todas as influências que tendem em qualquer grau por mais remoto que seja dar às raças ou linhagens sangüíneas mais convenientes uma melhor possibilidade de prevalecer rapidamente sobre os menos convenientes, que de outra forma não haja acontecido.

Silva (2005), ao analisar o surgimento da eugenia, vai argumentar que essa ciência, recém nomeada por Galton, tinha por objetivo ser o modelo principal que no fim do século XIX e início do século XX objetivaram categorizar os seres humanos, e conseqüentemente desqualificar todos aqueles que se afastavam da normatização eugênica. Para o autor a nova ciência agora com o nome de eugenia pretendia ainda: “aprimorar a espécie e com isso elevar a civilização [...], e foi também o grande leitmotiv do contexto de constituição das anormalidades e com isso dos processos de exclusão” (SILVA, 2005, p. 74).

Como nos mostra Diwan (2007), após o lançamento de *Inquires into Human faculty and its Development* (1883), Galton dedica o final de sua vida para divulgação da eugenia. A primeira ação na empreitada de propagandista da ciência eugênica foi a publicar *Hereditary*

Improvement (1873). No qual o cientista britânico declarou-se contra os casamentos movidos por “gostos pessoais”, e ainda que o valor racial é mais importante do que a educação e o meio ambiente. Nesse livro, Francis Galton argumenta a necessidade de que os considerados “débeis” poupem a sociedade de seus descendentes adotando o celibato. Apesar de toda esta empreitada galtoniana em favor da divulgação da eugenia, só a partir do início do século XX que a eugenia começou a ganhar mais espaço nos meios intelectuais e acadêmicos da Europa. Principalmente na Alemanha e Estados Unidos. Essa aceitação da eugenia no começo do século XX deve-se em parte a redescoberta das leis de Mendel que foi realizada em 1900 (o mesmo já tinha concluído este estudo em 1865) desta forma a eugenia: “ganhava efetivamente autoridade científica, pois, a partir da genética moderna, inaugurada por Mendel, a hereditariedade tornou-se conhecida e seus mecanismos passíveis de manipulação” (SILVA, 2009, p. 44).

De acordo com Diwan (2007) Outro fator que favoreceu a aceitação da eugenia no século XX foi o fato de que Galton contou com a participação de renomados intelectuais, que ampliavam e colaboram com as suas pesquisas. Um deles foi o físico e estatístico Karl Pearson que era um dos seus discípulos. Obteve ainda a colaboração do zoólogo Walter Franck Weldon. Juntos fundaram os estudos biométricos com a publicação do livro de autoria de Galton *Natural Inheritance* (1889).

Em 1901 junto com seu seguidor K.Pearson, o mentor da eugenia criou a revista *Biometrika*, que tinha como objetivo publicar artigos de eugenia que eram rejeitados por outros periódicos. Ainda no ano de 1901, com o objetivo de divulgar as ideias eugênicas na Inglaterra, Galton participa de uma conferência anual que homenageava o biólogo inglês Julian Huxley. O cientista inglês continua a trabalhar pela divulgação da eugenia, e no ano de 1904, fundou o escritório de registros eugênicos, (ECO) num espaço cedido pela Universidade de Londres. O escritório tinha por objetivo estudar a descendência das famílias nobres da Inglaterra. Em 1907, o cientista britânico solicitou ao seu amigo Karl Pearson, que fundisse o laboratório de biometria, com o escritório de registros eugênicos. O resultado foi o surgimento do laboratório Galton para Eugenia Nacional, sendo criada a expressão “eugenia nacional”.

Ainda em 1907, surge outro escritório com o nome de Sociedade de Educação Eugenista. Sendo presidida por Montagu Crackanthorpe. A primeira reunião aconteceu em 1908, reunindo diversos cientistas, entre eles Leonard Darwin, filho de Charles Darwin, que

futuramente seria o presidente da instituição até 1930 (DIWAN, 2007). O primeiro Congresso Internacional de Eugenia foi promovido pela Sociedade de Educação Eugenista em 1912, em Londres, um ano após a morte de Francis Galton. Neste período a eugenia já contava com adeptos pelo mundo inteiro, e principalmente tinha reconhecimento científico.

Como nos lembra Bizzo (1995) os produtos científicos do “pai da eugenia” não podem ser desprezados, como a biometria, amplamente utilizada na educação física⁶; o método de identificação por meio de digitais, (carteira de identidade); a antropometria e os avanços na estatística. E principalmente os estudos dos testes de Q.I que são utilizados até hoje nos meios educacionais. A “herança” deixada por Galton ecoa em nosso meio, sem que ao menos conheçamos sua história, e ainda sem nos darmos conta de que estes métodos tinham por objetivo classificar, mensurar, normatizar o homem, para encontrar o ideal de “raça” a ser atingida. Este ideal de uma “raça superior”, ou até mesmo de um Super-Homem foi perseguido incansavelmente por países como Estados Unidos e Alemanha, sobre esse assunto que nos dedicaremos na terceira e última parte deste capítulo.

1.4 A eugenia no Ocidente: da teoria a ação

A eugenia foi bem aceita e utilizada como uma estratégia política, ou como diria Michel Foucault como uma estratégia biopolítica⁷ por diversos países da Europa, América Latina e Estados Unidos. Mas chama a atenção o caso dos Norte-Americanos pelo seu pioneirismo em elevar a eugenia a um status de políticas públicas, adotando leis eugênicas a partir de 1907. E, sobretudo o extremismo e a radicalidade da Alemanha nazista. De uma forma geral a eugenia foi usada sob duas formas principais: a eugenia positiva e a eugenia negativa. Esses conceitos foram criados pelo médico inglês C.W. Saleeby partem da ideia de que a eugenia positiva foi mais branda, com um caráter preventivo, como por exemplo, o estímulo ao casamento de pessoas saudáveis e programas educacionais de reprodução

⁶ Ao longo dessa dissertação entendemos “educação física”, não somente como aquela exercitação desenvolvida nas unidades escolares, mas também pensamos ser educação física qualquer forma de exercício físico sistematizado. Como por exemplo, jogos, lutas, danças, esportes, ginásticas entre outros.

⁷ Para Foucault a biopolítica ou biopoder é: “Um poder que se exerce positivamente sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração sua multiplicação, o exercício sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto” (FOUCAULT, 1985, p. 129).

consciente entre aqueles considerados “mais bem dotados”. Já a eugenia negativa é a radicalidade da teoria eugênica. Este tipo de eugenia caracteriza-se pelo impedimento do nascimento dos considerados “não eugênicos”, através das esterilizações, bem como o extermínio destes como foi o caso da Alemanha nazista. Neste país ocorreram a eutanásia, o infanticídio e o aborto. Outro exemplo da eugenia negativa são as leis de restrição de imigração (que também foram adotadas no Brasil como veremos posteriormente).

É necessário ressaltar que a eugenia não foi implementada (bio)politicamente de uma forma homogênea. Inúmeros países adotaram a ciência galtoniana em decorrência de suas particularidades. A eugenia americana, por exemplo, atacou com mais ênfase as esterilizações, que atingia a população pobre, prostitutas e vagabundos, os negros, os de origem latina, prioritariamente a mexicana, como analisaremos adiante, e até pessoas com deficiência física, com o objetivo de preservar a pureza da “raça americana”. Já a eugenia alemã, além das esterilizações, foi como dissemos, a radicalidade da eugenia, valendo-se de métodos cruéis para gerir o “poder de morte” principalmente contra os judeus. Diante disso, a análise mais coerente é aquela que pensa as distintas singularidades do uso da eugenia, e aquela que analisa cada caso em especial. Dessa forma nos deteremos resumidamente na eugenia alemã e norte-americana, pois estas nações despontam frente às outras pela radicalidade no uso da “eugenia negativa”, bem como no pioneirismo em adotar a eugenia como (bio)política governamental.

A eugenia norte-americana destaca-se entre as outras nações, não somente por ser o primeiro país a adotar de um modo efetivo a eugenia, criando comitês e sociedades eugênicas, mas pelo fato de que a eugenia recebeu o incentivo financeiro de magnatas que eram simpáticos à causa eugênica. Financiando, como veremos adiante, a construção de centros de estudos e comitês para que os eugenistas pudessem colocar em prática seus planos, de uma extensiva e compulsória esterilização que vigorou nos Estados Unidos, em alguns estados, até a década de 1990 (ROSE, 2000).

Resumidamente os principais magnatas financiadores da eugenia americana foram Marry Harriman que era esposa do magnata do aço Andrew Carnegie. Juntos financiaram o escritório de registros eugênicos (ERO) por décadas. Frederick Osborn ajudou financeiramente a Associação de Pesquisa Eugênica (ERA). John Harvey Kellogg, irmão e sócio de Will Kellogg na famosa empresa de flocos de milho ofereceu aporte financeiro para a

Fundação de Aperfeiçoamento Racial e para os Registros Eugênicos (ER). E por último a fundação Rockefeller que também financiou o nazismo.

Segundo Diwan (2007), muito antes de ser cunhada a nomenclatura eugenia por Galton em 1869, os norte-americanos já se valiam de métodos eugenistas mais radicais, pois em 1855 foi implantada uma lei de castração para homens no estado do Kansas. E no final do século XIX, existiam leis de interdições de casamentos entre doentes mentais, alcoólatras e pessoas com doenças venéreas. O pioneirismo eugenista norte-americano não ficou restrito à eugenia de cunho negativa, mas também a chamada eugenia “positiva”, quando da criação da Comunidade Oneida, por Humphrey Noyes, caracterizado como um grupo que pretendia incentivar a procriação de casais considerados “superiores”. A comunidade conseguiu, após uma década de experiências (1868-1879), gerar 58 crianças de uma seleção entre 81 casais.

A eugenia americana no século XX marca o início da eugenia mais dura, negativa reconhecida cientificamente e marca também o incentivo de grandes empresas e milionários à causa eugênica. Destaca-se também a aprovação de leis de esterilização. Entre 1905 até a década de 1920, surgiram diversas instituições eugênicas que se expandiram pelo território americano. A principal delas foi o Escritório de Registros Eugênicos (ERO) que foi criado pelo zoólogo Charles Davenport que é considerado o maior eugenista americano, e por Harry L. Laughlin que também foi responsável pela divulgação internacional da eugenia. Este escritório foi criado em Cold Spring Harbor onde atualmente funcionam as pesquisas sobre o genoma humano. O objetivo de Davenport e Laughlin era realizar o mapeamento da população americana, identificando sua “árvore genética”, bem como eliminar os considerados “incapazes”. Dessa forma Black (2003, p. 121) declara:

Foram identificados dez grupos de “incapazes sociais”, estabelecidos como alvo para a “eliminação”. Primeiro, os deficientes mentais; segundo a classe indigente; terceiro a classe dos alcoólatras; quarto os criminosos de todas as espécies, incluindo os pequenos criminosos e os encarcerados por não pagamento de multas; quinto os epiléticos; sexto os insanos; sétimo a classe constitucionalmente frágil; oitavo os predispostos a doenças específicas; nono os fisicamente deformados; décimo os com defeitos em órgãos do sentido, ou seja, surdos, cegos e mudos.

Assim como Davenport e Laughlin foram importantes na campanha eugenista americana, outros cientistas também se destacaram pelo empenho em divulgar e justificar a eugenia nos Estados Unidos, pois: “as bases “científicas” e “ideológicas” para as políticas racistas podem ser mensuradas a partir de autores como Madison Grant e Theodore Lothrop

Stoddard” (SILVA, 2009, p. 46). O autor lembra ainda que Grant foi um dos principais eugenistas a teorizar em favor a causa eugênica sendo que suas obras influenciaram diretamente a criação de leis de restrição aos “indesejáveis”. Já Stoddard se dedicou a uma extensa publicação de livros entre 1914 a 1940. Um desses livros publicados por Stoddard foi *The Rising Tide of Color: Against White World Supremacy* (A onda crescente da cor contra a supremacia do mundo branco).

Neste livro o autor assim se expressa, ao lamentar a imigração para o seu país das “raças mediterrâneas” em detrimento da “raça nórdica”: “[...] Quando a ascendência do país é muito diversa como no cruzamento entre brancos, negros e ameríndios, o descendente é um mestiço, um cão vira-lata, um caos sob duas pernas, tão consumido por sua ascendência dissonante que não passa de um imprestável” (STODDARD, 1922, citado por BLACK, 2003, p. 80-1).

Outras instituições americanas que corroboraram para a divulgação da ciência eugênica foram a Associação de Pesquisa Eugênica (ERA) e a Fundação de Aperfeiçoamento Racial. A (ERA) surgiu em 1913, o foco desta instituição era divulgar a eugenia entre classe operária americana, bem como obter dados sobre a composição das famílias da classe trabalhadora. A Associação de Pesquisa Eugênica reuniu associados de todo o mundo, tanto que em 1928 contava com mais de trezentos associados.

Black (2003) diz que esta instituição (ERA) foi a que talvez mais lutou em prol da eugenia, e ainda contava com o apoio de renomados intelectuais. Na concepção de Black (2003, p. 167-8) podemos perceber:

Talvez a mais militante das entidades de pesquisa eugenista foi a Associação de Pesquisa Eugenista [...] Como muitos outros grupos, também era dominada por Davenport e por Laughlin. Mas, diferentemente de outros órgãos eugenistas, a (ERA) estava determinada a ir além das investigações das famílias e da preparação de documentos. A instituição estava determinada a escalar sua “pesquisa” para uma ação legislativa e administrativa, e para a propaganda pública das causas eugenistas, do racismo e da supremacia da raça nórdica. Como tal, a associação de pesquisa eugenista reuniu os mais renomados médicos, os professores mais respeitados das universidades, os teóricos mais intelectuais do movimento e os racistas mais irados da nação.

Ao contrário de Black (2003), Vanderlei Sebastião de Souza (2007), analisando o livro da historiadora americana Alexandra Minna Stern chamado *Eugenic Nation: faults and frontier of better breeding in modern América* (2005), chama a atenção para o fato de que a

eugenia norte-americana se destacou de uma forma mais veemente no Oeste dos Estados Unidos. Dessa forma, o autor relativiza a importância ao Leste americano e a trajetória de Charles Davenport.

Este destaque do Oeste segundo Souza (2007), justifica-se por que os eugenistas buscaram, no evolucionismo de Frederick Jackson Turner, uma consistência maior para celebrar o mito da criação da civilização do Oeste. Esta seria superior segundo os eugenistas, porque a paisagem natural, a exuberância biológica e a riqueza do solo contribuiriam para fortalecer a superioridade de quem nascia nesta região americana.

A intensificação da eugenia no Oeste americano deve-se primordialmente ao fato de que esta região faz fronteira com o México, que representava a “escória” latino-americana que deveria ser mantida longe dos Estados Unidos, para não comprometer a “pureza dos estadunidenses”. Podemos perceber nas palavras de Souza (2007, p. 365) que:

A partir de meados dos anos 10, esse limite territorial passou a sofrer um duplo movimento de medicalização e militarização. **“Uma barreira eugênica” foi criada com o objetivo de preservar a nação norte americana contra os “bárbaros”, “mestiços” e “disgênicos” mexicanos.** As quarentenas montadas para combater epidemias e higienizar ambientes e defender o Oeste contra doenças e genes do país vizinho contribuíram para fixar preconceitos sobre a suposta inferioridade dos imigrantes latinos. Apesar da proximidade e da similaridade topográfica e climática, o lado mexicano da fronteira foi rapidamente estigmatizado, como uma distante entidade geográfica, um território incivilizado, pobre e ameaçador (grifo nosso).

Diwan (2007) reforça este argumento, apresentado por Souza (2007), de que a eugenia no Oeste americano foi mais dura, pois, como destaca a historiadora brasileira, no estado da Califórnia até 1949, foram contabilizadas 19.042 esterilizações 40 % de todas as esterilizações realizadas nos Estados Unidos neste período.

A primeira lei de esterilização norte-americana foi aprovada em 1907 no estado de Indiana, mais tarde outros estados se renderam à eugenia e aprovaram leis de esterilização como: Califórnia em 1909; Nevada, Nova Jersey, Iowa em 1911; Oregon, Dakota do Sul, Kansas, Michigan em 1913; Alabama, Montana e Delaware em 1923, entre outros. Como aponta Diwan (2007), foram realizadas mais de cinquenta mil esterilizações entre 1907 e 1949 em todo o país, levando em consideração que a última lei de esterilização nos Estados Unidos foi revogada somente em 1970. Após 1940 os Estados Unidos esterilizaram mais 10 mil pessoas até 1960. Ao contrário da historiadora brasileira, Rose (2000) diz que as leis de esterilização continuaram em vigor em alguns estados americanos até a década de 1990.

Stepan (2005, p. 38), analisando a eugenia em seu país, vai pontuar como dissemos antes, o pioneirismo dos Estados Unidos em adotar leis de esterilização, e mostra ainda um número conclusivo sobre o total de esterilizações:

Se algum país pode ser considerado líder na aprovação de legislação eugênica antes da década de 1930, terão sido os Estados Unidos, onde as primeiras leis sobre esterilização pelo estado datam da primeira década do século XX. Pelo final da década de 1920, 24 estados americanos haviam aprovado leis que previam esterilização involuntária, e que foram aplicadas principalmente a internos pobres (e geralmente negros) das instituições para débeis mentais. Mesmo contestada às vezes, em meados da década de 1930, pelo menos 30 mil indivíduos haviam sido esterilizados sob a égide dessas leis. Novas leis de esterilização foram aprovadas por volta do final da década de 1930, e o número de esterilizações cresceu. **No total, cerca de 70 mil indivíduos foram esterilizados, nos Estados Unidos entre 1907 e o final da Segunda Guerra Mundial** (grifo nosso).

Junto às esterilizações, na década de 1920, ocorreu uma corrida aos concursos de “better babies”, que posteriormente passaram a ser de “fitter families”. Essas competições tinham por objetivo premiar os melhores bebês e as melhores famílias de acordo com sua hereditariedade (a origem “nórdica” era mais pontuada), testes de inteligência (QI) e ainda critérios físicos. As provas de “fitter families” passaram a avaliar as famílias americanas primeiramente no estado americano do Kansas, a partir de 1920, estando neste momento já associados ao movimento eugênico. O governador deste estado e também senador dos EUA criou medalhas de bronze para premiar as famílias vencedoras, assim como é realizado com animais para premiar as qualidades da raça. Para justificar tal atitude deu a seguinte declaração a imprensa: “é tão importante para o estado do Kansas, criar bons homens como bom gado e porcos” (CAPPER, 1927, citado por SELDON, 2004, p. 41). Longe de ser um ingênuo concurso popular, esta campanha propagandista americana tinha por objetivo justificar a política governamental já corrente no país, de esterilizações e de restrições à imigração, pois “a ciência providencia um discurso que ajuda a moldar as atitudes políticas e sociais” (SELDON, 2004, p. 46).

Além dos concursos para a escolha das “melhores famílias”, houve também, na década de 1920, uma procura dos médicos, geneticistas e cientistas americanos aos congressos internacionais de eugenia em decorrência da eminente divulgação desta ciência. A primeira edição, como dito antes, foi realizada na década anterior em 1912 em Londres. O segundo e o terceiro Congresso, não por acaso, foram realizados nos Estados Unidos, na cidade de Nova York sob a coordenação de Charles Davenport. Os temas discutidos foram: hereditariedade;

eugenia e família; diferenças raciais; eugenia e estado. O segundo congresso de eugenia realizado em 1921, em Nova York, obteve grande repercussão internacional, pois aconteceu num momento histórico de grande interesse pela eugenia em todo o mundo, cerca de quatrocentas pessoas de várias nacionalidades compareceram ao evento, exceto a Alemanha devido ao mal estar causado na primeira guerra mundial. O terceiro congresso não teve a mesma repercussão positiva do primeiro, foi realizado anos mais tarde, em 1932 e contou com menos participantes e ainda sem a presença de cientistas renomados. Este desinteresse pelo último congresso de eugenia ocorreu devido à perda de respeitabilidade científica da eugenia, e ao eminente mal estar ao associar a eugenia aos nazistas (DIWAN, 2007).

A partir deste período na década de 1930, a eugenia nos Estados Unidos, caracteriza-se pela decadência e perda de respeitabilidade, pois o desconforto com o suporte financeiro dado à Alemanha em 1933 principalmente pela fundação Rockefeller era evidente. Bem como a associação que a eugenia começava a ter com os ideias nazistas. A eugenia perdia prestígio nos Estados Unidos, mas não deixava de ser posta em prática, pois, as esterilizações perdurariam até a década de 1960. Em alguns estados a legislação ficou em vigor até a década de 1990.

Além da ajuda financeira, a Alemanha recebeu a influência dos Estados Unidos para criar uma política de melhoramento da “raça”. A eugenia americana era muito bem vista pelos alemães, que se inspiraram nas leis de esterilizações americanas, para criar algo que viria a ser muito mais devastador: a eugenia combinada com a ideologia nazista. Sobre isso podemos pensar ainda que:

Na Alemanha, a eugenia norte-americana influenciou nacionalistas defensores da supremacia racial, entre os quais Hitler, que nunca se afastou das doutrinas eugenistas de identificação, segregação, esterilização, eutanásia e extermínio em massa dos indesejáveis, e legitimou seu ódio fanático pelos judeus envolvendo-o numa fachada médica e pseudocientífica (GUERRA, 2006, p. 5).

É um consenso entre os estudiosos a repulsa da ideia de que a eugenia surgiu com a Alemanha nazista. É frequente, no senso comum, identificarmos a eugenia com as atrocidades nazistas, porém esta concepção é errônea e simplifica o movimento eugenista. Como acabamos de analisar a eugenia foi muito bem recebida nos Estados Unidos adotando leis de esterilização a partir de 1907, portanto muito antes de Hitler chegar ao poder.

Esta conexão direta entre eugenia e nazismo para Souza (2007, p. 363) “além de não dar conta das contingências históricas do período, pode simplesmente beirar o sensacionalismo”. Assim como os Estados Unidos, a eugenia na Alemanha passou primeiramente por um período de uma abordagem mais suave, logo no início do século XX. Este tipo de eugenia foi representada por Alfred Ploetz, o líder da eugenia alemã, e fundador da Sociedade Alemã para “Higiene racial”, designação pela qual os eugenistas alemães nomeavam a eugenia. De acordo com Diwan (2007), esta instituição pregava uma eugenia mais branda de cunho “positiva”, que se caracterizava por defender métodos para melhorar a saúde do povo alemão, não sendo previsto o aborto a eutanásia, bem como as esterilizações.

Entretanto Black (2003) ressalta a importância do médico alemão Gustav Boeters como um dos pioneiros em difundir os conhecimentos eugênicos na Alemanha. Este médico viajou durante cinco anos (1895-1900) trabalhando em um navio onde teve a oportunidade de conhecer todos os Estados Unidos. Dessa forma vislumbrou as esterilizações, castrações, leis de restrição de casamentos e quando retornou, á Alemanha Boeters “passou três décadas escrevendo artigos de jornal, rascunhando propostas de legislação e clamando, para quem o ouvisse, pela implementação da esterilização eugenista no país” (BLACK, 2003, p. 423).

Como argumentamos antes a eugenia na Alemanha foi muito influenciada pelos Estados Unidos, e a partir da década de 1920, seguindo o exemplo dos americanos os eugenistas alemães começaram a discutir as esterilizações. Várias instituições foram criadas com o objetivo de formalizar este saber em todo o território alemão. Dentre eles estão a Associação de Pesquisa Genética inaugurada em 1921, em Berlim; em 1927 foi criado o instituto Kaiser Wilhelm (KWI), considerado o maior centro de pesquisa e divulgação de eugenia da Alemanha. Esta entidade recebeu apoio financeiro da fundação Rockefeller instituição norte-americana, que ficou responsável de construir as instalações. Outra instituição para divulgação da eugenia, financiada pela fundação Rockefeller, foi o instituto Kaiser Wilhelm de genealogia e demografia do instituto Alemão de Psiquiatria (KWIP) sediada em Munique.

As esterilizações na Alemanha só iniciaram quando da ascensão do regime nazista em 1933, a primeira lei foi aprovada em 14 de julho deste ano, mas entrou em vigor a partir de 1º de janeiro de 1934, e previa a esterilização de pessoas que portassem alguma doença psíquica ou mental. Importante lembrar que esta lei foi aprovada nos moldes da legislação americana. Sobre a primeira lei de esterilização alemã, Carneiro (2009, p. 7) diz que:

Em 14 de julho de 1933 foi decretada a Lei para Profilaxia da Progenie com doença genética determinando a esterilização forçada nos casos de “imbecilidade congênita, esquizofrenia, loucura circular, epilepsia hereditária, coréia hereditária”. Só em Hamburgo foram esterilizadas 62. 463 pessoas em 1934 e 64. 646 em 1935. Em 1935, o centro de estudos II – junta consultiva de especialistas em política educacional e racial deliberou sobre a esterilização de 380 crianças negras entregues a gestapo para as clínicas universitárias.

Com a entrada do regime nazista, iniciou-se a campanha em prol do plano de “higiene racial” posto em ação com as leis raciais de 1935. Essas leis foram um conjunto de ações instaladas pelo regime de Adolf Hitler, para colocar em prática a construção do “novo homem alemão”. Segundo Diwan (2007), a lei para proteção da saúde do povo alemão previa o controle e a proibição dos casamentos entre indivíduos com doenças venéreas e doenças genéticas. E ainda previa a proibição de casamentos inter-raciais, principalmente entre judeus e alemães de “sangue puro”.

O furor nazista começou antes mesmo da deflagração da Segunda Guerra Mundial, pois Hitler ordenou a execução de pessoas com doenças mentais, ou físicas que estivessem internadas em hospitais alemães, para desocupar leitos para o período da guerra. Esse decreto foi assinado um dia antes da ocupação da Polônia em 31 de outubro de 1939. Logo após outra lei foi regulamentada para estabelecer a eutanásia na Alemanha, que passou a vigorar entre 1939 e 1941, foram documentados 250 mil casos de eutanásia até o final da Segunda Guerra Mundial, entre alemães com problemas mentais e físicos.

Carneiro (2009) nos lembra as justificativas dos nazistas para convencer a população dos “benefícios” do genocídio em massa, principalmente dos judeus e as utopias que os eugenistas alemães lançaram mão para obter o apoio da população. Nesse sentido Carneiro (2009,p.7) declara:

Procurando aqui recuperar as utopias que moveram os nazistas as práticas genocidas devemos retomar dois de seus objetivos que foram cruciais para mobilizar grande parte da população alemã e dos países ocupados: a imagem de uma Alemanha limpa de judeus (judenrein), negros, ciganos e comunistas; e a ampliação do espaço vital com o objetivo de formar o império de mil anos. [...] A imagem de uma Alemanha limpa de judeus negros ciganos: através de uma propaganda sistemática, da educação, da ciência e infra-estrutura estatal os nacional socialistas ofereciam aos arianos puros a esperança de um mundo renovado: o império de mil anos.

Com a criação dos campos de concentração no início da década de 1940, os nazistas foram ao extremo com sua ideia de supremacia da “raça ariana”, levando ao extermínio os

considerados “inferiores”, que foram não somente os judeus, mas também outras “minorias” como os ciganos, homossexuais, prostitutas, vagabundos e oponentes do regime nazista. Estes assassinatos eram realizados como bem sabemos na sua maioria nas câmaras de gás. Sem contar o fato que até crianças com má-formação ou algum tipo de doença mental eram encaminhadas a essas câmaras. Dessa forma Black (2003, p. 437) deixa claro:

A eugenia nazista ditaria, enfim, quem seria perseguido, que pessoas viveriam e como morreriam. Os médicos nazistas se tornaram os generais invisíveis na guerra de Hitler contra os judeus e os europeus considerado inferiores. Os médicos criaram a ciência arquitetariam as formulas eugenistas, escreveriam a legislação e até mesmo selecionariam pessoalmente as vítimas para os programas de esterilização, de eutanásia e de exterminação em massa.

É importante ressaltar que o genocídio nazista foi possível justamente pelo mascaramento científico da eugenia e pelo apoio que os nazistas obtiveram junto à população alemã. A população foi mobilizada e convencida a acreditar no perigo que os judeus poderiam representar ao futuro da Alemanha. A propaganda nazista foi muito intensa, valeu-se inclusive do cinema para atingir seus objetivos. Nesse sentido Carneiro (2009, p. 6) complementa:

O Holocausto deve ser avaliado como a expressão máxima da crueldade e do ódio: um exemplo singular de genocídio e de crime contra a humanidade. Entre 1933-1945, os nazistas através de um plano sustentado pelo Estado alemão transformaram o antissemitismo e a eutanásia em instrumentos cruciais para o extermínio de milhões de judeus, além de ciganos e homossexuais. Podemos considerar que, **sem o suporte racista e a ciência eugênica, a operação da matança dos judeus em escala industrial seria impossível**. Por intermédio dos meios de comunicação e de uma polícia especial, o terror e o ódio às raças consideradas impuras se propagaram. A população foi aliciada e mobilizada de tal forma que passou a aceitar a ideia de que os judeus eram indivíduos perniciosos e, comparados a vermes, animais pestilentos e vírus, deveriam ser eliminados (grifo nosso).

Uma breve menção às práticas nazistas faz-se necessário para podermos ter noção de até que ponto chega a brutalidade e a crueldade humana. Sobre isto Carneiro (2009) diz que o extermínio em massa, principalmente dos judeus, começou em 1941 com a chamada “solução final”. A autora mostra, por exemplo, que os judeus eram transportados de caminhão até os campos de concentração e morriam no caminho envenenados com o gás do escapamento dos caminhões. No campo de concentração chamado Belzec o gás empregado era o monóxido de carbono com o qual o prisioneiro agonizava por horas, morrendo lentamente. A imprensa mundial começou a divulgar o extermínio dos judeus somente um ano após o fato, pois o

genocídio foi encoberto, escondido pelo regime nazista. A autora retrata o depoimento de um sargento que presenciou pessoalmente a rotina de um campo de concentração:

Cada noite 30 homens eram escolhidos ao azar e fuzilados; muitos se suicidavam cortando os pulsos com cacos de vidro, pois não suportavam o sofrimento; outros lançavam-se dos andaimes; outros eram flagelados muitas vezes até a morte; enquanto todos eram obrigados a trabalhar no campo seminus, com temperatura de 30 graus abaixo de zero (BEAR, 1943, citado por Carneiro 2009, p. 8)

Foucault, em uma de suas famosas aulas no Collège de France (1975-1976) analisou esta prática conhecida como a “solução final”, caracterizada como o assassinato em massa dos judeus em nome da pureza da raça. Foucault afirma que o nazismo representa a ideia de “biopoder”, ou seja, o poder centrado no corpo das pessoas com o intuito de mais bem dirigi-las. No caso do nazismo, um poder que tem o direito de decidir quem vive e quem pode morrer. E não obstante mostra para toda sua população (independente de qual for a raça) o poderio do estado nazista que detem justamente este poder normatizador e controlador de morte. Sobre isto Foucault (1999, p. 311) diz que:

Houve entre os nazistas uma coincidência de um biopoder generalizado como uma ditadura a uma só tempo absoluta e retransmitida através de todo o corpo social pela formidável junção do direito de matar e da exposição da morte. Temos um Estado absolutamente racista, um Estado absolutamente assassino, um Estado absolutamente suicida. Estado racista, Estado assassino, estado suicida. Isso se sobrepõe necessariamente e resultou é claro ao mesmo tempo na “solução final” (pela qual se quis eliminar, através dos judeus, todas as outras raças das quais os judeus eram a um só tempo o símbolo e a manifestação).

Como demonstramos anteriormente, o regime nazista executou através destes métodos cruéis mais de 6 milhões de judeus, esterilizou e matou centenas de milhares de pessoas “indesejáveis” na Alemanha, sob a justificativa da ciência. Podemos pensar aqui que a Alemanha nazista: “colocou abaixo o mito da neutralidade científica, da ciência desinteressada dos laboratórios. Mostrou o quanto a ciência foi colaboradora consciente da empresa do holocausto” (SILVA, 2009, p. 47). Esta empresa da morte mascarou, por traz do viés biológico, à lógica econômica, pois o nazismo realizou o extermínio também como uma medida econômica, pois deixou de gastar 885 milhões de marcos com o cuidado com os “incapazes”. A eugenia na Alemanha foi o exemplo mais radical da perversidade do uso da ciência, para a construção de um suposta superioridade racial alemã, talvez o maior crime

contra a humanidade foi realizado sob o endosso do “discurso científico”. Dessa forma “O século XX pareceu dar razão á formula atroz segundo a qual a evolução é o crescimento do poderio da morte” (MORIN, 2003, p. 70).

Após o fim da segunda guerra, a eugenia foi entendida como sinônimo das atrocidades nazistas, e falar nela tornou-se algo constrangedor. Os eugenistas reordenaram seu discurso para outras áreas do conhecimento, principalmente a biologia genética. Segundo Souza (2007), é um engano acreditar que a eugenia foi sepultada após a segunda guerra mundial, ou como muitos preferem “caiu num sono profundo”, segundo o pesquisador a eugenia foi reeditada e recolocada com outros termos, assumindo outras roupagens, redefinido seus estudos para outras áreas do conhecimento como, por exemplo: demografia, sexualidade, biotipologia, psicanálise, antropologia, sociobiologia. Por fim para o autor a “queda” da eugenia não se deu nos anos 1940 no pós-guerra, mas sim entre os anos 1960 e 1970. Nessa direção, Paty (1998) assinala que as classificações antropométricas que foram utilizadas pelos antropólogos do século XVIII, e principalmente pelos eugenistas não foram deixadas de lado simplesmente pelos atos políticos promovidos pela ONU no pós-guerra, mas justamente pelos avanços da ciência genética que seduziu novos eugenistas.

A eugenia encontrou receptividade também no Brasil. Por aqui intelectuais, médicos, juristas, escritores, educadores defenderam a ciência galtoniana, inclusive no sentido de se adotar leis de cunho eugênico e ainda idealizaram, em um país mestiço, o “branqueamento da população”. Os desdobramentos, as particularidades do movimento eugênico no Brasil é o que iremos tratar no segundo capítulo dessa dissertação.

2 A EUGENIA NO BRASIL

2.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo analisar o movimento higienista e as alianças e congruências com o movimento eugenista, nas primeiras décadas do século XX, bem como demonstrar de que forma os principais intelectuais brasileiros pensavam a formação da nação brasileira, através do melhoramento da “raça”, que necessariamente seria atingida através da eugenia e da higiene.

Pretende ainda evidenciar as principais instituições que representavam este discurso e as similaridades e proximidades entre os intelectuais. Num segundo momento, nos deteremos em analisar a trajetória acadêmica e profissional do médico paulista Renato Kehl, que era considerado o principal eugenista brasileiro, e suas ações para divulgar e implementar a eugenia no Brasil, que perduram por quase trinta anos.

2.2 A eugenia e as proximidades com o movimento higienista

É um consenso entre os estudiosos que o movimento higienista e eugenista caminharam de mãos dadas principalmente nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Com o intuito de construir um novo homem brasileiro, civilizado, livre de doenças que há muito o molestavam e o impediam de trabalhar e almejar a tão sonhada civilidade, minimizando assim os efeitos “funestos” da miscigenação.

Vale lembrar que não é nossa intenção neste tópico o estudo aprofundado sobre o higienismo, pois entendemos que isto resultaria em outro trabalho dedicado exclusivamente a este relevante tema. Pretendemos mostrar brevemente como se desenvolveu este movimento no Brasil e, ainda, as conjunturas, as alianças entre eugenia e o higienismo, que nortearam o pensamento dos principais intelectuais brasileiros nas primeiras décadas da República no Brasil, detidamente em São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo Schwarcz (1993) as primeiras instituições que representavam a ciência no Brasil no final do século XIX e no início do século XX foram influenciadas pelas ideias evolucionistas e darwinistas. Dessa forma a mestiçagem era entendida como algo que iria degradar, degenerar a raça brasileira. Era preciso “curar” a mistura racial para evitar a decadência da nação. Opondo-se a esse discurso os médicos do Rio de Janeiro, liderados principalmente por Oswaldo Cruz no início do século XX, estavam preocupados em descobrir a cura de várias doenças que assolavam principalmente os países de clima tropical. Como a Doenças de Chagas, Febre Amarela, Varíola, Peste Bubônica, pretendiam ainda criar políticas públicas de saneamento e higiene para a capital da república. Estas políticas foram, de acordo com Diwan (2007), lideradas pelo Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, que em 1908 tornou-se o famoso Instituto Oswaldo Cruz.

Este médico foi o principal responsável pelo levante higienista mais conhecido da história brasileira que foi a Revolta da Vacina que ocorreu entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904. Movimento em que os médicos e sanitaristas deflagraram as péssimas condições de higiene que vivia o povo do Rio de Janeiro em meio à pobreza, à miséria, vivendo em cortiços sem saneamento básico e com péssimas condições de higiene. A população revoltou-se contra a medida do governo de tornar obrigatória a vacinação contra a varíola, e ainda contra as demolições de cortiços e casas consideradas sem condições de habitabilidade, demolição e retificação de ruas e praças (DIWAN, 2007).

Uma violação aos direitos individuais de liberdade dos cidadãos, que não foram corretamente sensibilizados pelo governo, a fim de educar para a necessidade da vacina. Fato este que causou tamanha revolta na população que não era instruída e logicamente não entendia o motivo dessas ações por parte do governo. Devido a isto a imagem de Oswaldo Cruz ficou ligada junto às camadas populares após o final da revolta como um “governante” autoritário que “rasgou” as leis até então instituídas e fora o principal responsável pelas maléficas consequências desta revolta (prisões, deportações e até execuções). No entanto para as elites brasileiras este médico ficou conhecido como o mais importante representante da ciência brasileira, e das pesquisas sobre as doenças que molestavam o país. Sobre os efeitos das ações de Oswaldo Cruz e o aumento do prestígio do movimento higiênico no Brasil De Luca (1999, p. 206) vai afirmar que:

As vitórias de Oswaldo Cruz sobre a malária, a febre amarela a varíola e a peste bubônica acabaram por dobrar as resistências impostas pelos detratores das novas práticas. A higiene, ungida pelo prestígio que somente a ciência era capaz de conferir, adentrava o cotidiano dos indivíduos, inspecionando, vigiando, e controlando por meio de um conjunto de normas, cuidados, prescrições e recomendações.

Entretanto, não foi somente na capital do país que a necessidade de higiene foi deflagrada, também no interior do Brasil onde foram investidas diversas expedições científicas iniciou-se a campanha para “curar” os moradores dos longínquos sertões brasileiros. Dessa forma Rosa (2005, p. 32 evidencia):

O olhar sanitário voltou-se para o interior porque com um cunho nacionalista, era fundamental a valorização das particularidades nacionais; este raciocínio permitiria ações que promovessem a identidade nacional, [...] prevalecia à certeza de que o Brasil era um país disgênico, tanto pelo clima quente quanto pela constituição de seus indivíduos (degenerada e fraca). A grande pergunta feita no Brasil dizia respeito à sua identidade; para que esta resposta fosse uma realidade, era preciso identificar os elementos que comporiam esta identidade.

As expedições pelo interior começaram em 1912, com a direção de Oswaldo Cruz, com o objetivo de observar e mapear a situação em que se encontrava a população interiorana brasileira. Munidos desse objetivo, os doutores Belisário Penna, Arthur Neiva e Miguel Couto lançaram-se ao interior do Brasil na famosa viagem que resultou na publicação quatro anos mais tarde do relatório intitulado *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Este texto foi originalmente publicado na série *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* e é considerado pelos estudiosos o texto fundador e mais importante do sanitarismo no Brasil. Sobre Este importante relatório podemos pensar ainda que:

Indica que, naquele momento, os médicos Belisário Penna e Artur Neiva viam como características de toda a população com que entraram em contato o abandono, o tradicionalismo, a total ausência de identidade nacional. Acreditamos que a imagem do Brasil doente foi pouco a pouco construída, proporcionalmente á repercussão do próprio relatório de viagem e das publicações que se seguiram (LIMA; HOCHMAN, 1996, p. 30).

As péssimas condições presenciadas pelos médicos podem ser sintetizadas na máxima de Miguel Pereira que o mesmo afirma em 1916 “o Brasil é um vasto hospital”. Essa situação de calamidade também é relatada por Belisário Penna que assim se expressa em um artigo

publicado na *Revista do Brasil*⁸ em 1918 em que concluía que mais de dois terços da população do interior:

Se definham, se abatem, se degradam e se arruinam, chupados e empreguidos pelos vermes intestinais; picados, sugados e intoxicados por mosquitos, percevejos e barbeiros; a bater queixos, a carregar baços colossais; ou aleijados, paralíticos, cretinos, papudos e cardíacos, com sangue e tecidos repletos de protozoários patogênicos; roídos e apodrecidos em vida pela lepra e pelas úlceras; cegos pelo tracoma. Pela varíola, pela sífilis e pelas gonococcias; aviltados pela cachaça; entocados em pocilgas de taipa e palha; e atolados, na mais espessa ignorância de rudimentares preceitos de higiene, suficientes para livrar a coletividade de doenças transmissíveis, para melhorar e apurara a raça. [...] (PENNA, 1918, citado por DE LUCA, 1999, p. 206).

A citação acima reflete com clareza a posição da maioria dos intelectuais da época que estavam preocupados com a deplorável situação de saúde dos moradores do interior do Brasil. Já delegando a sua apatia e falta de vontade para o trabalho à sua precária condição física e de saúde e não à sua descendência racial como acreditavam alguns pensadores brasileiros anos antes, como foi o caso de Monteiro Lobato, que foi dos principais intelectuais e difusores da ciência no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Monteiro Lobato, por sua vez é uma referência para pensarmos o movimento higienista e ainda a eugenia no Brasil devido a suas publicações e a sua participação e estreitamento com os maiores representantes desses movimentos. Não são poucos os especialistas que analisam o higienismo e a eugenia através de Monteiro Lobato, como: De Luca (1999); Mota (2003); Habib (2003); Santos (2005); Diwan (2007) entre outros.

Esta relação de Lobato com movimento higienista fica evidente num primeiro momento, quando Monteiro Lobato escreve em 1914 o conto *Urupês*. Neste texto Lobato descreve o personagem “Jeca Tatu”, que era para alguns o retrato fiel do homem sertanejo no Brasil, quebrando com a tradição ingênua que entendia o homem do campo como o futuro da civilização brasileira. Lobato pensava “o Jeca” como um caipira avesso à modernidade, pobre, sem ambição, muito ignorante e acometido pela inércia e preguiça.

Nessa direção Lobato (2004, p. 167) esclarece:

A verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine da tabuinha no beijo, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evoluir, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.

⁸ Periódico criado em 1914, com objetivo de construir uma identidade brasileira e ainda a idéia de nação (a partir de 1918 foi adquirida por Lobato).

Entretanto, como vimos anteriormente, o higienismo tornou-se a fonte de explicação para todos os males brasileiros, pois ocorreu a descoberta das doenças transmitidas por micróbios e bactérias. Lobato atento ao novo discurso científico se rende ao higienismo ao escrever o livro *Problema Vital* de 1918. Esta obra foi elaborada através de um compêndio dos artigos publicados por Lobato no jornal *O Estado de São Paulo*. A primeira edição esclarecia que os artigos foram organizados em volumes por determinação da Sociedade de Eugenia de São Paulo e pela Liga Pró-saneamento do Brasil. Segundo Lobato a explicação para a pouca vontade para o trabalho do “Jeca” não estava na sua preguiça ou indolência característica de sua “raça”, mas sim porque o mesmo estava tomado por moléstias que ele ignorava, acometido por doenças e pelo desleixo do governo, assim passou a uma condição de “vítima”. Nessa direção Lobato (1968, p. 285) diz que:

O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol. Mas é um homem em estado de latente. Possui dentro de si grande riqueza em forças. Mas força em estado de possibilidade. E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência as terríveis endemias que lhe depauperam o sangue caquetizam o corpo e atrofiam o espírito. **O caipira não “é” assim “Está” assim.** Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico (grifo nosso).

O Jeca passa a ser garoto propaganda representado na figura do “Jeca Tatuzinho” que ingeria o Biotônico Fontoura ficando, assim, livre das doenças, como o amarelão, que deterioravam sua saúde. Para o historiador André Mota este personagem “longe de ser um mero garoto propaganda, o novo Jeca seria o símbolo de independência e força para expurgar todos os males e doenças” (MOTA, 2003, p.84).

Monteiro Lobato reordenou sua fala, orientado justamente pelo famoso relatório de viagem publicado em 1916 por Belisário Penna. Lobato (1968, p. 257) reafirma as ideias dos expedicionários e critica o governo da época por desconhecer tamanhas desigualdades como podemos perceber:

Depois dos estudos de Carlos Chagas, Artur Neiva, Osvaldo Cruz, e depois das veementíssimas palavras de Belizário Pena, governo nenhum, nenhuma associação, nenhuma liga, pode alegar ignorância. **O véu foi levantado. O microscópio falou.** [...] E, para suprema vergonha e desdouro eterno do nome brasílico, com a consciência de que desmedrou arrastado por males evitáveis ou de fácil cura. Males de que todos os países de mesologia semelhante se libertaram pela profilática inteligente, com lentidão uns com rapidez outros (grifo nosso).

Aqui as primeiras alianças entre o movimento higienista e eugenista são notórias, pois Renato Kehl (maior eugenista brasileiro) foi considerado pelo próprio Monteiro Lobato como sendo o “pai da eugenia no Brasil” e a Liga Pró-Saneamento que foi inaugurada em 1918 era formada pelos mesmos integrantes da Sociedade Paulista de Eugenia, dentre eles: Belizário Penna, (sogro de Renato Kehl) Carlos Chagas, Artur Neiva, Miguel Pereira, Vital Brasil, Monteiro Lobato, Renato Kehl, Afrânio Peixoto, dentre outros.

No entanto, é necessário observar algumas questões relevantes no que tange à análise desses importantes movimentos no Brasil, como podemos ver nas palavras de Boarini e Yamamoto, 2004, p. 63):

Refletir sobre o higienismo e a eugenia nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, exige alguns cuidados. Primeiro, ao ler o passado, podem ocorrer distorções na compreensão se o fizermos com a lente e os recursos do presente. Sem este cuidado, as limitações históricas da época podem ser consideradas, à primeira vista, como equívocos de seus autores. Há, ainda, a considerar que no período em referência, as ideias higienistas e eugenistas sobrepuseram-se em grande medida, o que dificulta analisá-las em separado. Outrossim, vale assinalar que estes movimentos não eram dominantes frente aos demais existentes no país e mais: ouviam-se vozes divergentes no interior dos próprios movimentos em tela.

De Luca (1999, p. 223) nos mostra que as congruências entre higienismo e eugenia eram notórias nas páginas da *Revista do Brasil* Higiene e eugenia eram vistas como áreas idênticas como bem fala a autora:

No período abarcado pela *Revista do Brasil* higiene e eugenia frequentemente eram encaradas senão como sinônimos, pelo menos enquanto ciências que compartilhavam objetivos muito próximos. A primeira insistia na erradicação das pestilências, das doenças infecto- contagiosas e nos benefícios da boa alimentação, da abstinência de toxinas, da vida ao ar livre, da adoção de hábitos higiênicos; já a segunda pretendia, com base nos conhecimentos acumulados a respeito da reprodução humana, aperfeiçoar física e moralmente a espécie.

O historiador André Mota vai reforçar a tese da proximidade entre higienismo e eugenia, argumentando que para os eugenistas as ações em conjunto seriam fundamentais, como podemos perceber na citação de Mota (2003, p. 48):

Os eugenistas argumentavam que as ações sanitárias e higiênicas praticadas demonstrariam que a luta de restauração nacional e de emancipação de seu povo não poderia estar resumida as atuações até então desempenhadas, por não solucionar os impasses geradores dos transtornos constantes no dia a dia da população. Nas predicas eugênicas apenas a educação sanitária não bastaria para moderar as paixões, para tornar a humanidade melhor, mais equilibrada mais filantrópica. Isso porque o homem continuaria escravo de sua natureza particularíssima, indelével a simples influências morais e mentais, preso a uma força que o subjugaria biologicamente que lhe imprimiria o temperamento, o caráter de modo inexorável à hereditariedade, diante desse fato firmava-se nos discursos, a necessidade de um trabalho conjunto entre os sanitaristas e os eugenistas.

Stancik (2006) lembra que Aleixo Vasconcellos, médico pouco conhecido, 1886- 1961 foi um defensor das ideias expostas anteriormente, pois o mesmo defendia, através do higienismo e da educação, um meio para formar uma “raça sadia e vigorosa”. Já Santos (2005, p. 9-10) dissertando sobre a ação dos eugenistas e sanitaristas vai dizer que, estes alternavam entre o que nomeamos anteriormente, ou seja, a eugenia positiva e negativa:

Os planos de eugenistas e sanitaristas dividiam-se em eugenia preventiva (controle dos fatores disgênicos pelo saneamento), em eugenia positiva (incentivo e regulação da procriação dos capazes) e na eugenia negativa (evitar a procriação dos considerados incapazes). O objetivo era modernizar o país e apagar os símbolos da degeneração racial. Dos sanitaristas, que negavam as teses da indolência inata tropical, vinham os remédios para um futuro promissor: a educação higiênica e as ações públicas sanitárias. As condições ambientais dever-se-iam modificar-se para que, transformando os indivíduos, os seus descendentes fossem beneficiados.

Os eugenistas e higienistas seriam responsáveis pela solução de um problema que afligia os intelectuais deste período (início de década de 1920), ou seja, a falta de povoamento do Brasil. Pois o nosso país era considerado extremamente rico, considerando suas riquezas geográficas, mas carecia de uma população não somente forte, robusta, ativa e trabalhadora, mas que fosse ainda numerosa e dispusesse da capacidade produtiva para engrandecimento da nação. Sobre isto Mota (2003, p. 49) nos fala:

Ainda na perspectiva dos sanitaristas e cientistas da raça o Brasil seria um vasto país em que poderiam sem dificuldade trabalhar e viver 200 milhões de habitantes. Entretanto contabilizavam o início de 1920 apenas 48 milhões de pessoas atestando por esse raciocínio uma falta de organização no campo sanitário, pois as suas ações eram tidas como pouco eficazes diziam parte dos médicos, mas também nas qualidades raciais de sua gente que carecia de cuidados urgentes.

Assim como André Mota, De Luca (1999) analisando as alianças entre higienismo e eugenia, vai chamar a atenção para o fato de que essas duas áreas uniram-se ainda para resolver outro problema, além da falta de povoamento que seriam os efeitos maléficos dos chamados “venenos raciais” e sociais. Estes venenos eram: o cigarro, morfina, cocaína, bebidas alcoólicas, doenças venéreas e infecciosas, que estariam aniquilando a população brasileira. Afrânio Peixoto, integrante da Liga Pró-Saneamento, escreveu um artigo publicado na *Revista do Brasil* no qual o mesmo faz referência ao álcool que era um “mal” que a eugenia e a higiene deveriam cuidar. De uma forma extremamente preconceituosa e determinista ele assim se expressa: “Os filhos que vingam aos bêbados são sujeitos á convulsões, meningite, epilepsia, e, como idiotas, imbecis, epiléticos vão, inevitavelmente, para o hospital, ou para o hospício, não raro pelo caminho da prisão” (PEIXOTO, 1918, citado por DE LUCA 1999, p. 227).

Seguindo esta mesma linha de raciocínio Mota (2003) vai evidenciar a relevância do higienismo para a eugenia, pois a higiene seria também responsável pelo nascimento de brasileiros livres de doenças, fortes e aptos para o trabalho. Mota (2003, p. 50) deixa evidente que:

Uma nação só seria verdadeiramente rica e próspera racialmente quando possuísse homens de linhagem hereditariamente sadia e produtora de riquezas. Nessas condições, tanto, mais prospera uma nação quanto mais elevado o índice de famílias de bem-dotados. Com essa bandeira, os eugenistas divulgariam que sem as prescrições higiênicas da raça, o nascimento de brasileiros diminuía: dos que nasceriam, a maioria morreria dos que vingariam, a maioria poderia ser considerada inapta para o trabalho, para a produção econômica, moral e intelectual, ficando o país condenado á tutela dos estrangeiros.

Como vimos, na década de 1920, a eugenia estava fortemente associada ao higienismo, o que significava uma eugenia preventiva, “positiva” apenas preocupada com a melhoria das condições ambientais dos brasileiros. Apoiada neste suposto discurso redentor da “raça”, a Fundação Rockefeller resolve apoiar o sanitarismo paulista através de ações junto à Universidade de São Paulo (USP), intermediadas pelo médico Arnaldo Vieira de Carvalho, que era presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo. Como expressamos no primeiro capítulo deste trabalho a Fundação Rockefeller foi responsável por financiar a eugenia americana e, sobretudo colaborou intensificamente com os assassinatos do regime nazista. Sobre esta fina relação entre a eugenia e higienismo no Brasil podemos pensar ainda que:

No período compreendido entre 1910 a 1920, a fundação norte-americana desempenha papel fundamental na implementação de programas de saúde pública, como o combate à ancilostomíase, à febre amarela, e a assuntos que se relacionavam ao saneamento. **Num primeiro momento, pode-se falar que a Fundação Rockefeller participou do movimento eugenista brasileiro, por uma via alternativa, por meio do movimento sanitário.** Algumas das figuras que trabalharam diretamente tanto nas negociações da Rockefeller com as autoridades brasileiras, bem como na implementação efetiva da ação dela no país, se destacaram também na eugenia brasileira. É o caso do médico Arnaldo Vieira de Carvalho, figura chave na parceria estabelecida entre a Fundação Rockefeller e a Universidade de São Paulo (USP), na criação da Faculdade de Medicina. Além de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia e do Instituto Vacinogênico, Carvalho era também presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo (KOBAYASHI; FARIA; COSTA, 2009, p. 32-4, grifo nosso).

Na área da Psiquiatria no Brasil, podemos perceber também as conjunturas entre a higiene e a eugenia. A eugenia começou a influenciar a Psiquiatria brasileira por volta dos anos 1920 com o surgimento de algumas instituições como nos mostra Couto (1994, p. 54):

Por volta dos anos 1920, a eugenia ocupava lugar central na psiquiatria acrescentando a teoria da degenerência a possibilidade de transformar o processo de seleção natural através da razão. Foi rico o aparecimento de ligas e entidades diversas influenciadas pelo discurso eugênico (por exemplo, as de combate ao alcoolismo), a liga paulista de higiene mental fundada por Antonio Carlos Pacheco e Silva teve intensa atividade através da propaganda radiofônica e das conferências feitas ao operariado em seus locais de trabalho.

Além da Liga Paulista de Higiene Mental, Liga Pró-Saneamento e da Sociedade Paulista de Eugenia, outra instituição que representa as proximidades entre os movimentos higiênicos e eugênicos foi a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). De acordo com Jurandir Freire Costa esta instituição foi fundada por Gustavo Riedel em 1923, com o objetivo inicial de melhorar as condições dos estabelecimentos psiquiátricos e dos doentes mentais. As intenções e os programas da Liga Brasileira de Higiene Mental eram como aponta Costa (2007), num primeiro momento, dedicar-se à profilaxia das doenças mentais procurando evitar que as características indesejadas do ponto de vista mental fossem transmitidas para os descendentes. Os artigos no período de 1926 a 1930, que enfatizam o caráter preventivo da eugenia defendiam também o combate ao alcoolismo, a desvalorização de casamentos entre indivíduos sífilíticos e “tarados”, e ainda a esterilização destes “degenerados” com o devido consentimento dos técnicos.

Em 1928, ocorre uma reformulação em seus estatutos e passam a atuar com medidas preventivas em escolas, e no meio profissional deste ano até 1934 os psiquiatras aproximam-

se dos higienistas, sendo a disciplina de higiene mental aquela que orienta a prática da psiquiatria. Mesmo com uma relação próxima do ideal higiênico, era a eugenia a principal matriz teórica da Liga Brasileira de Higiene Mental (COSTA, 2007).

De um modo geral as propostas eugênicas da LBHM⁹ eram de cunho profilático, seu único objetivo era preservar as gerações futuras das doenças que seus descendentes pudessem lhes transmitir. As atividades da Liga Brasileira de Higiene Mental perduraram até o fim da década de 1930. Esta instituição mantinha campanhas contra o alcoolismo que eram vistas por Renato Kehl, pai da eugenia no Brasil e membro atuante desta instituição, como um dos principais meios de transmissão de doenças do sistema nervoso, e ainda como possível causa de esterilidade da população, pois reduzia sua capacidade de se reproduzir.

De uma forma conclusiva Souza (2005) entende que as proximidades do movimento eugênico com o higienismo não foram fruto do acaso, mas sim algo planejado (bio)politicamente pelos eugenistas para obter visibilidade e maior adesão ao projeto eugênico no Brasil. Assim fica claro para Souza (2005, p. 3):

A aproximação da eugenia com o ideário médico-ambientalista possuía uma clara posição política de introdução da eugenia no cenário intelectual brasileiro, já que, com isso, conseguia atrair não somente atenção dos sanitaristas e higienistas para este movimento, mas também a de outros setores da sociedade. Como o debate intelectual e político acerca das concepções sanitárias e higiênicas tinham conquistado a imprensa e a opinião pública, além da atenção política que o Estado vinha dispensando a esta questão, é possível afirmar que os intelectuais ligados ao discurso eugênico pegaram uma carona do movimento sanitarista com objetivo de conquistar força em prol da divulgação da eugenia.

É justamente sobre o principal articulador, formador das “redes de poder” entre eugenia e higienismo, Renato Kehl, que tratará o segundo tópico deste capítulo, pois como expomos antes, este era considerado pelo seu amigo Monteiro Lobato como sendo “o pai da eugenia” no Brasil, e Lobato tinha razão. Renato Kehl dedicou quase trinta anos da sua vida em prol da causa eugênica, escrevendo livros e artigos, travando conhecimento com eugenistas de outros países, e criando instituições e alianças para promover e divulgar a eugenia no Brasil, tudo isso com o objetivo de implementar seu projeto eugênico no Brasil. É sobre essas ações que nos dedicaremos a seguir.

⁹ Sobre a LBHM e movimento de higiene mental ver respectivamente: Reis (1994) e Albertini et al. (2007); com relação à institucionalização do movimento higiênico no Brasil no século XIX ver: Gondra (2003); Silva (2003).

2.3 A eugenia de Renato Ferraz Kehl

Este tópico trata sobre a trajetória acadêmica, profissional e as principais ações do médico eugenista Renato Ferraz Kehl. Reservar um espaço exclusivo a este intelectual não é mera formalidade didática, mas sim um meio para destacar a relevância que Renato Kehl obteve junto aos principais pensadores brasileiros durante as três primeiras décadas do século XX. Nosso objetivo maior é nomear suas ações para a divulgação da ciência eugênica no Brasil, bem como seus esforços para congregar o maior número de apoiadores ao seu projeto eugênico, que persistiram por quase trinta anos.

Renato Ferraz Kehl nasceu em 22 de agosto de 1889 num contexto histórico extremamente importante para o Brasil, devido às mudanças sociais e políticas em decorrência da abolição da escravidão e implementação do sistema republicano. Passou a infância e parte da juventude na cidade de Limeira interior paulista, foi educado dentro de uma família católica de classe média, que detiam valores morais bem definidos. Seu pai Joaquim Maynert Kehl (1860-1931), que era filho de imigrantes alemães, influenciou fortemente seu filho, pois este também era médico e farmacêutico. Em 1905 Kehl ingressa na antiga faculdade de farmácia de São Paulo, terminando a mesma em 1909; por alguns meses exerceu a função de farmacêutico na farmácia de seu pai em Limeira, mas já em 1910 decidiu viabilizar seu principal sonho, tornar-se médico (SOUZA, 2006).

Em 1910 ingressou na prestigiada Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde toma contato com as principais teorias e pensadores do período e, conseqüentemente, conhece vários intelectuais influentes entre eles: Afrânio Peixoto, Belizário Penna, Miguel Pereira, Miguel Couto entre outros, que juntamente com Kehl ajudaram a fortalecer também o movimento higienista no Brasil. Estes intelectuais iriam de certa maneira influenciar o pensamento de Kehl e, como veremos adiante, fortalecer e participar ativamente na construção do movimento eugênico no Brasil. Na faculdade de Medicina, Kehl tomou contato com teorias de autores que fizeram sentido em sua trajetória como defensor árduo da eugenia, entre esses autores estão alguns que já estudamos no primeiro capítulo como principalmente Darwin e Galton, ainda Agassiz, Lamarck, e Weismann. Compreender as bases teóricas de Renato Kehl é uma forma de entender melhor o próprio movimento eugênico no Brasil. Nessa direção Souza (2006a, p. 69) explica:

Durante os seis anos em que permaneceu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Renato Kehl travou contato com as obras e as idéias de cientistas como Lamarck, Darwin, Spencer, Broca, Lapouge, Agassiz, Dechambre, Galton e Weismann. De maneira geral, estes autores foram influências importantes no pensamento médico e social brasileiro do período entre o final do século XIX e início do XX. Segundo o próprio Renato Kehl, estes pensadores teriam orientado suas concepções intelectuais, sendo inclusive citados em seus primeiros trabalhos científicos. O estreito contato com as diferentes concepções extraídas destes autores teria despertado seu interesse pelas discussões sobre raça, hereditariedade, evolução, degeneração e, sobretudo, para as ideias eugênicas.

Conforme Souza (2006) após cinco anos Renato Kehl forma-se médico e vai exercer sua profissão altamente prestigiada na cidade de São Paulo em 1916, atuando como médico especialista em clínica cirúrgica e geriatria. Mas não deixou de lado seu principal foco desde os tempos de faculdade que era logicamente a “ciência da boa geração”. Neste mesmo ano, confia a um amigo que, após receber uma carta de um renomado professor francês, sobre sua “tese” final da faculdade sobre dermatologia que isto o encoraja a escrever um livro sobre “hereditariedade normal”. O ano seguinte 1917 é um marco, pois aconteceu o primeiro trabalho de Kehl sobre eugenia. Trata-se de uma conferência realizada em São Paulo na sede da Associação Cristã de Moços intitulada “Eugenia”. Para Diwan esta palestra foi: “a primeira oportunidade de divulgar a eugenia. [...] posteriormente, o texto foi publicado no *Jornal do Commercio* e em 1919, nos *Annaes de Eugenia*.” (DIWAN, 2007, p. 125). Já Souza (2006a, p. 72) é mais específico e relata a preocupação de Renato Kehl que:

Consistiu numa rápida digressão sobre as principais questões que envolviam, em sua concepção, o conhecimento eugênico, sobretudo as discussões relacionadas à hereditariedade e aos “fatores disgênicos”. Renato Kehl procurava ressaltar, ainda, a importância de se estudar a eugenia no Brasil - até agora quase que completamente descurada entre nós num momento em que a idéia nacionalista encontrava-se em pleno desenvolvimento, em que se “despertam as forças regeneradoras” em defesa da nacionalidade.

Destaca-se, nesta famosa conferência, o objetivo de Renato Kehl de enfatizar o trabalho de Miguel Pereira na luta contra as doenças que assolavam a população brasileira, e no cuidado da nossa raça que deveria ser sã, forte e robusta. Era preciso proclamar a eugenia em todo e território nacional. Assim como acontecia nos Estados Unidos, o Brasil também deveria se preocupar com o melhoramento da “raça” e fixar regras para a boa reprodução.

Diferentemente dos historiadores brasileiros, Stepan (2005) vai analisar o começo da empreitada de Renato Kehl para divulgar a eugenia no Brasil, destacando a criação da

Sociedade Eugênica de São Paulo (SESP) em janeiro de 1918. Tomando como exemplo a maioria dos outros países da Europa e Estados Unidos, que criaram suas respectivas sociedades, o Brasil não poderia ficar de fora. Assim Renato Kehl com o auxílio de Arnaldo Vieira de Carvalho, remete uma “carta circular” convidando vários médicos para comparecer na Sociedade de Medicina para tratar da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. Dessa forma Stepan (2005, p. 55) argumenta:

Nascia [...] a 25 de janeiro de 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo, cuja formação representou o primeiro passo na história organizada da eugenia na America latina e o início de um envolvimento mais ou menos contínuo dos latinos americanos com a eugenia entre 1918 e a década de 1940.

A sessão inaugural ocorreu em 15 de janeiro de 1918 no Salão Nobre da Santa Casa de Misericórdia que se tornaria a sede oficial. Esta sessão foi aberta por Kehl que foi nomeado Secretário Geral, que se pronunciou convocando a todos que se empenhassem em divulgar e promover as práticas eugênicas. O objetivo da Sociedade Eugênica de São Paulo era:

Estudar as leis da hereditariedade a regulamentação dos casamentos e meretrícios e da imigração; as técnicas de esterilização o exame pré-nupcial; a divulgação da eugenia e o estudo e aplicação das questões relativas à influência do meio, do estado econômico, da legislação, dos costumes e do valor das gerações sucessivas e sobre aptidões físicas, intelectuais e morais (SOCIEDADE EUGÊNICA DE SÃO PAULO - SESP, citado por DIWAN, 2007, p.100).

A Sociedade Eugênica de São Paulo contava com 140 membros, a maioria paulistas, exceto oito componentes que não eram de São Paulo entre eles estavam o médico Victor Delfino (um dos principais eugenistas argentinos) e ainda Paz Soldán que foi um dos pioneiros da eugenia peruana. Dentre os membros brasileiros figuravam vários intelectuais que trabalharam em favor da higienização no Brasil como mostramos no tópico anterior, como por exemplo: Arnaldo Vieira de Carvalho, Arthur Neiva, Juliano Moreira, Belisário Penna (sogro de Kehl), Vital Brasil, entre outros. Reforçando assim a tese das alianças entre o movimento higienista e eugenista.

Outro ponto merecedor de destaque é a data de fundação da (SESP) que foi em 1918, somente dez anos após a fundação da primeira sociedade de eugenia na Inglaterra e seis anos depois da Sociedade Eugenia Francesa. Como bem fala Diwan (2007), este fato nos faz pensar que os médicos brasileiros estavam conectados e atualizados com o que tinha de mais

atual na ciência europeia. A análise dos participantes da (SESP) remete-nos ainda para a reflexão sobre a importância da “rede de relações que se formou, à medida que avançavam os debates em defesa da eugenia. Dessa forma, é possível também ter claro que não se tratou de uma iniciativa isolada de Renato Kehl.” (DIWAN, 2007, p.98). Vale chamar atenção para este fato, já que é corrente a ideia que Renato Kehl agiu sozinho em prol da eugenia. Ao contrário, como nos fala a historiadora, ele foi auxiliado pelos mais renomados intelectuais da época em favor de seu ideário eugenista no Brasil.

Logo após a fundação da (SESP) a eugenia ganha espaço em renomados jornais como o *Diário Popular de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, onde Kehl escreve sobre os avanços da Sociedade Eugênica paulista. Kehl tenta divulgar a eugenia no Rio de Janeiro no famoso Instituto Manguinhos (que anos mais tarde tornou-se o Instituto Oswaldo Cruz) que realizava um importante trabalho na área da saúde pública. Sobre o interesse de Kehl em divulgar a eugenia no Rio de Janeiro, Souza (2006a, p. 78) fala o seguinte:

O sanitarista Belisário Penna, diretor do recém criado Serviço de Profilaxia Rural e fundador da Liga Pró-Saneamento do Brasil - da qual Renato Kehl fazia parte como membro e representante da classe médica paulista - foi convidado pelo jovem eugenista de São Paulo para liderar a propaganda eugênica na Capital Federal. Renato Kehl acreditava que Belisário Penna poderia desempenhar um papel importante entre os intelectuais cariocas, não somente por ser uma autoridade intelectual e política reconhecida, mas especialmente pelas campanhas que ele vinha desenvolvendo em prol da higiene e do saneamento, cujo propósito, segundo a concepção dos eugenistas brasileiros, em muito se aproximava dos ideais pregados pela eugenia.

Dessa forma, podemos perceber que a campanha de Kehl para divulgar a eugenia, visava ultrapassar fronteiras, pois o mesmo não mediu esforços para divulgar a causa eugênica até mesmo fora de São Paulo mantendo relações com importantes intelectuais que detiam influência sobre os demais (Belisário Penna). Outro colaborador Afrânio Peixoto, que era conhecido pelos seus trabalhos sobre higiene, medicina legal e higiene mental, e declarou em carta a Renato Kehl que poderia ser um divulgador da eugenia no Rio de Janeiro, pois este já desenvolvia trabalhos com o tema da eugenia já há alguns anos e que desejava estimular o debate e a propaganda na capital federal. Com a mudança, em 1920 de Renato Kehl para o Rio de Janeiro a Sociedade Eugênica de São Paulo encerra suas atividades.

No Rio de Janeiro Renato, Kehl inaugura e preside a Comissão Central de Eugenia (CCE). A permanência no Rio de Janeiro e o estreitamento de relações com o pensamento

psiquiátrico brasileiro representado, num primeiro momento, na figura de Afrânio Peixoto, foram fundamentais e se intensificariam nos anos 1920, sobretudo com a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental em 1923. Vale lembrar que Renato Kehl foi um membro atuante desta instituição que, representou e enalteceu os ideais eugênicos, sendo esta sua principal matriz teórica (COSTA, 2007).

Um aspecto importante a ser destacado nesta breve análise da trajetória do principal eugenista brasileiro é a sua participação e investida com o objetivo de influenciar o meio educacional. Num primeiro momento lançando o livro *Fada Higia* em 1923, onde advoga uma educação higiênica para crianças. Esta publicação foi utilizada no ano seguinte como material para o ensino da disciplina de “higiene” em escolas públicas de vários estados brasileiros, sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro.

Num segundo momento, Kehl escreve *bíblia da saúde* em 1926, onde expõe uma série de “preceitos educativos”, sobre higiene, eugenia e moral, como o próprio nome sugere e sem muito sentido de humildade, Kehl esperava que seu livro fosse uma obra “sagrada” sobre lições básicas de saúde. Já em 1927 na primeira Conferência Brasileira de Educação realizada em Curitiba, Kehl defendeu a orientação sexual como forma de evitar conseqüências nefastas para a população. Para os pais a função seria de controlar, nos mínimos detalhes, a educação sexual dos seus filhos e, até mesmo, realçar a importância de se ter “boas companhias”. Aos educadores cabia a função de uma forma didática, ressaltar a importância da “problemática da reprodução animal e vegetal”.

Kehl reafirmava que a salvação eugênica da mocidade brasileira dependia majoritariamente da “vigilância sexual” e da “educação higiênica”. Em outras palavras, o Estado através da educação higiênica e eugênica a família, e os pais, seriam parceiros na normatização, controle e vigilância das crianças e jovens brasileiros, um controle e vigilância rigorosa dos corpos, da sexualidade destes, com o objetivo de torná-los “dóceis”, normatizados, disciplinarizados, como muito bem nos mostra Michel Foucault. Nesse sentido Foucault (2008, p. 119) afirma que:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre os corpos dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer. Mas para que se operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o

poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potencia que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

As campanhas de Renato Kehl¹⁰ com intuito de “normatizar”, “disciplinar”, para educação sexual tornaram-se famosas durante a década de 1920. Principalmente sobre a obrigatoriedade do exame pré-nupcial defendido pelos eugenistas da (SESP) havia a crença de que este exame era a única e mais importante garantia de prevenção das “moléstias hereditárias” como a sífilis, tuberculose e aquelas derivadas do uso abusivo de álcool. Renato Kehl acreditava que os casamentos entre os considerados “disgênicos” seriam os principais responsáveis pelo grande número de “natimortos”.

Todas essas ações de Renato Kehl enquadram-se na questão que já foi discutida no primeiro capítulo desta dissertação. Ou seja, denota uma eugenia mais branda, suave, profilática, denominada “eugenia positiva”, que é representada pelas ações que Renato Kehl idealizou como a educação higiênica, o exame preventivo do pré-nupcial, e a educação sexual, sempre com o objetivo preventivo e ainda ligada aos higienistas.

Entretanto, ao final da década de 1920, mais precisamente em 1928 Kehl reordenou radicalmente suas ideias, partindo para uma eugenia mais dura, radical a “eugenia negativa”. O que motivou num primeiro momento as mudanças radicais nas ideias de Renato Kehl foi:

A viagem de cinco meses ao norte da Europa, realizada em 1928, sobretudo à Alemanha teria influenciado fortemente a percepção deste autor sobre aquilo que ele considerava o “verdadeiro” significado das idéias eugênicas. Renato Kehl voltou ao Brasil fascinado pelas novas discussões com que havia entrado em contato em solo europeu. A partir de então passou a se corresponder frequentemente com cientistas intelectuais e instituições científicas, tanto na Alemanha, Suécia Noruega, Inglaterra, Áustria e Estados Unidos (SOUZA, 2006a, p.122).

Ao retornar desta viagem que foi patrocinada pela multinacional Bayer, Kehl entra em contato com os principais eugenistas da Europa e Estados Unidos, como por exemplo, o principal eugenista americano Charles Davenport. Renato Kehl volta ao Brasil tomado pelas ideias eugenistas de cunho mais radical (negativa) e vai expo-las principalmente em 1929 no *Boletim De Eugenia*, primeiro jornal dedicado à eugenia na América Latina criado por Kehl com seus próprios fundos. E ainda no livro *lições de eugenia*, publicado no mesmo ano que é

¹⁰ Sobre a trajetória de Kehl entre os anos de 1910 e 20, ver ainda, Souza (2006b).

considerado sua principal e mais polêmica obra, este livro foi lançado propositalmente dias antes da realização do primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, ainda em 1929, onde seu texto foi muito aplaudido pelos participantes deste evento.

De acordo com Diwan (2007), o congresso contou com a participação de 200 congressistas entre intelectuais, médicos, professores jornalistas e políticos, biólogos psiquiatras, e escritores. As atenções ficaram voltadas para a possibilidade de intervenção médica na legislação e na possibilidade de formulação de leis em conjunto com os advogados em favor da eugenia. Os temas tratados com mais atenção foram o exame pré-nupcial, educação eugênica, proteção à nacionalidade, imigração, doenças mentais, e educação sexual.

Vale lembrar que esta fase da eugenia de Kehl marca o desligamento deste do higienismo, pois com a mudança radical para uma eugenia mais negativa, o sanitarismo não teria efeito na carga hereditária dos indivíduos, ou em outras palavras o meio ambiente não teria como alterar a hereditariedade.

Nos anos 1930, Renato Kehl continua divulgando suas idéias eugenistas de cunho mais radical principalmente em artigos publicados em jornais da época, e ainda em seu *Boletim De Eugenia*, (Kehl era proprietário e editor) onde o principal objetivo era: “preparar um terreno propício para a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia. Este era fundamental para o fortalecimento das ideias sobre eugenia no Brasil” (ROSA, 2005, p.50).

Alessandra Rosa que se debruçou em sua dissertação de mestrado justamente sobre as publicações do *Boletim De Eugenia*, que foram editados entre 1929 a 1933, vai argumentar, após realizar um rigoroso mapeamento das publicações, que a maioria dos artigos faziam menção ao “eugenismo” e “eugenia”. Esta distinção que a autora utiliza, (valendo-se dos conceitos de Kehl) é um recurso para melhor estudar as publicações. Por “eugenia” pode-se entender os artigos que apresentavam a ciência, seu fundador, notícias da eugenia em outros países etc. O “eugenismo” termo muito utilizado por Renato Kehl seria a descrição de práticas eugênicas para “melhorar” a vida da população. Chama atenção da pesquisadora ainda a quantidade de artigos relativos à temática da genética. Como podemos ver:

Eugenia e eugenismo foram os conceitos discutidos em grande parte dos artigos publicados no Boletim de Eugenia. A tônica destes artigos era definir conceitos, esclarecer propósitos, ilustrar possíveis ações, variando de acordo com o objetivo: eugênico, com medidas que negavam a transmissão dos caracteres adquiridos. No eugenismo, a promoção de atividades preventivas prevalecia. É preciso destacar, contudo, que o número de artigos que tratavam da genética cresceram ano a ano, mostrando que o assunto era considerado cada vez mais importante. É claro que um boletim intitulado eugênico deveria privilegiar este tema; contudo, destaco o crescente número de artigos que trazem assuntos sobre genética e o grande número de artigos cujas práticas de eugenismo sobressaem (ROSA, 2005, p.57)

Em 1931, com o intuito de consolidar as idéias eugênicas no Brasil, Kehl funda a Comissão Central Brasileira de Eugenia, (CCBE). O objetivo desta instituição era contribuir para a formulação de políticas públicas que visassem o aperfeiçoamento racial da população. Com a fundação desta instituição, Kehl pretendia unir os intelectuais ligados à eugenia preventiva, do higienismo e os mais radicais que estavam agora do seu lado na defesa de uma eugenia mais radical. Aqui, novamente reaparece fortemente a Liga Brasileira de Higiene Mental, onde grande parte dos seus membros participavam da CCBE, entre eles:

Ernani Lopes e Porto Carrero, respectivamente presidente e vice-presidente da LBHM; o psiquiatra e eugenista Cunha Lopes, da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro; os eugenistas Toledo de Piza Junior e Octávio Domingues, ambos professores da Escola Agrícola Luiz de Queiroz; e o higienista Achiles Lisbôa. A comissão era formada também por intelectuais e autoridades diretamente ligados ao DNSP, como Gustavo Lessa, Caetano Coutinho e o próprio Belisário Penna nomeado duas semanas antes pelo presidente Getúlio Vargas para dirigir o referido departamento (SOUZA, 2006a, p.174).

Já Diwan (2007, p. 116), ao analisar a CCBE, vai discutir a questão da formação desta instituição e o motivo desta não prever reuniões presenciais, como podemos perceber:

A formação da CCBE não previa uma localização fixa. As atividades da Comissão eram realizadas por meio de correspondências e consultas entre seus componentes, desde que se tivesse em comum a temática, “sem discursos e banquetes”. A extinção das reuniões fornece uma pista do porquê desse novo formato. No primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, as sessões estavam repletas de polemicas e, ao final poucas foram as opiniões de consenso. Talvez por isso Kehl optara em mudar o formato e a dinâmica quando idealizou a CCBE.

Como nos mostra Souza (2006) em 1932, Renato Kehl junto com Oliveira Vianna e Roquette Pinto são convidados para fazer parte da comissão responsável por elaborar o projeto de imigração e povoamento do governo Vargas, em 1935 através de uma emenda

parlamentar a constituição de 1934. O projeto de restrição da migração seria aprovado pelo Congresso Nacional, entre seus preceitos fundamentais estavam os legados eugenistas. Certos integrantes da câmara federal neste momento eram eugenistas como, por exemplo, Miguel Couto e Xavier de Oliveira. Uma das discussões que seguem nesse período é em relação às leis de restrição de imigrantes no Brasil que se limitaram mais fortemente sobre a presença de imigrantes asiáticos, sobretudo japoneses e chineses.

Sobre esta discussão da lei restritiva à imigração estrangeira, Diwan (2007) reforça a tese de Souza (2006) e permeia seu pensamento chamando a atenção para o fato que esta lei que foi abolida com o surgimento do Estado Novo em 1937, tinha um forte apego com a ideologia nazi-fascista, como vai dizer a historiadora:

A Assembléia Constituinte (1933-1934) recebeu os resultados dos trabalhos da Comissão de Imigração, liderada por Oliveira Viana e forma há dois anos antes. Mais política do que racial a lei de restrição à imigração afetou a entrada no Brasil de asiáticos e judeus, denominados pelos eugenistas como não assimiláveis socialmente. Essa postura negativa estava de mãos dadas com a ideologia nazi – fascista e com as políticas imigratórias norte americanas. Legalizada em 1934, foi retirada da constituição após o golpe do Estado Novo, em 1937, embora o comprometimento com a eugenia ainda fosse uma política de Estado, que só recuaria após a adesão do Brasil ao bloco dos aliados na segunda Guerra Mundial, em agosto de 1942 (DIWAN, 2007, p.119-120).

Talvez a aprovação de uma lei federal de restrição à imigração dos “indesejáveis”, no qual contou com a participação ativa de Renato Kehl como membro da comissão tenha sido o ápice do movimento eugenista deste intelectual. Após dedicar-se quase vinte anos em prol da causa eugênica, Kehl vislumbra que conseguiu em parte seu objetivo: sensibilizar os políticos brasileiros para que tornasse obrigatória uma lei com claro caráter eugênico. Apesar da referida legislação ficar em vigor por apenas três anos, é inegável o parcial sucesso que Renato Kehl atingiu. Vale lembrar que concomitante a tudo isto, nem todos os intelectuais estavam concatenados com o ideário eugênico, a refutação a esta teoria era representado por antropólogos como Roquette Pinto, Froes da Fonseca e Gilberto Freire (SOUZA, 2006).

Após a perda do prestígio científico da ciência eugênica e do mal-estar em defender a eugenia no Pós-Segunda Guerra, Renato Kehl redireciona seus estudos para a área da psicologia. Kehl carrega o estigma de ser deixado sozinho como o eugenista que mais trabalhou em prol da eugenia.

No entanto, como vimos, Renato Kehl contou com a participação de inúmeros intelectuais que o auxiliaram em prol do seu projeto eugênico. Porém como lembra Diwan

(2007) estes intelectuais simplesmente retiraram de sua história de vida a participação na funesta causa eugênica no Brasil, como foi o caso de Monteiro Lobato. Cabe recuperar a história eugenista brasileira e adequar os seus personagens na realidade em que se fizeram presentes. Muito já foi falado sobre Renato Kehl, vários pesquisadores recentemente têm se debruçado sobre este personagem que, apesar dos estudos contemporâneos, tem sido pouco conhecido o seu papel como um influente pensador na área médica e social no Brasil.

Renato Kehl não somente conseguiu agregar renomados pensadores no Brasil para junto de seu projeto eugênico, mas também marcou presença na revista *Educação Physica* (1932-1945). Onde em suas páginas, a figura do médico paulista surge com um grande incentivador da educação física, e os artigos assinados por Renato Kehl frequentemente são publicados no periódico. O discurso de Renato Kehl, bem como a forma que a eugenia está representada no primeiro e no principal periódico da educação física é o que analisaremos no próximo capítulo.

3 A EUGENIA E AS RELAÇÕES COM A REVISTA *EDUCAÇÃO PHYSICA*

“Homens novos, homens mais fortes,
homens melhores vão surgir [...]”.

(*EDUCAÇÃO PHYSICA*, 1934).

3.1 Introdução

Este capítulo tem por objetivo analisar a relação da eugenia com o primeiro e maior periódico científico sobre educação física produzido no Brasil, a revista *Educação Physica*, que foi publicada entre os anos de 1932 a 1945.

Para tanto dividimos o mesmo em três partes: na primeira, analisamos brevemente a história da educação física, enquanto disciplina no Brasil, bem como descreveremos a criação da revista nomeando os principais diretores, redatores, e enumerando os seus principais objetivos; na segunda parte, analisamos o pensamento dos principais intelectuais que marcaram presença na revista, detidamente sobre seus discursos que entrelaçavam a educação física com a eugenia com o intuito de “refinar”, aperfeiçoar as futuras gerações; na terceira parte, enfocamos a proximidade da revista com a Alemanha, destacando o apreço que o periódico tinha em relação ao nazismo, por último dedicamo-nos ao racismo á biotipologia, devido a esses temas assim como a eugenia lidarem com a ideia de raça.

3.2 A história da educação física no Brasil

Os temas tratados no segundo capítulo (eugenia e higienismo) sabidamente marcaram a constituição e estruturação da disciplina de educação física no Brasil. Não são poucos os especialistas que se dedicam em torno destas temáticas a fim de demonstrar a marca que estes movimentos delegaram à educação física. Juntamente com a “herança” do militarismo a eugenia e o movimento higienista constituíram o cerne da educação física brasileira.

Entendemos juntamente com Pagni (1995), que as novas interpretações da história da educação física no Brasil se fazem urgentes. No sentido de que se afastem da visão positivista e marxista da história. De forma alguma desqualificamos os trabalhos que foram publicados com base nestes paradigmas, (até os menciono em meu texto) e os autores renomados que se ampararam nessas filosofias. Inezil Pena Marinho e Lino Castellani Filho são os principais historiadores da educação física, mas pensam a história embasada em tais teorias. No presente estudo, procuramos nos afastar de tais paradigmas, e contar a história da educação física sob um novo olhar. Um olhar que tenta entender a educação física em um período histórico mais curto, e que não a circunscreva sob grandes narrativas.

A educação física ou “gymnastica” como foi inicialmente chamada recebeu os primeiros incentivos já no século XIX. Em 1882, Rui Barbosa escreveu o famoso parecer de nº 224 sobre a Reforma Leôncio de Carvalho de 1879 da Instrução Pública. Nesta lei, intitulada *Reforma do Ensino Primário e várias Instituições complementares da Instrução Pública*, Rui Barbosa defende a inclusão da ginástica em todas as escolas, e a igualdade de condições entre os professores de ginástica com os de outra disciplina. A revista *Educação Physica*, na quarta edição de 1934, faz uma menção a este texto reproduzindo o parecer. Onde Rui Barbosa é considerado “o maior entre os maiores políticos brasileiros”, o “pioneiro da educação física brasileira”. E ainda diz que este texto é a mais completa obra já escrita sobre educação física no Brasil, marcando o pensamento dos intelectuais que defenderam a educação física até a década de 1930. Nesse sentido, “As diretrizes que Rui traçou em 1882, no tocante a educação physica, são, em 1933, os ideais que defendem com ardor os adeptos de sua implantação no paiz” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 4, 1934, p. 33).

Castellani Filho (1988) reafirma que o parecer de Rui Barbosa foi uma referência para outros intelectuais que defendiam a educação física no início do século XX. Dentre eles está Fernando de Azevedo que, como veremos adiante, defendeu uma eugenia positiva, ou em outras palavras uma “eugenia social”, que aliada à educação física serviria para aperfeiçoar a raça brasileira. Este ideia também estava presente no parecer, pois Rui Barbosa argumentava que de nada valia uma inteligência superior num corpo doente, debilitado. Aqui o corpo aparece como um meio de se atingir ou manter as qualidades mentais. O entendimento de que a eugenia ou a higiene viesse a aperfeiçoar o homem ou “reconstituir os débeis” é claro nesta passagem do texto de 1882. Sobre isso Rui Barbosa diz:

Acredita-se em geral que o exercício da musculatura, não apresenta senão a robustez da parte impensante da nossa natureza, a formação de membros vigorosos, a aquisição de forças estranhas a inteligência. Grosseiro erro! O cérebro a sede do pensamento evolue do organismo, e o organismo depende vitalmente da hygiene que fortalece os vigorosos e reconstitui os débeis (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 11, 1937, p. 79).

Já adentrando no século XX destacamos a relevância que a revista *Educação Physica* como veremos adiante, empregou aos métodos ginásticos alemães e suecos. Juntamente com o método francês, este movimento ficou conhecido como “Movimento Ginástico Europeu” que foram as primeiras sistematizações dos exercícios físicos realizada no Ocidente. O periódico não se limita a enaltecer as primeiras sistematizações dos exercícios, mas realiza uma apologia principalmente ao povo alemão e a sua cultura, insinuando que o Brasil siga o mesmo rumo. Em virtude disso é necessário um breve apanhado histórico sobre a criação e objetivos destes métodos, que muito dizem sobre a intencionalidade da educação física no Brasil.

Os métodos ginásticos se subdividem em: Método Alemão, Sueco e, posteriormente, foi implementado nas escolas brasileiras o Método Francês. De acordo com Soares (1994), um dos idealizadores do método alemão foi Guts Muths, que no século XIX, munido da ideia nacionalista e da preocupação com a defesa nacional, criou um método ginástico que objetivava produzir homens e mulheres fortes e robustos. Sua sistematização ginástica baseada nas respeitadas ciências da época (biologia e fisiologia) deveria ser aplicada todos os dias tanto para adultos como para crianças.

Vale lembrar que este método pretendia, assim como a eugenia anos mais tarde no Brasil, melhorar, regenerar a raça. Outro teórico Alemão que idealizou a ginástica foi Friederich Ludwig Jahn (1778-1825). Este, além de reforçar a função da educação física (ginástica) como enaltecadora da saúde, da moral e do robustecimento, reforçou o caráter da ginástica militar, pois havia a eminência de conflitos nacionais, e assim como Guts Muths, entendia que era preciso fortalecer o homem. Sua exercitação simulava “obstáculos artificiais”, que mais tarde tornaram-se os aparelhos de ginástica. No Brasil, este sistema foi utilizado principalmente pelos militares do exército que o adotaram como método oficial em 1860.



Fotografia 1
Jovens praticando o método ginástico alemão.
(Revista *Educação Physica*, n.22, 1938, p.49)

Rui Barbosa foi um dos primeiros a defender a educação física obrigatória nas escolas brasileiras, condenava esta sistematização e defendia o uso de outro método, o sueco. De acordo com o intelectual, este novo sistema era mais eficaz em se tratando do caráter pedagógico que o mesmo possuía.

Segundo Schneider (2006), o Método Sueco foi criado por Pehr Henrik Ling (1776-1879) entre os anos de 1804 e 1830. E, assim como a sistematização alemã, tinha o intuito de corrigir as possíveis imperfeições e anomalias físicas, sendo que a educação física seria um instrumento para corrigir tais degenerências. Essa sistematização foi dividida em quatro partes, como nos mostra Soares (1994) amparada no famoso historiador da educação física, Inezil Pena Marinho. Deste modo a sistematização sueca poderia variar entre: ginástica

pedagógica, (a ser utilizada nas escolas); ginástica militar; ginástica médica e ortopédica; e por último a ginástica estética.



Fotografia 2
Exercitação característica do Método Sueco.
(Revista *Educação Physica*, n.49, 1940, p.43.)

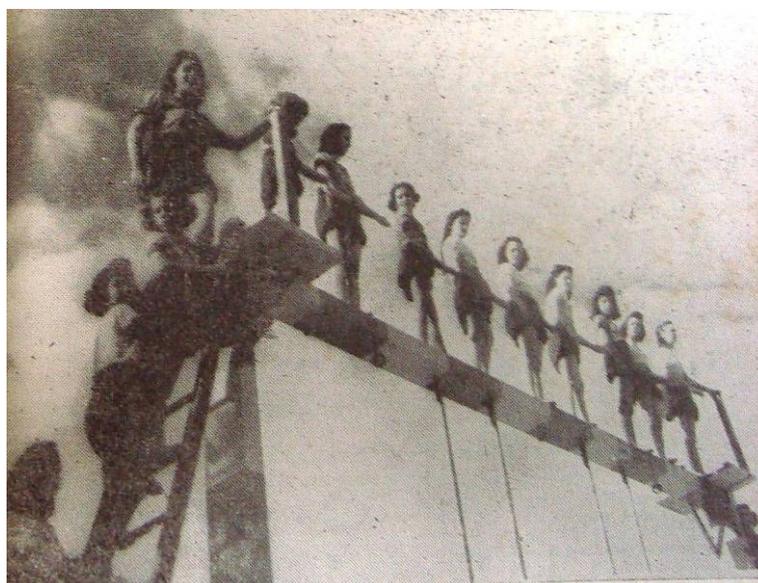
Fica evidente a influência do higienismo sobre a educação física, pois a ginástica médica deveria fazer parte da ginástica pedagógica que era ministrada nas unidades escolares. Esta tinha por objetivo corrigir “defeitos” posturais, curar certas anomalias que o exercício poderia intervir, e ainda eliminar vícios. De uma forma geral melhorar o homem. O método sueco ganhou notoriedade no Brasil, porque outro intelectual além de Rui Barbosa defendia sua implementação nas escolas brasileiras, ninguém menos que Fernando de Azevedo.

O último método europeu a ser aprovado no Brasil foi o método Francês. Esta sistematização francesa chegou ao Brasil em 1907 com a visita de militares a São Paulo com

o objetivo de ministrar instrução aos colegas paulistas. A missão francesa fundou uma “Sala de Armas” que originou a primeira Escola de Educação Física do Estado de São Paulo. Oficialmente a ginástica francesa foi criada no Brasil em forma de lei em 12 de abril de 1907. Já em 1929 o Ministério da Guerra tornava obrigatório o ensino do método Francês em todo o território brasileiro, até que fosse criado um método nacional (SOARES, 1994).

Este método consistia numa exercitação que deveria ser organizada não somente para fins militares, mas, como rezava o liberalismo Francês, delegar para toda população o direito à prática da ginástica. Seu fundador foi D. Francisco de Amorós y Ondeano (1770- 1848) que, como nos mostra Soares (1994), criou um sistema de exercícios semelhante ao método sueco. Munido de ideias patrióticas e morais seu método era dividido em, ginástica civil e industrial, militar e médica.

Outro teórico Francês que estudou a educação física foi Demeny (1850 - 1917) que fez parte do movimento favorável a colocar a ginástica ou os exercícios físicos num status científico. Os estudos de Demeny foram leituras obrigatórias para os intelectuais brasileiros que defenderam a educação física. Reaparecendo novamente a figura de Fernando de Azevedo, como destaque entre os estudiosos brasileiros.



Fotografia 3
Passagem pelo pórtico – Método Francês.
(Revista *Educação Physica*, n.51, 1941, p.25).

Refletir sobre os métodos de educação física que eram “ensinados” tanto para militares quanto aos escolares brasileiros traz à tona o questionamento sobre o que a educação física pretendia. Em outras palavras o que os intelectuais pretendiam com a defesa de uma “cultura física” embasada pela cientificidade respeitável da época.

Dentro de um contexto de exaltação dos conhecimentos biológicos desde meados do século XIX, como podemos ver no primeiro capítulo, a educação física fazia parte de uma discussão que era central para a intelectualidade brasileira, ou seja, a questão do melhoramento da “raça”. Pois como demonstramos a mestiçagem era muito mal vista pelos estudiosos que a consideravam condição de atraso para a modernidade. Os métodos ginásticos têm sua gênese em países que buscaram acima de tudo a “excelência racial” detidamente Alemanha e Suécia. Os métodos criados nestes países como analisamos, pretendiam acima de tudo fortalecer, robustecer, engrandecer e melhorar o homem.

A revista *Educação Physica*, enquanto principal difusora dos novos conhecimentos da área, trazia inúmeros artigos sobre os métodos ginásticos alemães e suecos, o que nos leva a uma reflexão. Inquieta-nos a possibilidade de que a revista *Educação Physica* destacasse em demorado os métodos suecos e alemães por terem sido as primeiras sistematizações ou porque eram países que buscaram a “excelência racial”. Chama a atenção ainda a razão pela qual os diretores e redatores parecem ter como ideal de civilização e raça os países que incorporaram a “eugenia negativa”. Não temos a pretensão de responder estas reflexões fica aqui à provocação para um futuro estudo. Nossa intenção principal e demonstrar a eugenia na revista *Educação Physica*. Para tanto iniciaremos com a análise e descrição da mesma. É o que trataremos no próximo item deste capítulo.

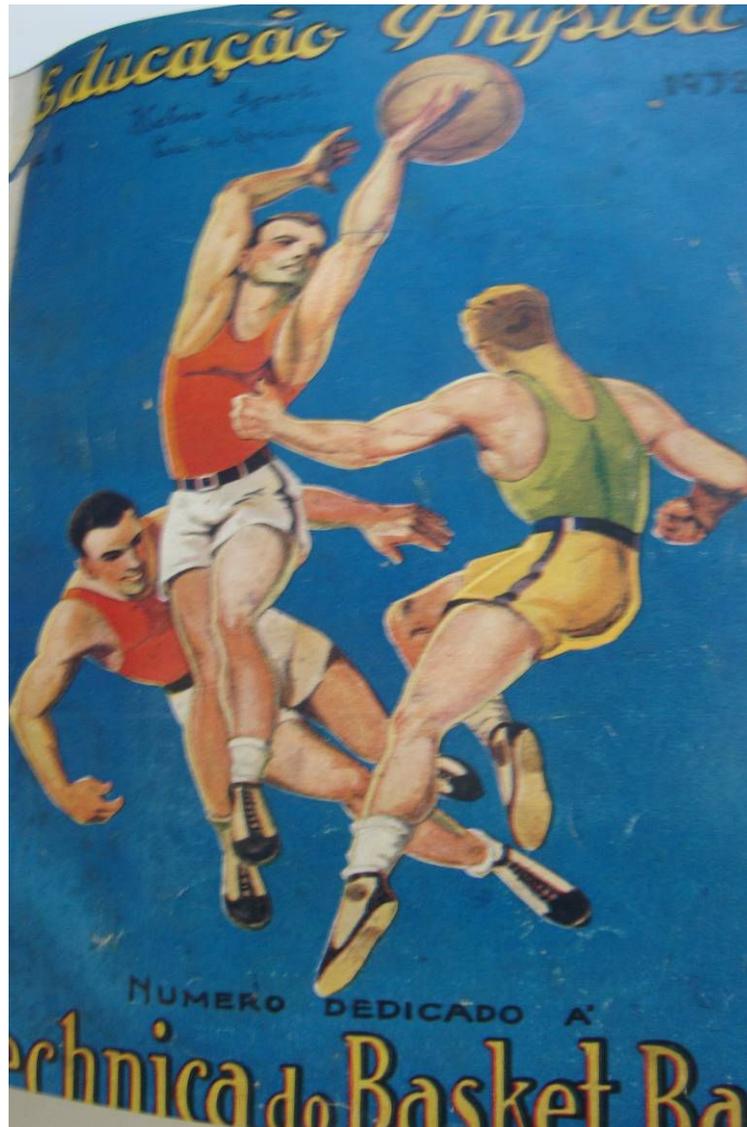
3.3 A revista *Educação Physica*

A revista *Educação Physica* foi criada em 1932 num contexto de advento de um novo regime político que tinha como projeto o desenvolvimento do país, norteado pela ideia nacionalista. A industrialização e a intenção de alterar o caráter agrário do país se faziam urgentes. Para o processo de urbanização e industrialização que se seguia, um novo homem era preciso ser “criado”, um homem forjado pelos princípios disciplinares. Nesse sentido, a

criação da disciplina Educação Física, ia ao encontro dessas estratégias biopolíticas. A partir dos anos 1930, o governo de Getúlio Vargas passou a valorizar a educação física como um meio de atingir os objetivos que se faziam necessários para a modernidade que se vislumbrava. Era necessário robustecer a raça, construir um exército forte para a defesa da nação, bem como preparar os operários fisicamente para suportar as novas exigências do trabalho.

Nesse período de exaltação da educação física, foram criados, segundo Goellner (2008), o Ministério dos Negócios da Educação e da Saúde Pública (1931); Escola de Educação Física do Exército (1933); Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação (1937); a obrigatoriedade da prática da educação física em todos os níveis educacionais via Constituição Federal (1937); Escola Nacional de Desportos junto à Universidade do Brasil (1939), que foi o primeiro curso superior de formação de professores de educação física. E, por último, a criação do Conselho Nacional de Desportos (1941). Nesse sentido de valorização da educação física no Brasil, fazia-se necessário criar um meio para vulgarizar os novos conhecimentos e tornar a mesma mais conhecida e popularizada junto aos profissionais da educação física, esportistas e leigos.

Para atender essas exigências surgia à revista *Educação Physica* que, primeiramente, foi chamada de *Revista Technica de Esportes e Atletismo*. Foi idealizada por dois professores civis de educação física, Paulo Lotufo e Oswaldo M. Resende, que foram os primeiros diretores da revista. Posteriormente, em 1936, o então tesoureiro Roland de Souza assumiu a direção. Seus principais editores foram, Paulo Lotufo, Oswaldo Murgel Resende, Roland de Souza e Hollanda Loyola. Entre os principais redatores destacam-se: João Lotufo, Coelho Neto, A. Tenório D'Albuquerque, Origenes Lessa, entre outros.



Fotografia 4
Capa da primeira edição.
(*Revista Educação Physica*, n. 1, 1932).

O periódico foi produzido no Rio de Janeiro pela Companhia Brasil Editora entre os anos de 1932 a 1945 perfazendo um total de 88 edições. A circulação da revista não se restringiu ao Brasil, pois havia correspondentes em outros países da América Latina e da Europa. As primeiras publicações da revista eram semestrais até o ano de 1936, (em 1935 só um número foi editado) e a partir de 1937 o periódico passou a ser publicado mensalmente e, por vezes, bimestralmente, sendo que a edição de março/abril de 1939 foi conjugada e aparece

pela primeira vez a nova ortografia, passando a revista a se chamar *Educação Física*¹¹. No primeiro editorial os redatores expõem os objetivos iniciais da revista que eram promover, divulgar e aperfeiçoar os esportes no Brasil, dessa forma:

“Educação Physica” é uma revista que tem a finalidade de cooperar na divulgação, desenvolvimento e aperfeiçoamento, dos esportes em geral, cuidando mui especificamente, do seu apuro técnico, e refinamento educacional. [...] Promovendo ser uma força nos domínios da educação physica, espera poder reunir todos os elementos, mais representativos, e de maior autoridade, e competência, no justo desejo de tornar um bloco único e indissolúvel todas as pequenas e grandes parcelas de verdadeiros valores que se acham esparsas (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, 1932, n.1, p. 3).

No segundo número da revista havia uma descrição de uma série de objetivos que são os eixos norteadores do periódico, estes foram publicados até a última edição em 1945. Chama atenção o segundo princípio notadamente eugênico, pois pretende utilizar o esporte como um meio de aperfeiçoar a raça. De acordo com os redatores e diretores, a revista assim expressa suas principais intencionalidades:

Vulgarizando os princípios científicos que servem de base á educação physica; **Favorecendo o surto dos esportes, como factor de aperfeiçoamento da raça;** Incentivando a formação de technicos especialistas; Propagando os fins moraes e sociais das actividades physicas; Despertando a attenção publica para esses aspecto do problema educativo; Coadjuvando o governo e instituições particulares na execução de seus programmas de educação physica; Promovendo a união entre individuos e entidades que propugnam pelo progresso da educação physica. (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, 1932, n. 2, p. 3, grifo nosso).

A partir da edição de número quatro da revista o último princípio deixa de ser publicado, passando a ter somente seis princípios que vão nortear a revista até a edição de número 88. Como nos lembra Goellner (2003), nas primeiras edições da revista foram publicados traduções de artigos estrangeiros, com o intuito de ganhar notoriedade e delegar ao periódico um status científico. Merece destaque ainda o grande número de correspondentes, redatores, e colaboradores que a revista possuía, tanto no Brasil como no exterior.

Como já demonstrado a revista *Educação Physica* foi criada num contexto de mudanças sociais e culturais. Os editores do periódico tentaram acompanhar a modernização do Brasil e conseqüentemente da educação física. Munidos deste objetivo, as matérias que são

¹¹ Para evitar confusões terminológicas com outro periódico adotaremos a terminologia *Educação Physica* ao longo desse trabalho, mesmo quando nos referirmos a exemplares que tenham a nova nomenclatura.

publicadas, não raramente, demonstram a necessidade de melhorar, aperfeiçoar a raça brasileira, em outras palavras construir um “novo homem brasileiro”. Como fica evidente em um dos primeiros editoriais da revista: “Educação Physica surgiu para apostolar no Brasil [...] a beleza deste ideal de raça mais completa, e mais nobre, desenvolvida ampla, simultaneamente em todas as suas possibilidades” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 4, 1934, p.11). Imbuídos de melhorar, aperfeiçoar o homem brasileiro, um dos objetivos principais da revista, era segundo os editores:

Mais do que nunca, portanto “Educação Physica” prosseguirá no seu programa. Seu programa é um anseio, um ideal coletivo. E é nesta hora incerta e tormentória de transição, uma necessidade e uma força. Uma necessidade, porque uma força. E uma força de grandes possibilidades creadoras. Desta compreensão mais lata e mais nobre, da Educação Physica, ou melhor, da educação, homens novos, homens mais fortes, homens melhores vão surgir (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 4, 1934, p. 11).

Diante dessa busca de melhoramento do homem, este era compelido através das matérias publicadas na revista a aderir a valores, como a beleza, cuidado com a saúde e prática de esportes que até então eram inexistentes entre a população brasileira. Pois além de informar os profissionais (até 1939 não havia leis para formação de professores de educação física) a revista destinava-se também a população leiga.

De uma forma geral, os textos publicados tratavam sobre esportes, tanto coletivos como individuais. Os escritos mencionavam a técnica correta da modalidade, a opinião de treinadores e divulgação de resultados de competições importantes. Dentro dos esportes havia ainda menção a lutas (primordialmente boxe) jogo, ginástica, dança e fisiculturismo, entre outros. Um tema importante na revista era a saúde, tendo sido publicadas matérias sobre estética, beleza e higiene. Não são raras as citações do ideal de corpo a se atingir, através de índices, classificações corpóreas, dicas de dietas, manuais de exercícios. Ideal este que deveria seguir o ideal de beleza dos gregos tamanha é a quantidade de fotos, artigos sobre esta temática.



Fotografia 5

Mensuração antropométrica, uma das técnicas difundidas pela revista para a classificação corpórea. (Revista *Educação Physica*, n.48, p.39, 1940).

Schneider (2003) através de um inventário catalogou 3.768 matérias, sendo que 1.566 foram assinados por 805 autores. Incluindo notas, editoriais e seções. Já Neto (2004) catalogou um número próximo, descreve que encontrou 53 seções, 878 autores e 3686 artigos. Neto (2004) diz ainda que a revista pode ser pensada em três fases distintas: estruturação (1932-1937) estabilização (1937- 1942) e declínio (1942-1945). Fase esta que coincide com a morte prematura de um dos seus principais diretores e redatores o professor de educação física Hollanda Loyola em 1944.

Não é o objetivo deste trabalho a descrição minuciosa da revista, fato este que já foi compreendido por outros especialistas que investigaram o periódico. Nossa intenção é demonstrar inicialmente como alguns intelectuais pensaram a eugenia e seus enlaces com a educação física.

3.4 Os intelectuais e a eugenia na revista *Educação Physica*

Era senso comum entre os pensadores que a educação física seria um elemento primordial na causa da eugenia, a mesma seria útil na regeneração, aperfeiçoamento e robustecimento da raça. Não raras vezes o periódico, publicava artigos sobre a premissa de utilizar a educação física como um excelente meio de alavancar a completa eugenia dos brasileiros.

Merece destaque neste contexto Fernando de Azevedo e Renato Kehl, pois os mesmos foram os intelectuais que se debruçaram com mais afinco sobre a questão da educação física aliada à eugenia no Brasil. Renato Kehl não vai discutir diretamente a eugenia na revista *Educação Physica*. Em apenas três de seus artigos publicados no periódico, podemos perceber seu pensamento eugênico. Entretanto vale a menção a este intelectual, pois Kehl foi o mentor, o principal formador de “redes de poder” da eugenia no Brasil. Com menos expressividade no cenário brasileiro, mas com uma significativa produção na revista destacamos o professor de educação física, Hollanda Loyola, que da mesma forma que Azevedo e Kehl, concebia a educação física como estratégica no desenvolvimento da eugenia.

O professor chileno Luiz Bisquertt que, apesar de possuir apenas dois artigos publicados, tratou diretamente da relação entre eugenia e educação física. Da mesma forma que Bisquertt, estava Coelho Netto que no único texto que dissertou diretamente sobre eugenia na revista, tratou de aliar higiene a educação física como agentes eugenizadores.

Num primeiro momento, deteremos nos discursos de Fernando de Azevedo e Renato Kehl. Destacamos estes intelectuais devido à importância e o prestígio que os mesmos tinham no Brasil. Destaca-se ainda, pelo fato do interesse de um sociólogo e de um médico com a educação física, entendendo-a como fator importante para seus projetos eugênicos. Posteriormente analisaremos os discursos dos professores de educação física que também

defenderam a “cultura física” como em elemento central para a eugenia, ou seja, Hollanda Loyola e Luiz Bisquertt, e por último o redator da revista Coelho Netto.

O sociólogo e educador Fernando de Azevedo, renomado intelectual, além de ser um dos maiores representantes do pensamento pedagógico brasileiro a partir da década de 1920, foi ainda um entusiasta da educação física. De acordo com Pagni (1997), em 1916 Azevedo escreveu uma tese sobre a “cultura atlética”, inicialmente chamada de *Poesia do Corpo*, a fim de postular a uma vaga como professor da disciplina de ginástica e educação física no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. Posteriormente, esta obra foi reeditada em 1920 e 1960 com o nome de *Da educação physica: o que ela é o que tem sido o que deveria ser*. Este livro foi muito bem recebido na época, por ter sido considerado o primeiro compêndio que delegava à educação física um embasamento científico. Cientificidade que tinha suas premissas nos conhecimentos fisiológicos, anatômicos e biológicos.

Como nos mostra Silva (2007), ainda em 1920, Azevedo publicou outro livro, chamado *Antinoüs*. Neste estava incluído o capítulo “O Segredo de Marathona”, que foi o texto utilizado no seu discurso na Sociedade Eugênica de São Paulo em janeiro de 1919. Além de discursar Fernando de Azevedo foi membro desta entidade. A relação do sociólogo com a eugenia é notória, pois o mesmo ainda participou do 1º Congresso Brasileiro de Eugenia¹², anos mais tarde em 1929 (SOARES, 1994).

Como analisamos no capítulo 2, até o final da década de 1920 a eugenia era uma área do conhecimento que estava associada ao higienismo e a educação. Fernando de Azevedo compartilhava dessas ideias, e aliando higiene, educação e primordialmente educação física, o educador pretendia melhorar, aperfeiçoar o povo brasileiro que segundo ele se encontrava “emperrado e rachítico”. Amparado em concepções neo-lamarckistas, Azevedo e boa parte dos intelectuais do período ignoravam, ou fazia-se ignorar¹³, os novos paradigmas da biologia. A partir de Weismann em 1890 e, como veremos melhor adiante, com a redescoberta das leis de Mendel em 1900, ocorre à desqualificação científica da ideia lamarckiana de herança dos caracteres adquiridos. Dessa forma, como nos fala Silva (2007), a educação física perderia sua eficácia, pois as qualidades adquiridas pelos indivíduos não poderiam ser transmitidas às novas gerações. Mesmo assim a educação física foi entendida como uma estratégia relevante

¹² Sobre este importante evento e as relações com a educação ver ainda: Silva (2005).

¹³ Para Souza (2007) a eugenia proposta por Renato Kehl, incorporou-se ao movimento higienista para ganhar notoriedade e visibilidade junto aos cientistas e a opinião pública brasileira. Defender abertamente uma eugenia mais “dura”, “negativa” causaria repulsa, o que colocaria seu trabalho de divulgação desta ciência em risco.

pelos pensadores brasileiros (Renato Kehl e Fernando de Azevedo principalmente) como uma forma de “eugenizar positivamente” o homem brasileiro.

A revista *Educação Physica* publicou diversos artigos de Fernando de Azevedo, não são poucas as citações de autores e redatores ao famoso educador. A edição de número 5 do periódico diz que Fernando de Azevedo foi: “o precursor entre nós da palavra científica na educação physica proclamando os elementos physiologicos, e pschologicos da “sciencia da saúde”, a educação physica cientificamente fundamentada” [...] (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n.5, 1936, p. 11).

Merece destaque o fato de que os artigos assinados por Azevedo na revista são publicações na íntegra de seções ou capítulos de seus livros que foram escritos em 1920, ou seja, *Da educação physica e Antinoüs*. Para uma melhor compreensão dos mesmos analisaremos os principais textos que demonstram uma síntese das ideias eugênicas do autor. Chama atenção ainda uma entrevista publicada na edição de número 5 no ano de 1936. Nesta entrevista com Fernando de Azevedo, nada menos que 20 anos depois da publicação da 1ª versão do livro *Da educação physica* (1916) é possível perceber a mudança de pensamento do intelectual. Quando questionado sobre a causa da suposta inferioridade da raça brasileira o intelectual assim responde: “A inferioridade physica do nosso povo não é uma questão racial, mas um problema social e econômico de saúde publica e de educação” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 5, 1936, p.46).

No artigo intitulado “Origem e evolução da educação physica”, Fernando de Azevedo trata como o nome sugere, sobre a história universal do desenvolvimento dos exercícios físicos. Como nos mostra Pagni (1995), Azevedo estava orientado pela filosofia positivista, e ao narrar os acontecimentos de uma forma cronológica, entende que existia uma suposta “evolução” na história buscando assim a gênese da “cultura física” no mundo. Debruçou-se inicialmente sobre a cultura oriental, como um possível “berço” da educação física, fez uma menção ao Egito, China, e Índia como precursores da valorização dos exercícios físicos. No entanto, logo na introdução do artigo, o sociólogo apresentou um breve delineamento sobre os conceitos da educação física e, dentre eles, entendia a educação física como um “instituto eugênico de providência”, como podemos ver:

Bem que a educação pyisica tal qua' é estudada sob seus múltiplos aspectos, seja essencialmente no seu molde technico, uma assistência moderna a mocidade em geral, **um instituo eugenico de providencia**, e nas suas bases uma sciencia biológica exata, é importante e utilissimo, contudo, procurar-lhe o gérmem, a ideia primeira d'esta “nova forma de educação” e a linha de desenvolvimento dos exercicios pysics através da historia (AZEVEDO, 1937a, p.10, grifo nosso).

Em “O Problema da Regeneração” que no livro *Da Educação Physica* de 1920 é originalmente chamado de “*Regeneração ethnico-social pela educação physica*”, o autor defendia a educação física como um meio de refinar, melhorar a raça dos brasileiros. Um elemento regenerador de um problema que era central no período (1920), ou seja, alterar as características raciais da maioria da população que na época era como já argumentamos antes, em sua maioria mestiça. Essa “mistura racial” para o sociólogo, e para grande parte da intelectualidade brasileira, era um empecilho, um entrave para se almejar a civilidade. Esta questão foi abordada por Azevedo (1936) que entendia que a causa desta degradação da raça seria a miscigenação do povo brasileiro, que desde sua origem não possuía um tipo étnico definido, estando o mesmo “emperrado e raquítico”. Em razão disso Azevedo (1936, p. 12) explica:

[...] não póde surpreender o espetáculo desagradável d' este povo sem um typo ainda para o qual tenda o typo étnico definido, mas ao contrario, emperrado e rachitico, e por isto, destinado pelos pessimistas á absorpção ou ao menos á quase impossibilidade de torna- se um dia uma força viva da humanidade e uma gloria da civilização latina.

A revista *Educação Physica* compartilhava com a ideia de Azevedo que o povo brasileiro tinha um tipo racial ainda indefinido. Vale lembrar que este texto foi escrito pelo sociólogo em sua primeira versão no ano de 1916. Passados mais de 21 anos o periódico tinha ainda a esperança de que a raça brasileira pudesse modificar-se. Em virtude disso os brasileiros necessitariam praticar compulsoriamente a educação física, que deveria ter como principal objetivo a eugenia. Como diz a revista:

Tem como escopo, ademais de ser o órgão coordenador da campanha em prol do fortalecimento do nosso povo, da eugenia da nossa raça, ser o elemento difusor de ensinamentos, racionaes, producentes, que façam dos brasileiros homens fortes, sadios. [...] Um paiz vasto como o nosso com o tipo racial ainda por definir-se, sob o influxo de vários fatores, a intercorrenca de elementos diversos, necessita obrigatoriamente, da educação physica e deve cuidar, com o mais vivo interesse da eugenia do homem (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 8, 1937, p.11).

Chamam atenção os autores que Fernando de Azevedo menciona para reforçar a tese da inferioridade de nosso povo. Reaparece aqui o que tratamos no primeiro capítulo, ou seja, as teorizações darwinistas. Após surgir o conceito de seleção natural, alguns cientistas, os chamados darwinistas sociais, adaptaram essa ideia aos homens e concederam ao racismo um viés científico. Isso pode ser notado quando o educador cita Darwin argumentando que “toda raça fraca tende a desaparecer”. Outro intelectual a que Azevedo (1936, p. 12) faz referência é Euclides da Cunha para explicar que:

Na gênese do nosso povo é que se vae encontrar explicação esse rachitismo dos mestiços neurasthemicos, que, no dizer de Euclides da Cunha é o traço acentuado de nossa subcategoria ethnica que, a não ser uma mutação imprevista em nosso scenario ou um impulso de factos inacessíveis a percepção atual, tende a desaparecer sem traços remanescentes. [...] Ora, sendo a concorrência vital a lei do mundo organizado, **toda a raça que se enfraquece é condenada a desaparecer: a história ahí está para apoiar Darwin** (grifo nosso).

Considerando os argumentos já apresentados, os eugenistas europeus não estavam equivocados quando afirmavam que a eugenia brasileira era “mais social do que biológica”. Este posicionamento pode ser entendido ao se analisar essas preposições que Azevedo entendia ser cabível a educação física dentro de um projeto eugênico. Mesmo ao citar Darwin para explicar a eminência do desaparecimento dos mestiços, Fernando de Azevedo estava nitidamente embasado biologicamente justamente naquele em que Darwin e, posteriormente, outros biólogos vieram a refutar, ou seja, Jean Baptiste Lamarck. Para Lamarck o meio ambiente poderia influenciar a carga hereditária dos indivíduos e delegar tais características a seus descendentes.

No fim do século XIX, com as descobertas do biólogo August Weismann, e ainda em 1900 com a redescoberta das leis de Mendel (o mesmo já havia escrito em 1865) a teoria de Lamarck é definitivamente refutada. Entretanto Azevedo, assim como outros intelectuais do período, valeu-se da teoria lamarckiana para justificar a educação física no Brasil como um meio de refinar, depurar a raça através das sucessivas gerações. Vale lembrar que os eugenistas brasileiros, incluído o maior deles Renato Kehl, até certo período (fim da década de 1920) entendiam que a eugenia era a soma de todas as ações sociais que pudessem melhorar o homem. Estas medidas eram a educação, o sanitarismo e, sobretudo a educação física. Nessa direção Azevedo (1936, p. 14) demonstra que:

Uma vez introduzida pela educação nos hábitos do paiz, a pratica desta cultura pyisica, sustentada durante uma larga serie de gerações, depuraria a nossa raça de diatheses mórbidas, locupletando- a, progressivamente, pela creação incessante de individuos robustos.. As gerações de amanhã apuradas “por sistema”, pela educação pyisica afinadora da raça e collaboradora do progresso imprimiriam assim nas que lhes succedescem o cunho do seu caráter para que pudessem com o augmento do patrimônio genético hereditário, aperfeiçoar ainda mais a natureza humana.

Na revista *Educação Physica*, Renato Kehl compartilhava dos mesmos ideias de Azevedo, no sentido de uma implementação da “eugenia positiva”. Entretanto vale lembrar que, como já demonstrado no capítulo dois, Kehl vai reordenar seu pensamento eugênico após sua viagem à Europa. Dessa forma a partir de 1928 o intelectual passa a defender uma eugenia mais dura, “negativa”, alinhada com os preceitos da eugenia nazista e americana. No entanto mesmo tendo passado 10 anos da mudança de seu pensamento para uma eugenia mais pesada, a revista *Educação Physica* publicou artigos que refletiam o ideário eugênico de Kehl ligado ainda as questões higiênicas e educativas.

Renato Kehl divulga seu primeiro artigo na revista no ano de 1938, que ele chama de “O Jogador”. Neste texto, Kehl falava que a psicologia já se detinha a estudar o jogador compulsivo, viciado. Argumentava principalmente, sobre os malefícios do jogo enquanto vício que, segundo ele, podia arruinar uma pessoa e uma família. Chamava a atenção para a possibilidade de se ocupar com outros passatempos como a leitura, prática de esportes entre outros. Mesmo tratando de um tema que não se relacionava diretamente com a eugenia, Renato Kehl não deixava de expressar o seu pensamento eugênico, determinista, pois entendia ser importante educar as crianças desde cedo para evitar certos jogos, porque segundo Kehl o jogador compulsivo já nascia com esta “doença”, como ele vai dizer: “quem nasce, porém, com esta tara e desde pequenininho, se acostuma a brincar com cartas, a jogar paciência, a distrair-se com dados [...] pouco a pouco entra a assistir rodas de jogo, a freqüentar casinos [...]” (KEHL, 1938, p.65).

Kehl transparecia ainda todo o seu preconceito contra aqueles que não estavam dentro da normalidade tão desejada pela eugenia. Isto fica claro quando ele se referia ao jogador profissional, valendo-se de uma linguagem vulgar, uma vez que se trata de um periódico científico, compara o jogador viciado com um animal: “O jogador profissional é um velhaco desnaturalizado, pior que a pior das víboras, porque ataca premeditadamente para saquear, seja quem for um pobre empregado, um chefe de família carregado de responsabilidades.” (KEHL, 1938, p.65).

Quando Kehl vai dissertar sobre a mulher e a educação física, o mesmo segue comparando com animais aqueles que não se enquadram dentro do estereótipo de beleza eugênica. “Certas publicações de moda, não obstante, só apresentam em suas páginas figuras disformes, com pernas finas e torcidas, pés enormes ou minúsculas, ou pescoços de cisne [...]” (KEHL, 1940b, p.16). Outro exemplo disso está claro em “higiene do sono”. O médico dizia que aqueles que dormiam demais “[...] acabam em estado de degeneração gordurosa... transformam-se em sacos de banha (KEHL, 1940c, p.30).

Já no texto “A Mocidade” sem deixar de lado seu pensamento eugênico, Kehl abordou os jovens. Esta etapa da existência para o médico paulista era uma das mais importantes da vida, justamente por aliar o vigor físico com o ápice da inteligência. Era a fase ideal para casar-se e ter filhos, pois o jovem “apresenta-se em perfeita harmonia com a natureza e com seu semelhante, em condições magníficas para perpetuar a espécie, fazendo reviver, nos seus descendentes, as qualidades ótimas que é depositário” (KEHL, 1940a, p. 16). Nota-se aqui o pensamento eugênico de Kehl, quando ele afirmava que somente as “qualidades ótimas” deveriam ser transmitidas aos seus descendentes, não restando dúvidas sobre quais qualidades ele esta se referindo, inteligência, vigor físico, beleza, etc.

No entanto Kehl temia que as nobres qualidades que alguns jovens brasileiros poderiam ser possuidores, pudessem ser aniquiladas pelos “venenos raciais”, que eram os vícios do álcool e do cigarro. A juventude estava, segundo Kehl, mais propensa a aderir a esses males, pois era uma fase em que era necessário adquirir afirmação pessoal e respeito junto ao grupo de amigos, e uso da bebida alcoólica e do fumo poderiam ser motivos de força e aumento da auto-estima. A mocidade deveria seguir quatro princípios fundamentais que norteariam suas vidas, a saber: respeito pela própria vida, amor, higiene corporal, e higiene psíquica. Caso não fossem observados estes preceitos a juventude entraria em decadência e haveria o perigo da “degenerência da raça”, pois as boas qualidades não poderiam ser repassadas aos descendentes Como podemos ler conforme Kehl (1940a, p. 17):

Da inobservância desses quatro itens provêm os perigos sociais, graves e crescentes, a decadência da mocidade e conseqüente degeneração da espécie. Averiguando o estado físico de inúmeros de nossos rapazes, verifica-se a enorme porcentagem dos que tem a saúde abalada, **dos doentes dos que trazem o capital hereditário comprometido, incapazes de garantir uma prole sã e vigorosa** (grifo nosso).

Pensando juntamente com Renato Kehl, Fernando de Azevedo entendia também que a “degeneração” da raça era um problema a ser prevenido junto à juventude brasileira. Em “O problema da Hygiene social pela educação physica: medidas que o resolvem”, Azevedo continuava a defender a importância da educação física como um elemento regenerador, porém como um meio de melhorar as condições higiênicas do povo. O educador entendia que a educação física devia ser aplicada principalmente nas classes populares nas quais o risco de uma “degenerência” moral e física era mais nítida. Fazia-se necessária a criação de espaços públicos para a prática de esportes, como “campos” para jogos e até piscinas¹⁴ para a prática da natação, junto à população mais desfavorecida.

A educação física ou no caso o esporte, além de promover as qualidades e habilidades físicas, preenchendo as horas de lazer de uma forma útil, seria ainda uma forma de elevar e corrigir a moral e o caráter dos praticantes. Em outro texto do livro *Da Educação Physica* quando o autor fala sobre a educação física e a puberdade, o mesmo menciona a importância dos exercícios na correção da moral. Como diria Foucault na normatização, e controle dos corpos, sendo que: “O moral se influencia beneficemente dos exercicios judiciosamente executados, desenvolvendo a vontade, o habito do esforço intelligente e o sangue frio”. (AZEVEDO, 1920, p.29-30).

Era urgente a necessidade de fomentar a educação física disciplinadora da moral, principalmente entre os jovens de origem pobre. Pois este segmento estava, segundo o autor, mais propensa a se entregar aos chamados “venenos sociais”, como o álcool, o ócio e o jogo. A educação física resolveria este problema afastando os jovens, e principalmente as crianças destes vícios, pois essas além de serem miseráveis, eram possuidoras, segundo o autor, de uma “hereditariedade biológica viciosa”. Dessa forma Azevedo (1937b, p. 8) ainda relata:

E' fácil inferir a gravidade d'este problema de hygiene social, e não há contestar que a educação physica poderia contribuir, como um fator de primeira ordem, para a sua solução satisfatória. O que é preciso antes de tudo, é attrahir para campos de jogos e para os jardins públicos essas creanças, que têm ainda a lhes aggravarem as condições tristissimas da vida domiciliar, as consequências da miséria de seus paes e uma hereditariedade biológica viciosa.

Era imperioso, naquela época, afastar os jovens dos riscos eminentes para o declínio da raça. Além de criar espaços para a prática desportiva, era urgente evitar outro “veneno

¹⁴ O autor sabia dos altos custos para construir piscinas em zonas pobres da periferia brasileira.

social”: o álcool. Como mostramos no capítulo 2, o alcoolismo foi um tema muito importante para o eugenismo brasileiro. Principalmente na década de 1920, quando a eugenia brasileira estava associada a questões sociais como o sanitarismo e a educação.

Renato Kehl dedicou-se a campanhas contra o alcoolismo, pois era senso comum que o pai alcoólatra iria transmitir doenças mentais a sua prole como, por exemplo, a epilepsia. Em decorrência disso fazia-se necessário um esclarecimento à população com o intuito de combater o uso excessivo da bebida alcoólica, pois isto poderia “degenerar a raça”.

A revista *Educação Physica* incorporou este ideal e publicava anúncios que conclamavam a população para combater o alcoolismo. Chama a atenção um anúncio ressaltando que o alcoólatra, o usuário, era considerado o “inimigo da sociedade e da raça”.



Fotografia 6
(Revista *Educação Physica*, n. 12, 1937).

Não era suficiente conscientizar a população contra os inimigos da boa regeneração da raça brasileira como pensava Kehl. Fernando de Azevedo entendia que seria necessário além da construção de campos e piscinas, a construção de escolas e “asilos de reconstituição”. Essas escolas atenderiam as crianças mais “débeis”, ou aquelas mais predispostas aos efeitos funestos do meio social onde viviam. O objetivo era o melhoramento destes indivíduos num ambiente higiênico e eugênico, que deveria ser construído no campo ou em praias de mar.

Tais instituições seguiram os mesmos moldes de outras já criadas na Europa e nos Estados Unidos, como assim demonstrava Azevedo (1937b, p. 8):

[...] **estas admiráveis escolas eugênicas**, que antes de tudo, têm por finalidade atrair para um meio sadio e moralizador os filhos das famílias pobres ou operárias, devem ser calçadas no molde da que existe em Charlottenburg (Prússia) desde 1904 e que conhecida sob o nome de escola na floresta, é semelhante, quanto aos fins teologicamente ao Camp- Fire - admirável instituição americana para a educação física feminina (grifo nosso).

Na seção nomeada de “Ainda a educação física feminina: O aspecto social do problema Eugenia e plástica”, em *Da Educação Física*, Azevedo pensa que a Sociedade de Eugenia de São Paulo deveria tomar a iniciativa de advogar junto aos legisladores a criação de escolas para as jovens brasileiras. Essas seriam idênticas às norte- americanas, nomeadamente a que citamos acima, a escola “Camp-Fire”. Apoiando-se em um artigo publicado no “*Journal of Hereditary*” de autoria de A. E. Hamilton, o educador brasileiro elenca os objetivos desta instituição que, entre os principais, está o aperfeiçoamento físico e mental das futuras mães, que seriam responsáveis por gerar descendentes fortes para o bem da nação. Para Azevedo (1920, p. 103) era:

[...] **a eugenia a base admirável da instituição americana**, por cuja iniciação cerca de 50 a 70 mil moças – as chamadas jovens “Camp – Fire” já usufruem os múltiplos benefícios do ambiente higienico do campo, partilhando o tempo entre os exercícios da bola, remo e natação e estudos práticos sobre a formação e direção do lar, diferenciação entre os efeitos imediatos do meio sobre a mãe e as modificações étnicas determinadas pelas circunstancias do tempo de maneira a poderem, pela robustez do organismo, aprimorando do caráter e cultura de espírito, tornar-se á a altura de seus deveres e responsabilidades e da eficaz contribuição, com que devem concorrer para ao aperfeiçoamento psycho- physico da raça (grifo nosso).

O pensamento eugênico brasileiro pode ser considerado original, devido como já demonstramos antes, ao viés social que este possuía. Isso fica claro nas palavras de Azevedo ao discutir a necessidade e esperança de melhorar os indivíduos recolhendo-os a um ambiente

educativo com caráter higiênico/eugênico. Entretanto o ideal a ser seguido no que tange à educação, deveria ser inspirado na Europa e nos Estados Unidos. Principalmente na eugenia americana quando ao autor defende a criação, no Brasil, das escolas “Camp-Fire”. Destacamos também as declarações do sociólogo, no sentido de qual a necessidade de isolar as crianças para que as mesmas fossem bem atendidas. Deveria ser uma obrigação do governo, da época, assistir e dar as condições favoráveis ao bom desenvolvimento das crianças e jovens em situação de risco, no seu próprio local de moradia. Essa medida defendida por Azevedo (criação de escolas eugênicas no campo ou em praias brasileiras) seria se, fosse aprovada pela legislação, uma violação às garantias individuais de liberdade e de assistência dos cidadãos por parte do estado.

Renato Kehl, assim como Fernando de Azevedo, também se debruçou sobre a educação física. Como nos mostra Silva (2008), Kehl dedicou alguns capítulos de seus livros a este tema. Na revista *Educação Physica* o médico escreveu um artigo chamado “A beleza feminina: raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas”. No qual defende a necessidade de educar o censo estético dos brasileiros, que segundo o autor valorizavam de uma forma inadequada, as mulheres que eram sedentárias e, conseqüentemente, desleixadas com sua saúde, não importando se elas possuíssem “quadris exuberantes de tecido adiposo”.

Kehl criticou também os artistas que em seus quadros retratavam outro ideário de beleza, ou seja, de uma mulher extremamente magra, esguia que era destituída de massa muscular e logicamente não praticava exercícios físicos. Para Kehl esses modelos femininos eram figuras disformes, que apresentavam deformidades, sendo que os “artistas pintam ou modelam verdadeiras monstruosidades como tipos de beleza” (KEHL, 1940b, p.16).



Fotografia 7
O ideal de beleza feminina na época.
(*Revista Educação Physica*, n. 44, 1940, p. 3).

Não obstante a beleza que era um tema caro à eugenia, nesse texto podemos perceber que a educação física para as mulheres no Brasil, não serviria apenas para corrigir as formas deficientes causadas pelo sedentarismo tornando-as mais belas. Teria como função fortalecê-las para que gerassem filhos fortes e robustos. Esta ideia não difere muito daquela empregada na Grécia, devido ao fato de Kehl citar Licurgo para mostrar a relevância que a educação física possuía para os gregos.

Como nos mostra Boarini (2003), Licurgo foi um líder espartano que comandava o extermínio de crianças na Grécia, com o intuito de eliminar aquelas consideradas fracas ou inválidas. Nessa direção, “Licurgo para garantir a beleza e resistência da raça, prescrevia que as jovens se entregassem aos exercícios a fim de se fortalecerem e dar filhos fortes e belos a Lacedemônia” (KEHL, 1940b, p. 17) Nesse sentido, O pai da eugenia no Brasil entendia que deveríamos seguir o mesmo caminho dos gregos. Sensibilizar as brasileiras para a prática da educação física, com o objetivo de regenerar as futuras gerações, como evidenciado em suas palavras, na passagem final do artigo:

A educação física da mulher é essencial tanto para a própria beleza, como para a regeneração física da humanidade. [...] como eugenista manifesto a importância da educação física da mulher, como um dos principais fatores de regeneração física da espécie. **São as mulheres fortes que fazem uma raça forte**, São as mulheres belas que garantem a beleza de uma raça forte (KEHL, 1940b, p. 17, grifo nosso).

Com o início da Segunda Guerra Mundial as matérias que faziam menção à eugenia, e aos textos de Azevedo e Kehl diminuía a partir de 1939. Esse fato se explica pelo mal-estar causado pelo conflito, pois como sabemos, a já desautorizada eugenia, foi a grande sustentação teórica do nazismo. Em outubro de 1942, o Brasil já havia se aliado a outras nações para lutar contra os alemães, mesmo assim a revista *Educação Physica* não via constrangimento algum em publicar um desenho que preenchia toda a página de ninguém menos que Renato Kehl.



Fotografia 8

Renato Kehl: “Grande eugenista brasileiro e cuja obra de divulgação científica muito deve a educação física racional de nossa mocidade”.
(*Revista Educação Physica*, n. 69, 1942, p.3).

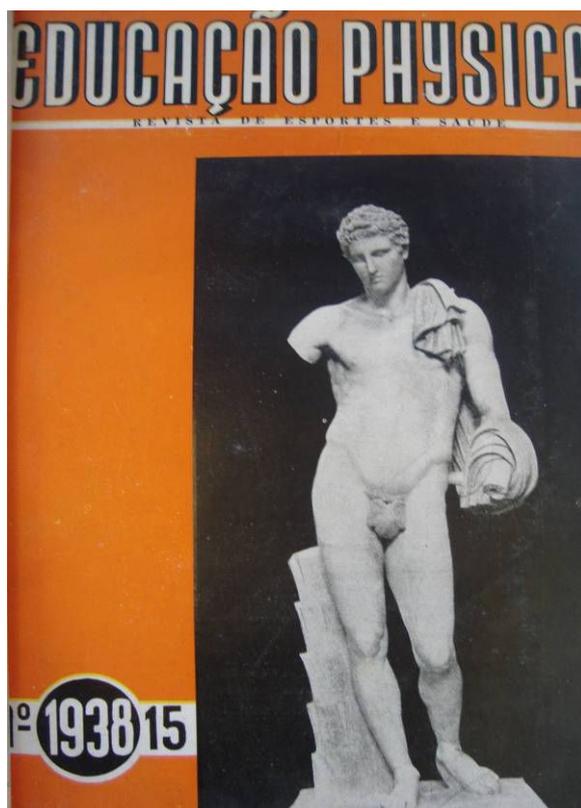
Holanda Loyola, diferentemente de Fernando de Azevedo e Renato Kehl, não era um intelectual reconhecido nacionalmente, mas um militante influente em prol da educação física brasileira. Foi diretor técnico da revista e um dos seus principais escritores a partir do fim da década de 1930 e início dos anos 40. Seus textos defendiam temáticas de interesse da educação física e, principalmente, tratavam de temas que se relacionavam com o contexto histórico de eminência de uma guerra mundial. Ou seja, o robustecimento da raça brasileira via educação física, o nacionalismo, e a defesa nacional.

Já o professor chileno Luiz Bisquertt e Coelho Netto não tinham uma publicação tão expressiva quanto a de seu colega Loyola. Mas seus textos são permeados com a ideia que a educação física seria uma das bases mais importantes da eugenia, uma forma de “levantar” o nível biológico da raça. E corrigir imperfeições dos considerados “mal-dotados”, “débeis” ou imperfeitos. E, ainda a relevância da educação física como aliada da higiene, para atingir a eugenia.

O pensamento eugênico defendido por Holanda Loyola coaduna com as ideias de Fernando de Azevedo e Renato Kehl, (até fim da década de 1920). Segundo o diretor da revista, o melhoramento dos brasileiros se daria principalmente, através da educação física, e seus atributos transmitidos as novas gerações. Ou seja, a “eugenia positiva” que pretendia melhorar, aperfeiçoar o homem sem a intervenção da biologia, ou da regulação/restrição de casamentos. Mas focado na esperança de que a educação física, a higiene e a educação elevassem a raça.

É notória ainda a marca de Fernando de Azevedo sobre o pensamento de Loyola. Pois em grande parte de seus textos era publicada a figura de Antinoüs estampada entre seus escritos. Soma-se a isto o fato de que Loyola fazia inúmeras asserções em seus textos a temas já discutidos por Azevedo. Há referência a esta questão no artigo chamado de “Educação Integral”, no qual o autor diz que somente uma educação global, que contemplasse ao mesmo tempo o físico, a inteligência e a moral, poderia melhorar, aperfeiçoar as futuras gerações e, sobretudo, Loyola (1939a, p. 9) fala que:

A educação física é um em poderoso elemento de eugenia e fornece os elementos suscetíveis de desenvolver e aperfeiçoar as qualidades físicas e morais do indivíduo [...]. A educação integral a única capacitada a zelar pela energia da raça e pelo melhoramento da espécie, assegurando bem estar do indivíduo e o progresso da coletividade, a produzir gerações fortes e sadias, dignas e cultas que elevem a nação, e a perpetuem na história dos povos (grifo nosso).



Fotografia 9

Antinoüs, representante maior da educação integral.
(*Revista Educação Physica*, n. 15, 1938).

A revista *Educação Physica*, em comemoração ao seu oitavo ano de publicação, mostrava o quanto era importante para o periódico esses princípios. Ou seja, a educação integral promovida por Fernando de Azevedo e, como vimos, reiterada pelo diretor da revista Hollanda Loyola. Seria tão importante quanto à eugenia de nossa raça:

Educação Física com êste número entra em seu nono ano de atividade, realizando sem desfalecimento e sem solução de continuidade, o seu programa de trabalho inspirado, no mais sadio patriotismo e na mais firme vontade de bem servir a causa gloriosa do Brasil pugnando pela educação do seu povo e pela eugenia de sua raça. [...] Comemorando o nosso oitavo aniversário, agradecemos penhorados o apôio que nos têm dispensado os nossos leitores e contamos com o proseguimnto dessa colaboração que representa um patriótico serviço prestado a causa da educação física no Brasil, **a formação integral de nossa mocidade, a eugenia da nossa raça.** (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 42, 1940, p. 7, grifo nosso).

A educação integral defendida por Loyola deveria estar atenta ainda à higiene. Este tema era muito importante para a educação física, pois, segundo o autor, deveria ser função do professor de educação física os ensinamentos para a boa higiene; neste caso, a educação sexual, pois negligenciar os preceitos da educação para o sexo seria um:

[...] absurdo, revoltante ignorância, **negar-se-lhe uma importância capital para a eugenia da raça**; sem ela a higiene seria incompleta e a educação física completamente inútil; para a convicção deste assunto basta pensar por um momento nos onerosos tributos que pagamos à sífilis - esse terrível flagelo que ameaça o nosso povo compromete as gerações vindouras e cobre de mais negras dúvidas o futuro da nacionalidade (LOYOLA, 1940a, p. 9, grifo nosso).

Era impreterível para Hollanda Loyola a integração da educação sexual com a educação física, sendo necessária a implementação desta disciplina nos cursos de formação de professores. Este fato daria aos futuros professores de educação física o conhecimento para trabalhar com a disciplina: “Só assim faremos obra de verdadeira higiene e verdadeira eugenia; Só assim realizaremos, com absoluta segurança, uma obra imorredoura, pelo melhoramento da raça e pela grandeza da nação” (LOYOLA, 1940a, p. 12).

O conceito de eugenia para Coelho Netto assemelhava-se com o de Hollanda Loyola. Em relação à importância da higiene aliada à educação física, em seu artigo “Hygiene e Cultura physica”, o autor apresentava a eugenia como a união da higiene com a educação física. Seria a ciência do aperfeiçoamento, não das hereditariedades, como podemos ver na introdução de seu texto:

Si há enfermidades que nos assaltam, as subitas são as mais frequentes as que nos entram no corpo pelas aberturas do descuido. Dois são os meios principais que temos para defendermos de tais inimigas, opondo-lhes resistencia como as cidades que se resguardam com fortalezas; é a **cultura physica**, outro é a **higiene**, constituindo a **somma dos dois a “eugenia”** ou a sciencia do aperfeiçoamento physico e moral do homem (COELHO NETTO, 1937, p. 81, grifo nosso).

Ao longo do artigo, Coelho Netto reuniu argumentos que comprovaram sua tese do robustecimento do físico, para justamente evitar um possível surto de enfermidades que poderiam assolar o sujeito que fosse desprovido de “robustez”. Para o autor a inatividade física ou a inércia seria causa de diversos males que depauperariam o corpo, apagariam a inteligência, obscureceriam a memória e fariam do homem “um parasita de si mesmo”.

Coelho Netto (1937, p. 81) dizia ainda que o cuidado com a eugenia devia ser reparado desde a infância até a morte de uma forma gradual:

Os cuidados de eugenia deve ser desde a infancia, na pauta da mais rigorosa hygiene, sendo continuados em graduação racional até o fim da vida, porque assim como nos alimentamos ingestamente, devemos buscar elementos de nutrição que nos forneça a natureza e que aprhendemos na ambiente (grifo nosso).

O professor de educação física teria outras incumbências além desta de instruir higienicamente os alunos sobre higiene, e orientação sexual. Deveria ainda inculcar na juventude brasileira valores até então pouco difundidos. Esses valores eram a beleza, a saúde e a alegria, que segundo Loyola encaminharia os jovens brasileiros para o caminho da perfeição via educação física e eugenia sendo que: “A consecução deste objetivo fecunda na esplendida realização de um ideal ainda maior e mais belo - é o aperfeiçoamento do indivíduo, a eugenia da raça, a perpetuidade da espécie apurada através de gerações cada vez mais sadias, mais belas e mais alegres” (LOYOLA, 1940d, p. 9).

Desta forma seus ensinamentos fariam parte de um projeto ou educação integral que pretendia elevar o nível da nossa raça. Nesse sentido: “[...] a significação social do professor de educação física no quadro de instrução de um povo, no plano eugênico do aperfeiçoamento da raça, no conjunto dos esforços que se destinam a perpetuar a grandeza de uma nação” (LOYOLA, 1940c, p. 9).

Assim como Loyola, o chileno Luiz Bisquertt entendia que a educação física deveria educar a “totalidade” do aluno. O professor do Instituto de Educação Física e Técnica do Chile, dizia ser necessário evitar a tendência da preparação dos educandos exclusivamente para se tornarem atletas de alta performance, objetivo este que, segundo ele visava à quebra de recordes, e o fomento do espetáculo esportivo. A educação física ideal, segundo o autor, seria aquela preocupada com uma melhor preparação da criança enfocando aspectos psíquicos. Educando o aluno nos moldes de uma educação integral que era defendida por Azevedo e Loyola. Entretanto esta preocupação com um maior estreitamento da educação física com os aspectos psicológicos e pedagógicos passava necessariamente, pelo melhoramento eugênico das crianças, com o objetivo de “levantar” o nível da raça, principalmente dos “débeis”, “mal dotados” e dos alunos medianos como fica claro nas palavras de Bisquertt (1938a, p. 21):

Eis porque o Instituto de Educação Physica se esforça em fazer vêr, nessa disciplina, antes de tudo um meio pedagógico, anthropotechnico, **eugenico, que, destinado a levantar o nível biológico da população infantil e, por ella o da raça**, deve-se dirigir-se a todos com especial dedicação ao typo medio, aos debeis, e mal dotados, justamente o contrario que a seleção desportiva busca (grifo nosso).

O pensamento do professor chileno não coadunava com uma ideia bem aceita na época, (fim da década de 1930) principalmente por Holanda Loyola. A ideia corrente era que uma das principais funções da educação física no Brasil seria a formação de cidadãos fortes para a defesa da nação. Bisquertt era radicalmente contra a militarização nas escolas, argumenta que a ênfase deve ser no caráter biopedagógico da educação, valorizando aspectos morais e psicológicos da criança. Uma educação muito rígida, militarista deturparia esses valores. Por essa razão a educação física deveria enfatizar uma “riqueza eugênica” e prezar pela moral uma vez que:

O Instituto de Educação Physica mantem que a formação do soldado, não é missão da escola, senão tarefa exclusiva da caserna. **Consideremos que para a Educação Physica poder reter sua riqueza eugenica** e moral cumpre- lhe ser desinteressada, livre altruísta, tendo em vista o melhoramento do homem, seja qual fôr o sangue que lhe corra nas veias, seja qual for o céu que lhe viu nascer, e sem outras normas que não os da sciencia apontadas pela observação e experimentação (BISQUERTT, 1938a, p. 21, grifo nosso).

Bisquertt era contra a necessidade de robustecimento físico das crianças nas escolas, através de uma educação física militarista. Esta tese contrariava a ideia de Loyola que defendia a necessidade da educação física como um elemento primordial para a defesa nacional. Além da preocupação com a defesa da pátria em tempos de guerra, Loyola fazia várias referências nacionalistas em seus textos, como a exaltação da pátria, valorização de uma juventude forte e sadia que poderia ser a esperança de um país próspero e moderno. O tema de seu artigo intitulado “Forja da nacionalidade” é justamente sobre isso.

Em 1939 era inaugurada a primeira escola de formação para professores civis de educação física do Brasil a Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Loyola pensava que os futuros professores que estudavam educação física na Escola Nacional poderiam com seus ensinamentos superiores, formar uma raça mais forte, bela e saudável. Isto ficava evidente em suas palavras, quando ele se referia à demonstração de exercícios dos alunos da famosa escola de educação física: “[...] A mocidade risonha e entusiasta, bela e forte, se agita em maravilhosas demonstrações de força e beleza, e de resistência de destreza e de harmonia,

numa esplendida visão do que serão as vigorosas gerações do futuro [...]” (LOYOLA, n.41, 1940b, p.9).

Chama atenção ainda a esperança que Loyola deposita nas pesquisas realizadas pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, pois segundo ele, esta instituição contava com os mais modernos equipamentos de pesquisa que poderiam estudar as características étnicas de nosso povo e, principalmente, fomentar uma “eugenia completa”, que marcaria o fortalecimento de nossa raça. Loyola (1940b, p. 9) diz o seguinte:

Naqueles amplos gabinetes de pesquisa científica, no silêncio daqueles modernos laboratórios, onde uma complexa aparelhagem testemunha, a vertigem de um progresso, perscruta-se os segredos de nossa formação étnica, as nossas particularidades mesológicas, os postulados de uma pedagogia eficiente, **os detalhes de uma eugenia completa**, e traçam-se as bases de um plano de ensino racional e proficuo que atenderá as todas as nossas necessidades, e marcará a fortaleza de nossa raça, e o prestígio de nosso povo, no concêrto das mais cultas nações do mundo (grifo nosso).

Imbuído pelo nacionalismo Hollanda Loyola discutia a necessidade da criação de um método de educação física genuinamente brasileiro. Isso era uma reivindicação antiga dos professores que atuavam no ensino secundário. A sistematização utilizada até então era o método Francês, que foi inspirado nas técnicas de treinamento do exército da França. Esta sistemática consistia em movimentos rígidos, disciplinadores, normatizantes bem ao gosto dos militares. O diretor técnico da revista *Educação Physica* concordava com a tese de elaboração de um método ginástico, que levasse em consideração as características raciais da nossa população, bem como do nosso clima. Mas ressaltava que devia ser algo bem elaborado e discutido, baseado na ciência. Dizia prioritariamente que esta vontade de criar um método de educação física brasileiro, revelava um desejo nacionalista, de independência e, principalmente, algo que viria promover a eugenia, como fica claro em suas palavras:

É louvável e digno de estímulo esse arroubo de entusiasmo sadio – revela um profundo sentimento de nacionalidade, de independência um desejo construtor de pesquisas científicas, **uma vontade firme de melhor servir a causa de nossa eugenia**. Somos partidários desta tese – precisamos de um método de educação física nosso, elaborado para o nosso povo, que se ajuste as características de nossa raça, e do nosso clima, que consulte de forma imediata os interesses de nossa formação política- social que se integre pelas bases da aceitação unânime, no plano geral da educação da nossa mocidade (LOYOLA, 1941a, p. 9, grifo nosso).

A partir da década 1930 era comum eventos que enalteciam a valorização da pátria e da raça brasileira. Tudo com o objetivo de inculcar na juventude o sentimento nacionalista e forjar uma juventude forte, sadia, bela e confiante. Esses eventos chamavam-se “Dia da Raça” ou a “Corrida da Raça”. No Rio Grande do Sul, foi criado em 1933 um acontecimento semelhante a esses eventos nacionalistas que se chamava a “Semana da Raça”, que contava com a participação efetiva dos estudantes, pois em 1936 duzentos mil escolares gaúchos participaram desta festividade que incluía a demonstração de esportes e exercícios. Assim, os eventos como a Semana da Raça, objetivavam: “o aprimoramento racial, a formação de um *typo ethnico* perfeito, bem complecionado, desenvolto” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 11, 1937, p. 59).

Nos jovens que desfilavam ou competiam nessas festas patrióticas seriam depositadas todas as esperanças de um futuro promissor para Brasil. Sobre esses eventos o diretor da revista *Educação Physica* dizia que a nação só conseguiria formar uma identidade nacional quando a raça brasileira adquirisse uma definição, e sublinhava: “Um povo desfila! Com efeito, a contemplar nesses desfiles esplendorosos, a nossa vibrante juventude patricia, esses corpos flexíveis e harmoniosos, sadios e fortes queimados do sol e estuantes da vida, sente-se que uma raça se define e a nação adquire uma consciência” (LOYOLA, 1941b, p.9).

Além da “eugenia positiva” e da questão do nacionalismo, outra temática presente nos textos de Loyola era a preocupação com a defesa nacional. Holanda Loyola, assim como a revista *Educação Physica*, creditava à Alemanha uma superioridade que serviria de modelo ao Brasil. No seu artigo intitulado “O exemplo do velho John” o diretor da revista citava o exemplo da Alemanha para reforçar o argumento da necessidade de fortalecer, robustecer a “raça” brasileira. Em um dos seus escritos Loyola conta a história do “pai da ginástica” na Alemanha, Ludovico John que viveu entre o fim do século dezoito e começo do dezenove.

Ludovico John participou da batalha de Hiena e presenciou uma derrota avassaladora para o exército de Napoleão que o deixou estarecido. Convencido de que a frustrante derrocada fora motivada pela deficiência física dos combatentes alemães, John volta para a Alemanha e decide se dedicar a criar métodos ginásticos e mobiliza a população para a prática dos exercícios físicos, que fortaleceriam os alemães evitando assim novas derrotas.

Este texto de Loyola mostrava com clareza o apreço dos redatores e diretores do periódico, como veremos mais a frente, com a Alemanha e com o nazismo. Evidenciava a necessidade de o Brasil seguir o exemplo dos alemães e, assim como Ludovico John,

mobilizar-se para a causa do robustecimento físico da nação. A esse respeito, para Loyola (1939b, p. 17):

Um exército é sempre o reflexo do seu povo: **São raças fortes que dão os exercitos fortes**, e é nos estadios, nos ginásios, nas praças de esporte, que se radia essas raças privilegiadas, feitas para o sucesso, talhadas para a vitória. Eis o papel preponderante da educação física no plano da defesa nacional (grifo nosso).

Luiz Bisquertt também como seu colega Loyola, fez uma exaltação à Alemanha e à Suécia. Antes dessa argumentação, no entanto, o professor chileno explicitou o seu entendimento sobre a relação entre a eugenia e a educação física. Para Bisquertt a educação física constituiria uma das bases da eugenia. Dizia ainda que os mesmos métodos de melhoramento de plantas e animais poderiam ser aplicados ao homem, ao que o autor conceituava de “anthrotechnica”. Assim Bisquertt (1938b, p. 13) enfatiza:

A educação physica constitui uma das bases da eugenia, sciencia nova que trata de estabelecer as regras que os paes deverão seguir para assegurar uma descendencia forte e sadia. Se bem que todavia esteja muito longe a ultima palavra sobre a hereditariedade, é indubitavel que poderão applicar-se a especie humana processos semelhantes aos que permittiram modificar-se as especies animaes e vegetaes num sentido utilitario para o homem. Está a ponto de nascer uma “anthrotechnica” (grifo nosso).

Além de conceituar a eugenia, Bisquertt procurou exaltar as qualidades da educação física na Alemanha e Suécia da mesma forma que Loyola. No entanto, o professor chileno destacava o trato com os esportes nas escolas de outro país nórdico, detentor das “raças puras”, a Escandinávia. Nesta nação, as crianças desde a mais tenra idade praticavam natação como disciplina escolar. Além de possuírem excelentes instalações de ginásios e salas de ginástica, onde podiam ser oferecidos uma gama de exercícios físicos, que auxiliariam a “esculpir” e fortalecer o corpo das crianças. Essa realidade era a oposta à encontrada na America latina, onde os meninos ao invés de serem limpos e sadios, eram “sujos”, “tarados” e “famintos”, como fica claro nas palavras de Bisquertt (1938b, p. 14):

Tal escola que modela essa multidão de meninos, são, limpos, bem nutridos, que darão suas características as suas nações que os sabem formar do mesmo modo como todo esse aglomerado de meninos sujos, tarados, famintos e semi abandonados de nossos campos e cidades se constituirá em sua maior parte dando as suas características ao nosso povo de amanhã. Pois não se deve esquecer de que é o menino proletário, que forma o grosso da nossa população infantil.

O temor de “baixar” o nível da raça continuava evidente, pois o progresso e o modo de vida do homem moderno acarretavam esta indesejável condição, uma vez que:

A degeneração física e mental dos povos vem parelhada com o sedentarismo escolar e post – escolar, supertrabalho intelectual, excessos, excitação e artificios da vida civilizada actual. A vida anti - higienica de milhares de operarios nas fabricas e escritorios, e de milhares de crianças, em lugares miseraveis, detém o progresso biologico da especie e faz baixar-lhe o nível (BISQUERTT, 1938b, p. 13).

No ano de 1942, três anos após o início da Segunda Guerra Mundial, o Brasil sofreu um duro revés, pois viu seus navios atacados pelos alemães, nação que a revista *Educação Physica* tanto exaltava. O mal estar era evidente, tanto que os artigos sobre eugenia ou sobre a decantada superioridade alemã diminuía ou não mais foram publicados no periódico. Devido à agressão dos nazistas, o Brasil, até então um país pacífico, foi compelido a entrar na guerra. Hollanda Loyola que defendia, arduamente o nacionalismo e a educação física como um meio de fortalecer as defesas nacionais, via sua tese tomar forma, pois o Brasil (em guerra) realmente necessitava de um exército forte para defender a nação.

Loyola (1942, p. 11) referia-se a essa temática no texto “Estamos em Guerra”, no qual reafirmava a necessidade do robustecimento da nação via educação física para a defesa nacional, pois:

Mais do que nunca este é o grande momento da educação física. Até aqui sua finalidade podia se resumir no preparo do indivíduo para a vida, sua acepção de vigor físico, saúde e eficiência. Hoje sua finalidade se projeta mais longe, num objetivo mais imediato, e se orienta no sentido de preparar o indivíduo para a guerra, para a defesa da pátria e dos supremos ideias da nacionalidade.

O penúltimo ano de publicação da revista coincidiu com a morte prematura de um dos seus principais diretores e escritores. A edição de julho de 1944 assim se refere a este fato: “Morreu Hollanda Loyola! Desaparece assim, um dos idealistas da educação física [...] Hollanda Loyola sempre será lembrado por suas virtudes. Por sua obra e por sua figura inconfundível” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 81, p.1, 1944).

Loyola publicou diversos livros e artigos que contribuíram para a popularização da educação física no Brasil. Mesmo no curto período em que escreveu na revista *Educação Physica* (1939-1944) podemos atestar a pujança que obteve junto ao periódico. Pois além de ser diretor, assinou editoriais, artigos nos quais tratou, além de temas relacionados à educação física em geral, fala com singularidade sobre a função que a educação física deveria

desempenhar num contexto mundial marcado pela guerra. Os escritos deste professor de educação física mereciam mais atenção por parte dos historiadores, pois é uma forma de compreender como um profissional da área pensava a educação física e as atribuições que ela deveria assumir.

No próximo item deste capítulo analisamos os temas que se relacionam diretamente à eugenia. Dentre eles uma temática já defendida pelos autores que aqui já analisamos, ou seja, a proximidade da revista *Educação Physica* com o nazismo. E ainda a biotipologia e o racismo.

3.5 Nazismo, racismo e biotipologia: As interfaces da eugenia na revista *Educação Physica*



Fotografia 10
(Revista *Educação Physica*, n.10, 1937).

A proximidade da revista *Educação Physica* com a Alemanha nazista é um tema recorrente ao longo das páginas do periódico. Até em torno de 1942 quando o Brasil se une às nações aliadas para lutar contra as forças de Hitler, percebe-se que a Alemanha era tida como um exemplo a ser seguido. No que tange a sua cultura, dedicação a educação física, força do seu exército, e ainda sobre a sua educação que coaduna ao mesmo tempo com a valorização do intelecto em conjunto com o exercício físico. Não são poucos os artigos que fazem uma verdadeira exaltação à Alemanha. Sem falar nos anúncios de livros sobre o líder nazista Adolf Hitler, bem como as capas das revistas que retratam jovens de origem germânica e fotos que divulgam como é praticada a educação física naquele país.

Vale lembrar que como mostramos no primeiro capítulo Adolf Hitler começou seu plano de “limpeza racial” muito antes do início da Segunda Guerra Mundial. Em 1934 as leis de esterilização já estavam em vigor, contra aqueles considerados “não eugênicos”, que possuíssem alguma doença mental ou física que atingiram um número próximo de mais de 120 mil pessoas (CARNEIRO, 2009). Soma-se a isto as leis raciais que foram implementadas pelo regime nazista em 1935, não autorizavam os casamentos entre pessoas com doenças venéreas e genéticas, bem como proibia o casamento entre judeus e alemães de “sangue puro”.

Mesmo assim, tendo ou não conhecimento dessas medidas eugênicas, os autores e redatores da revista *Educação Physica* tratam de elucidar este “culto” à Alemanha nazista. Tentamos reunir os textos que mais bem expressam essa relação, que de uma forma geral tratam de temáticas como: a constituição das nacionalidades; a eugenia alemã; as diferenças entre a educação física brasileira e, sobretudo a suposta superioridade do povo e do exército alemão, e seus métodos de exercícios que deveriam ser imitados pelos brasileiros. Os países nórdicos que supostamente tinham o “sangue superior” dos alemães e dessa forma eram detentores das “raças puras” também são destaques na revista. Suécia, Dinamarca frequentemente são citados como países que são superiores em se tratando de educação física.

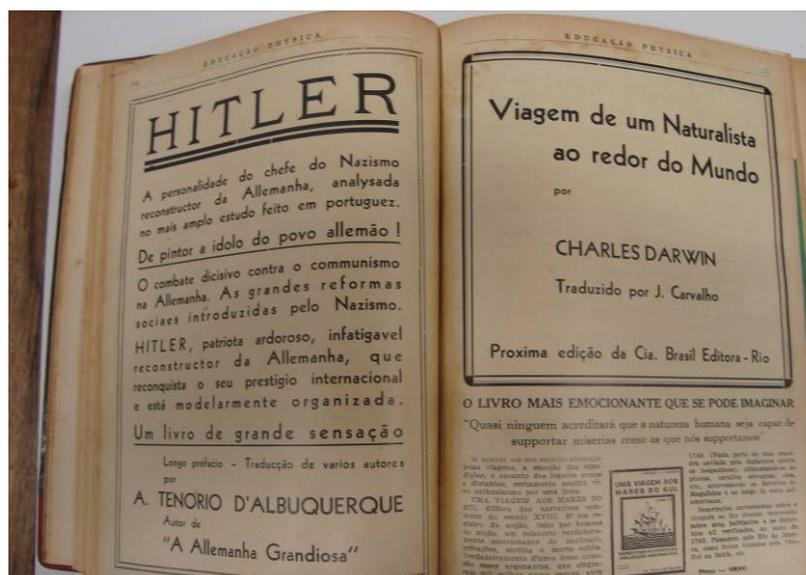
Cabem aqui algumas reflexões: será que a proximidade da revista com os países nórdicos era em decorrência do pioneirismo destes em se tratando da sistematização dos exercícios físicos? Ou porque esses países foram alguns dos que levaram ao extremo as medidas eugênicas a fim de construir “homens novos”? A análise dos textos a seguir dá pistas que a veneração aos países nórdicos vai além da educação física, para atrelar-se a outras questões.

No artigo “A Educação Physica na Allemanha: O problema do robustecimento da juventude”, A. Tenório de D’Albuquerque fez uma apologia à educação física na Alemanha. O autor mostra como o regime nazista valoriza a educação física principalmente dos seus trabalhadores e de sua juventude. Ao contrário do Brasil o autor disse que o estado alemão dá férias a seus trabalhadores, para que recarreguem sua vitalidade, e ainda que é freqüente a prática de educação física durante o período de trabalho. Já no início do seu artigo o autor pontua seu principal objetivo que é evidenciar a valorização da educação física na Alemanha, pois neste país a “eugenia do povo” passava obrigatoriamente pela educação física. Nesse sentido:

Em nenhum paiz do mundo, a educação physica está merecendo tanta atenção por parte do governo, a eugenia do povo preocupa tanto dirigentes nem os sports estão mais bem regulamentados que na Allemanha. O nacional socialismo, com o seu programma de rejuvenescimento da Alemanha, encarou, como um dos elementos primaciaes para a constituição das nacionalidades, a eugenia do povo, o aprimoramento racial, partindo do princípio que “não há paiz forte com um povo fraco” (D’ALBUQUERQUE, 1937, p. 24).

A proximidade deste autor com a Alemanha não se resume ao seu artigo publicado na revista, mas porque o mesmo escreveu um livro sobre a Alemanha nazista chamado “*A Allemanha Grandiosa*”, e ainda foi o tradutor de uma biografia sobre Adolf Hitler. O anúncio deste livro aparece diversas vezes no periódico, sendo que o mesmo dizia o seguinte:

Hitler: A personalidade chefe do nazismo, reconstrutor da Allemanha, analysada no mais amplo estudo feito em portuguez. De pintor ao ídolo do povo allemão! O combate decisivo ao communismo na Allemanha. As grandes reformas introduzidas pelo nazismo. Hitler, patriota ardoroso, infatigável reconstrutor da Allemanha, que reconquista o seu prestígio internacional e esta moderlamente organizada. Um livro de grande sensação (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 8, p. 121, 1938).



Fotografia 11
 Propaganda do livro sobre Hitler e Darwin
 (Revista *Educação Física*, n.8, p.120-121, 1937).

Assim como D'Albuquerque Jackson R. Sharman fez uma exaltação aos ideias educacionais alemães. De uma maneira geral os brasileiros deveriam seguir: “Os ideais educativos que ora se acham em voga na Alemanha são aqueles expressados por Adolf Hitler e propagados pelo nacional socialismo” (SHARMAN, 1938, p. 10). O autor cita novamente Adolf Hitler para dizer que o ensino nas escolas deve priorizar um “corpo sadio”, em detrimento de mera memorização de conhecimentos. A educação serviria ainda para formar o caráter, no sentido da conscientização para o encorajamento e iniciativa, e por último os conhecimentos científicos.

Para obter o título de professor de educação física na Alemanha era necessário num primeiro momento, o término dos estudos secundários (ensino médio no Brasil) e realização de provas práticas. Depois de cumpridos estes requisitos os futuros professores passariam pelo menos seis meses no caso das mulheres, e dois anos para os homens em uma espécie de estágio prático chamado de “Labor Service”. Após a conclusão desta etapa todos os candidatos frequentariam a Academia de Pedagogia por um ano, para enfim poder cursar uma universidade por um período de três anos de estudos.

Destaca-se aqui o tempo dedicado a formação, especialmente dos homens, que era no mínimo seis anos para obter o título de professor de educação física. Esta discussão não parece sem sentido, pois um ano antes em 1937, o governo Vargas instituiu via constituição a obrigatoriedade do ensino da educação física em todas as unidades escolares. A discussão

sobre a formação profissional de professores no Brasil era iminente. Logicamente o modelo de formação a ser seguido era a Alemanha nazista.

Nesse contexto João Lotufo permeou sua análise detendo-se em um histórico da educação física na Alemanha. Inicia no século XVI, enumerando os primeiros estudiosos alemães que incentivaram a educação física naquele país. De uma forma linear, vai percorrendo os séculos, destacando quem foram os principais nomes a defender a educação física, e seus objetivos. Chega até o século XIX dissertando sobre a educação física nas escolas alemãs, e ao final do artigo o autor diz que: “Os mentores da educação física na Alemanha foram homens de grande capacidade e cultura que contribuíram grandemente para a formação de uma raça heróica, forte progressista, verdadeiramente formidável, como é a alemã” (LOTUFO, 1938, p. 48).



Fotografia 12
Trabalhadoras alemãs praticando educação física com seus filhos.
(Revista Educação Physica, n.22, p. 47, 1938).

Em “A Educação Física Alemã”, assim como nos artigos anteriores há um entendimento que a superioridade da Alemanha nazista era evidente em relação à “cultura física”. Os redatores do artigo introduzem o texto fazendo um questionamento sobre o que é a educação física na Alemanha, como ela é praticada. Enaltecem as qualidades do povo alemão dizendo que este é um “modelo de todos os povos da terra” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 48, 1940, p.73). De acordo com a revista a prática de exercícios físicos na Alemanha inicia no lar, pois o pai é um desportista amante do futebol, e a mãe geralmente é adepta da prática da natação e da ginástica. Isto influenciaria as crianças, que desde cedo são compiladas à prática dos exercícios físicos. Destacou a juventude hitleriana que dedica segundo o texto 50% de seu tempo aos exercícios físicos. O sucesso da prática de exercícios e esportes na Alemanha devem-se também ao trabalho das forças armadas (exército e marinha) na valorização da educação física. De uma forma geral o Brasil deveria seguir o exemplo dos nazistas como podemos ver:

Foi Adolf Hitler que libertou a força agriolhada, que hoje se pode expandir como as águas de um caudaloso estuário da liberdade. Transforma _ se _ a num mar imenso, protetor das sagradas fronteiras da pátria. Ai estão às realizações e diretrizes que merecem ser imitadas assim pelos poderes públicos, como pelas entidades particulares que se consagram a educação física no Brasil (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n.48, 1940, p.73).



Fotografia 13
Aula de educação física, durante o período
de férias, para os estudantes alemães.
(Revista Educação Physica, n.11, p. 27-28, 1937).

No texto “O Distintivo Desportivo da Alemanha” os redatores do periódico exaltam o sistema que os alemães se valem para motivar a população a se exercitar ao longo da vida. Este método funcionava da seguinte maneira: qualquer cidadão que completasse 18 anos deveria provar sua capacidade física a fim de ganhar um distintivo (medalha) que poderia ser de ouro ou prata. O jovem escolheria 5 esportes da sua preferência e deveria manter seus recordes pessoais por um período de 8 anos, ou quem estivesse com 32 anos e adquirisse uma capacidade física de uma pessoa de 18 anos era premiado com o distintivo de prata. Quem estivesse com 40 anos, e se conseguisse manter sua capacidade física, suas marcas pessoais receberiam a medalha de ouro.

Com este método, segundo os redatores da revista, os alemães fazem da educação física um hábito cotidiano “motivante”, contribuindo para elevar ainda mais a suposta “vitalidade” e a “fibra” do povo alemão. Ao final do artigo os autores reiteram a suposta superioridade da “raça pura” alemã, lembrando os feitos de seus esportistas na olimpíada de 1936, onde Alemanha mostrou toda a sua pujança esportiva, sendo uma das grandes nações vencedoras da competição. Dizem ainda que não somente o esportista alemão é “superior”, mas também seu exército como podemos perceber: “Embora não fôsse no estádio olímpico de determinada nação e sim no campo de batalha, ficou plenamente demonstrada a fibra do soldado alemão” (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n.53, 1941, p.48).

Como analisamos no primeiro capítulo uma estratégia do governo de Adolf Hitler para fazer a população alemã convencer-se que o genocídio (principalmente dos judeus) era necessário foi o cinema. Diversas produções cinematográficas foram realizadas em uma linguagem simplória para atingir a população. O principal alvo, os judeus, eram retratados como parasitas, desonestos, que “sujariam” o futuro da raça alemã e deveriam ser eliminados. Na edição de número 26 de 1939 há uma menção justamente a este tema do cinema, durante o período nazista. Os redatores da revista escrevem um texto sobre o fim da olimpíada de 1936 e mais enfaticamente sobre os filmes que foram produzidos pelos nazistas sobre a olimpíada.

As obras cinematográficas foram lançadas, não por coincidência, no dia do aniversário de Adolf Hitler em 20 de abril de 1938. Chamavam-se respectivamente “Olimpia-Festa dos Povos” e “Olimpia-Festa da beleza”. Os autores comentam que no filme pode-se ver a participação da delegação brasileira nos jogos, e o orgulho de ter a bandeira brasileira junto com outras 51 nações, a tremular sob o céu da Alemanha. Falam ainda sobre:

O grande valor desta obra cinematográfica, ela representa o mais exato documento dum dos maiores acontecimentos tanto no sentido cívico como no sentido esportivo. A ideia da confecção desta película no mesmo momento em que a escolha do local dos XI jogos olímpicos recaiu sobre Berlim. Pretendeu-se mostrar ao mundo um aspecto nítido e duradouro do que foram os dias de 1 a 16 de agosto de 1936, em seu esplendor e sua beleza, neste certame que reuniu mais de 5. 000 desportistas de 52 nações nos campos de esporte da capital germânica onde eles travaram mais reconhecidos combates desportivos e para tanto pacíficos (*EDUCAÇÃO PHYSICA*, n. 26, 1939, p. 52).

Os textos analisados fazem referência à suposta superioridade da Alemanha. Superioridade esta que não era exaltada apenas em relação à educação física. Mas também como vimos ao povo, cultura, exército e até ao cinema nazista. Ao Brasil caberia seguir o

exemplo dos alemães, no sentido de obter uma raça robusta através da valorização da educação física. Pois o entendimento da época era que “não há nação forte com um povo fraco”.

Porque o periódico *Educação Physica* menciona escassamente exemplos da prática esportiva de nações da África, ou Ásia? A resposta para essa reflexão mereceria outro trabalho dedicado a este tema, para que essa questão possa ser mais bem esclarecida. Entretanto, fica evidente a aproximação da revista com o nazismo.

A eugenia independente de ser positiva ou negativa se preocupa prioritariamente com a ideia ou conceito de “raça”. A raça esta representada na revista *Educação Physica* pelos artigos que fazem alusão a eugenia, mas também pelo discurso, ou a falta dele, referindo-se prioritariamente aos negros. Como por exemplo, o artigo sobre a participação dos negros na olimpíada de 1936. O autor de uma forma abertamente racista argumenta que os negros venceram não por serem mais inteligentes ou superiores, mas sim por se dedicarem com mais afínco aos treinamentos.



Fotografia 14
(Revista *Educação Physica*, n. 27, 1937).

Atestamos o que Goellner (2003) diz sobre a escassa presença dos negros na revista *Educação Physica*. Uma das poucas fotos de uma pessoa negra na revista que não se relaciona com as vitórias no esporte, é a de uma mulher que é publicada na edição de número 27 de 1939. Outro exemplo claro da ínfima presença da representação da população negra na revista, é a análise das fotos da capa de todas as edições da revistas. Em todos os números não temos um negro sequer estampando a capa dos periódicos. O que faz pensar ao analisar as fotos, é a presença de um novo homem/mulher a ser atingido. Ou seja, um homem branco, robusto, jovem, de formas proporcionais, que pratica esporte. Um ideal de homem muito próximo do que a eugenia almejava, ou em outras palavras dentro de um ideal de beleza eugênica.

Mesmo quando enaltecia as vitórias dos negros em competições esportivas, a revista *Educação Physica* o faz com pouca frequência. Analisando o periódico, não raramente quando há uma menção, esta geralmente é negativa como no artigo nomeado de “Atletas negros norte-americanos o aparecimento de figuras extraordinarias: entusiasmo, treinos rigorosos e não qualidades racionais”. O técnico norte-americano Wilson Donaughe comentou inicialmente as conquistas dos negros na Olimpíada de Berlim em 1936. Destacou a figura mais proeminente Jess Owens, no atletismo. Argumentou ainda que as vitórias desses atletas, que ao autor nomeia de “homens de cor”, nos jogos olímpicos motivaram uma maior participação dos atletas negros no esporte, primordialmente no boxe.

No entanto Donaughe entendeu que essas vitórias obtidas pelos atletas negros, não são frutos do seu “organismo superior”, ou de suas qualidades racionais, mas sim é consequência de seu empenho no treinamento e de uma forte motivação para vencer os brancos. Para Wilson Donaughe a motivação dos negros para competir advinha exclusivamente da sua condição social nos Estados Unidos. Pois como explicou o autor no seu país o negro vive numa condição inferior e nutre um ódio pelo branco que o domina, portanto competiria com redobrado empenho para triunfar e mostra-se vencedor, superior, frente aos rivais brancos. O autor defendeu a tese de que “o organismo de um preto no máximo, em regra geral, será igual ao de um branco, mas nunca superior” (DONAUGHE, 1937, p. 60). Ao concluir seu artigo o técnico norte-americano reitera suas ideias sobre a suposta inferioridade dos negros. Nesse sentido Donaughe (1937, p. 60) elucidou:

Os atletas negros tem brilhado ultimamente, não é porque dispunham de melhor organismo e sim porque o preparam melhor, aumentando-lhe a eficiência. Ocorre com elles o que succede com todos que se consideram oprimidos, redobram as energias para sobrepujar os que o oprimem. Estou certo de que se os atletas brancos se preparassem com mesmo cuidado, que os negros não seriam por eles vencidos, visto que moralmente, dispõem de maior inteligência.



Fotografia 15

Rara menção honrosa aos atletas negros, entre eles Jess Owens, que obteve três medalhas de ouro na olimpíada de Berlim em 1936.
(Revista Educação Physica, n.11, p.85, 1937).

Além do racismo outra temática que tem suas similaridades e interfaces com a eugenia é a biotipologia. Esta ciência foi criada pelo médico italiano Nicola Pende junto a Universidade de Roma. Pende era adepto do antropólogo também italiano Cesare Lombroso, este criou a “antropologia criminal” que se baseava em critérios fenótipos, principalmente a mensuração de características do crânio e da face para predizer a predisposição dos indivíduos

para a criminalidade (SILVA, 2003, 2005). A biotipologia influenciou a Argentina, pois diversos cientistas daquele país foram para a Itália estudar a esta ciência, e até mesmo o seu criador Nicola Pende veio a visitar a Argentina na década de 1930. Dessa forma os argentinos criaram em 1932 a Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social (AABE).

Segundo Diwan (2007) esta instituição tinha por objetivo formar um arquivo com todas as características raciais da população, defender a seleção de casamentos e adotar a educação sexual. Para a realização do levantamento da tipologia racial da população os cientistas argentinos lançavam mão da “ficha biotipológica” que era o que faltava para a criação de medidas de cunho eugenista na Argentina (DIWAN, 2007). Vale lembrar que esta nova ciência objetivava mapear as características físicas, psíquicas e intelectuais dos indivíduos obtendo através desta “ficha biotipológica” dados para realizar um melhoramento (até mesmo hereditário) das características que eram consideradas anormais.

Essas fichas eram realizadas nas escolas que mensuravam os dados das crianças e de seus pais, para realizar assim como fez Davenport e Galton em seus países. Ou seja, construir um vasto mapeamento da população a fim de classificar aqueles que não eram considerados “normais”, e desta forma tomar as medidas cabíveis de correção. Neste contexto vale lembrar aqui que a eugenia na Argentina foi segundo Stepan (2005) a mais racista da América Latina porque a mesma conseguiu o objetivo traçado pelos eugenistas brasileiros de “branqueamento da população”. A Argentina tinha uma política de imigração segregacionista que priorizava descendentes de italianos, refugava os considerados “diferentes” e excluía índios e negros. Não por acaso como nos lembra Diwan (2007) a Argentina tem ainda hoje a maioria da sua população branca.

A biotipologia, não influenciou somente a Argentina, mas de uma forma mais branda também a revista *Educação Física*. O Instituto La-Fayette centro destacado na educação brasileira e também na educação física devido às instalações, ginásios e departamentos esportivos, orgulhava-se de possuir um centro de biotipologia em suas dependências. Este centro contava com a direção de um médico especializado em educação física. E assim como os argentinos realizava um levantamento do que era “anormal” (anormal) nos alunos e ainda com a colaboração do departamento de psicologia, analisava as relações da idade cronológica e idade mental nos mesmos como podemos perceber:

O gabinete de biotipologia ficha semestralmente os alunos, orientando a cultura física, revelando aos pais ou responsáveis aquilo que se encontra de anômalo no organismo dos alunos, o que representa grande serviço a saúde dos estudantes. Esse gabinete de biotipologia auxilia ainda o gabinete de psicologia experimental, quando a divergências entre a idade cronológica mental do aluno (*EDUCAÇÃO PHYSICA* n.8, 1937, p.58).



Fotografia 17

BIOTI'POLOGIA: “A pirâmide de Pende”, representando os preceitos fundamentais da biotipologia: massa corporal, constituição individual, e características raciais. (Revista *Educação Physica*, n.19, p. 25, 1938).

A edição de número 30 traz em suas páginas um artigo do próprio criador da biotipologia. No seu texto chamado “Biotipologia e atletismo” Nicola Pende defendeu a tese de que a ciência, prioritariamente a biotipologia, deve estudar as variáveis que poderiam selecionar aqueles indivíduos que tem potencial para se tornar atletas de alto nível. Pois para o médico italiano “Nascer-se atleta e não chegar a tanto, por falta de treinamento, é um argumento sobre o qual não discutem os melhores estudiosos” (PENDE, 1939, p.33). Nesta

citação fica evidente o pensamento eugênico do médico italiano, pois há indivíduos que segundo ele, tem potencial genético para já “nascer atleta”.

A preocupação de Pende era o estudo de dois “tipos físicos” que poderiam galgar as vitórias no atletismo, ou seja, os longilíneos e os brevelínios. Pende admitiu que não tinha muito claro um conceito sobre estes dois tipos, mas ressalta que ambos são atletas dotados de uma massa muscular superior e, sobretudo de um organismo além da normalidade. A questão central do criador da biotipologia era determinar de antemão esses biótipos, e melhorá-los fisicamente como um todo, não apenas do ponto de vista muscular, mas também uma melhoria do sistema circulatório, do aparelho neuro-endócrino, e finalmente do sistema nervoso.

Dessa forma a fábrica de campeões do médico italiano estava pronta, bastava identificar aqueles que “nasceram atletas”, ou aqueles que têm predisposição para serem melhorados, aperfeiçoados com um treinamento global, que enfatizasse todos as nuances físicas, mas o que mesmo isto tem haver com a eugenia? A busca de Pende era pelo mais forte, o mais apto, aquele capaz de vencer, de superar-se, uma busca por um homem melhorado, superior onde os “fracos” ou “normais” são desvalorizados e excluídos.

Um dos discípulos de Nicola Pende o Dr. Antonio Menotti Nardi membro do Instituto Biotipológico de Roma assinou um artigo chamado “A Sciencia do homem perfeito: Biotipologia”. Onde há primeiramente uma breve análise da história da medicina, e de como ela vem deixando de se preocupar somente com as questões patológicas e detendo-se na avaliação das pessoas normais. Após o autor menciona a gênese da biotipologia que surgiu no começo do século XX, destacando a figura do seu progenitor Nicola Pende. Um dos objetivos da biotipologia era melhorar as gerações futuras, alinhada aos objetivos de uma eugenia positiva como vai dizer o seguidor de Pende:

A biotipologia orthogenetica como sciencia médica - político deseja abarcar múltiplos setores, da atividade moderna, entre os quais estão a alimentação o desporto, os trabalhos braçais e intellectuais, os soldados etc. nas suas acções salutarees multiformes, e como arte quer plasmar melhor, e bem a inteligência, o caráter e corpo das gerações futuras (NARDI, 1938, p. 23).

A biotipologia era uma questão urgente para o autor, pois havia o medo da degenerência e do “estado patológico da raça”, em virtude do aumento do progresso como podemos perceber:

A humanidade avança comtudo o individuo retrocede quasi outro tanto, e isso se notará por tanto tempo quanto o progresso não signifique verdadeira civilização, e nos afaste elle, a largos passos das condições naturaes, mentaes e phisicas, criando uma tensão mórbida dos intellectos, e um estado pathologico da raça, ao mesmo tempo que vae diluindo a personalidade humana (NARDI, 1938, p.24).

Nardi defende o uso da ficha biotipológica que segundo Diwan (2007) foi o instrumento principal utilizado pelos eugenistas daquele país. Esta ficha servira para assegurar: “O preceito moderno e racional da seleção e orientação scientifica do individuo, no que diz respeito ao trabalho manual e intelectual e da profilaxia dos estados pré- mórbidos do individuo, particularmente no período evolutivo da vida” (NARDI, 1938, p. 26).

Somente no último ano de sua publicação, que coincide com o fim da Segunda Guerra Mundial, a revista *Educação Phisica* vai publicar um texto que não faz apologia a Alemanha nazista. Em “Sangue, Deus da Liberdade” o autor Waldemar Calmon disse em tom poético que o sangue derramado pelos homens que lutaram na guerra foi o libertador contra a “absurda seleção da raça ariana”. Falou ainda que: “Pensava Hitler, mergulhado num mundo de tara, [...] fundar um clube de arianos puros, fazendo da Alemanha o seu picadeiro e espalhando por toda a platéia que o assistia a sua gargalhada de terror e loucura” (CALMON, 1945, p. 20).

No entanto a revista na sua penúltima edição não faz esquecer um dos seus principais objetivos, mesmo já tendo encerrado o conflito. Orgulha-se em dizer que entre os militares da força expedicionária brasileira estavam alguns colaboradores do periódico. Representantes da “raça forte” que a revista em seus treze anos de publicação ajudou a construir, e, sobretudo chama atenção para que todos: “[...] saibam que Educação Física é o periódico vanguardeiro dos ideias eugênicos no Brasil” (*EDUCAÇÃO PHISICA*, n. 87, 1945, p. 7).

Nos treze anos em que esteve em circulação o periódico não deixou de lado, como vimos talvez o seu principal objetivo que era através de uma “eugenia positiva” e da educação física construir: “Homens novos, homens mais fortes, homens melhores [...]” (*EDUCAÇÃO PHISICA*, n.4, 1934, p. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa dissertação analisamos primordialmente a relação entre eugenia e educação física no Brasil, destacamos os intelectuais que defenderam a educação física como uma estratégia central para a causa eugênica brasileira. Analisamos a história da eugenia a partir de sua construção científica no final do século XIX, buscando compreender suas primícias teóricas, seus incentivadores, e o uso da eugenia no ocidente. Buscamos entender ainda a eugenia no Brasil, como ela foi pensada e articulada como uma ciência alentadora dos males da nação. Analisar a história da eugenia representou uma oportunidade de conhecer melhor uma história que nos atravessa compreender discursos e práticas que parece nos constituir enquanto sujeitos eugênicos.

A eugenia encontrou receptividade no Brasil, nas primeiras décadas do século XX o movimento higienista e a eugenia compartilharam dos mesmos ideais neste período, ou seja, a esperança de que as boas condições sociais elevassem o nível da raça brasileira. O médico paulista Renato Kehl foi o maior eugenista brasileiro e grande propagandista dessa ciência no Brasil, criando comitês, jornais e sociedades eugênicas, além da ampla publicação de livros, artigos que perduraram por décadas. Soma-se a isso a extensa “rede de poder” que Kehl formou para colocar em prática seu projeto eugênico. Renato Kehl conseguiu sensibilizar os legisladores, pois em 1935 através de uma emenda parlamentar a constituição de 1934, o projeto de restrição da migração foi aprovado pelo Congresso Nacional.

A educação física foi pensada como estratégica para se atingir a eugenia no Brasil, entre as suas principais funções estava a necessidade de robustecer, fortalecer os brasileiros. Esta foi uma das principais justificativas da educação física em fins da década de 1930, devido a real necessidade de se “formar” indivíduos fortes para a defesa da nação em caso de guerra. O robustecimento foi defendido também como essencial para a mulher, pois a mesma deveria praticar exercícios físicos fornecendo assim filhos fortes, robustos, e saudáveis para atender as novas demandas do trabalho e do exército.

Mais do que robustecer a educação física teria outras funções, ou seja, “regenerar”, “depurar” e “refinar” a raça, livrando os brasileiros de doenças e da debilidade física. Ela estava aliada a higiene para justamente ter uma função preventiva a todo o “surto de enfermidades”, foi entendida como uma das “bases da eugenia”, responsável por corrigir imperfeições físicas daqueles fora das normatizações eugênicas. Foi utilizada ainda no

disciplinamento da conduta, pois deveria ser incentivada sua prática junto à população desprovida de condições financeiras, porque esses estavam mais propensos aos vícios e a ociosidade. A educação física foi parte de um projeto que através de uma educação que visava à globalidade dos educandos, conciliava educação, higiene, e educação sexual para atingir “a eugenia completa dos brasileiros”.

A revista *Educação Physica* foi o mais importante veículo de difusão das ideias eugenistas relacionadas à educação física a partir da década de 1930. Os articulistas e intelectuais que participaram das inúmeras publicações da revista nos apresentam um “projeto” nacional de constituição do homem brasileiro através dos ditames eugênicos. Essa missão tornou-se mais desafiante, pois foi necessário analisar, interpretar as ideias e reuni-las num mesmo texto respeitando as peculiaridades, apontando suas oposições e aproximando-os naquilo que era unanimidade entre os discursos. Procuramos estar atentos às nuances em relação ao contexto histórico em que o texto foi escrito, e as distintas atribuições que a educação física deveria assumir.

A revista *Educação Physica* foi um instrumento fundamental para a divulgação e conscientização da importância da educação física, contribuiu sensivelmente para a estruturação e consolidação deste campo de saber no Brasil. Além de disseminar os novos conhecimentos da educação física que ganhava status de ciência, a revista incentivava a importância do Brasil possuir escolas de formação de nível superior para professores de educação física, favorecendo assim para a respeitabilidade e credibilidade da área. O periódico foi relevante também porque vulgarizou conhecimentos e normas que não eram comuns a população da época como a importância da prática da educação física, e ainda disseminou valores como a higiene, saúde e valorização da beleza. A revista *Educação Physica* não somente promoveu a educação física e a saúde, mas foi como dito antes, crucial para que a educação física ganhasse notoriedade e respeitabilidade como uma área científica.

O periódico tinha a eugenia como um dos seus principais objetivos, pois como vimos publicou artigos de renomados intelectuais que pensavam a educação física como uma forma, um meio para se atingir a eugenia. Renato Kehl e Fernando de Azevedo são representantes disso, pois foram eugenistas que tiveram seus textos publicados na revista. Esses articulistas da eugenia pensavam a educação física como uma estratégia central em meio a seus projetos eugênicos até início da década de 1930, onde a eugenia ainda estava embasada pelo neolamarckismo.

Kehl e Azevedo articulavam a eugenia de maneira semelhante na revista, pois acreditavam que os benefícios da educação física poderiam ser transmitidos aos seus descendentes. Dessa forma se a população, principalmente a mulher, praticasse educação física esta poderia “formar” uma raça mais forte, saudável e bela. Esta temática da mulher como vimos foi recorrente para esses intelectuais, principalmente com Renato Kehl que ressaltava a importância da valorização da beleza nas mulheres, pois além de serem fortes deveriam ser belas e possuir um corpo dentro de uma normalidade eugênica. Outro intelectual que mereceu destaque foi Hollanda Loyola, pois foi o autor que mais vezes se deteve na relação eugenia e educação física na revista. Através deste professor de educação física brasileiro, podemos perceber a importância da educação física como uma estratégia eugênica. Devido ao fato que este professor além de ser um dos mais importantes redatores da revista foi seu diretor-presidente por quatro anos entre 1939 a 1944, pensou a educação física como um meio fundamental para a questão do fortalecimento físico, do robustecimento da nação para forjar um povo e um exército forte. Somados a Kehl, Azevedo e Loyola estão Coelho Netto e o professor chileno Luiz Bisquertt que com menos expressividade no periódico não deixaram de atrelar a educação física como uma das formas principais de se alcançar a eugenia estando à educação física também ligada a questões higiênicas.

A revista *Educação Physica* expressou ainda sua proximidade com a eugenia através das temáticas que ela vinculava em seus discursos e imagens. A principal temática foi o nazismo, um tema bastante difundido pela revista até o Brasil declarar guerra aos alemães em 1942. Como demonstramos na última parte do terceiro capítulo a revista *Educação Physica* enaltecia não somente a educação física dos alemães, mas também de uma forma geral a cultura da Alemanha nazista, enfatizando a suposta superioridade de seu exército, do seu povo, como um exemplo de nação que deveria ser seguido pelos brasileiros. Chama atenção ainda a falta do discurso sobre os negros na revista, pois analisando brevemente as imagens e fotos publicadas no periódico, principalmente as fotos das capas, percebemos uma escassez de imagens mencionado a população negra. A biotipologia também foi abordada pela revista na ânsia de incutir nos brasileiros a necessidade de padronizar os corpos, através de mensurações e medições que categorizavam, normatizavam um padrão corporal a ser atingido pelo mapeamento das características físicas e mentais dos indivíduos.

É notório que a eugenia foi um dos principais objetivos da revista, pois como demonstramos o periódico reeditou textos da década de 1920 de Fernando de Azevedo para

mostrar, entre outras coisas, que nossa raça possuía uma suposta inferioridade que deveria ser suplantada via educação física e eugenia. Publicou artigos do maior eugenista brasileiro Renato Kehl onde o mesmo demonstrou seu despreço para com aqueles fora das normas eugênicas. Um dos seus principais redatores e diretores Hollanda Loyola defendia com ardor a eugenia na revista, diversos editoriais proclamavam a necessidade do melhoramento racial dos brasileiros. As imagens veiculadas na revista reforçavam a necessidade de se criar uma nação branca, bela, forte e saudável bem ao gosto dos eugenistas.

De uma forma geral a eugenia na revista *Educação Physica* estava alinhada com os preceitos da “eugenia positiva”. Como demonstrado no primeiro capítulo em momento algum atestamos uma defesa de atos que caracterizem uma eugenia mais “dura”, negativa, como por exemplo, leis de esterilização segregação de imigrantes, obrigatoriedade de exames pré-nupciais, ou o impedimento da realização de casamentos não estão presentes no periódico. Entretanto, por que a revista *Educação Physica* reedita textos de 20 anos atrás de um eugenista que pretendia modificar o tipo racial brasileiro? Por que acredita que o tipo racial brasileiro poderia alterar-se via eugenia e educação física, já em fins da década de 1930? Por que tamanha proximidade com a cultura da Alemanha nazista? Em outras palavras há uma valorização da revista *Educação Physica* de um sujeito eugênico, que destoa da essência da maioria da população brasileira na época.

Entendemos que a revista *Educação Physica* foi um veículo de formação, de construção de um campo de conhecimento, um meio de assujeitamento através de ideias, imagens e valores que muito nos fala da história da educação física, e das intencionalidades daqueles que pensaram a mesma no Brasil. Mais do que instruir profissionais e adeptos dos exercícios físicos e disseminar o esporte no Brasil a revista objetivava construir um “novo homem para uma nova sociedade”, que se vislumbrava. No entanto, este “homem novo” que serviria de modelo para os brasileiros estava dentro de uma categorização, de uma normatização calçada nos ditames eugênicos. Não bastava ser educado e higienizado. O homem moderno brasileiro deveria ainda ser belo, robusto, forte, saudável, branco (talvez ariano) e possuir senso estético apurado.

Quais são os desdobramentos da revista *Educação Physica*? Essa questão certamente não merece uma resposta apressada ou talvez nem possa ser respondida, mas os discursos da revista parecem ecoar em nosso tempo. Além de disseminar os esportes, a saúde entre os brasileiros, a revista disciplinava o olhar e o entendimento do leitor para o que era aceitável

para os padrões da modernidade, e aquilo que deveria ser suplantado. Através das falas, imagens e práticas a revista ditou o que era correto para o homem, às normas que as mulheres deveriam seguir. Em outras palavras normatizava os brasileiros baseando-se em uma escala de valores. Sem esquecer que esses valores iam ao encontro do que os eugenistas acreditavam ser aceitáveis para o “novo homem brasileiro”.

A educação física em meio a um projeto eugênico no Brasil deveria ter mais atenção dos historiadores, diversos estudiosos vêm se debruçando sobre o estudo da eugenia no Brasil, mas o papel da educação física é escassamente conhecido. A proximidade entre a eugenia e a educação física é evidente. Devido a isto, o estudo desta temática representa uma forma de melhor conhecermos a história da educação física e que tipo de sujeitos os professores de educação física estão ajudando a constituir.

FONTES PRIMÁRIAS

A EDUCAÇÃO physica no Rio Grande do Sul: um magnífico trabalho de proporções notáveis – a semana da raça – jardins de recreio. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 59, 1937.

AZEVEDO, Fernando de. O problema da regeneração. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.5, p. 12-14, 1936.

_____. A origem e evolução da educação physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.9, p.10- 12, 1937a.

_____. O problema da Hygiene social pela educação physica: medidas que o resolvem. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 8-10, 1937b.

BISQUERTT, L. Sobre o Instituto de Educação Physica da Universidade do Chile. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.22, p. 21-23, 1938a.

_____. L. A Educação Physica Hodierna. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.23, p.12-15, 1938b.

CALMON, Waldemar. Sangue, Deus da Liberdade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.84, p. 20, 1945.

COELHO Netto. Hygiene e cultura physica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 81, 1937.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório de. A Educação Physica na Allemanha: O problema do robustecimento da juventude. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.11, p. 26-28 e p.92, 1937.

DONAUGHE, W. Atletas negros norte- americanos o aparecimento de figuras extraordinarias: entusiasmo, treinos rigorosos e não qualidades racionaes. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.11, p. 60, 1937.

EDITORIAL. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, 1932.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 3, 1932.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 11, 1934.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 11, 1936.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 11, 1937.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 7, 1940.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.81, p. 1, 1944.

_____. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.87, p.7, 1945.

EDUCAÇÃO Physica. O fim da Olympíada de 1936: Um documento da nossa era. Rio de Janeiro, n. 26, p.52, 1939.

_____. A Educação Física Alemã. Rio de Janeiro, n.48, p.73, 1940.

_____. O Distintivo Desportivo da Alemanha. Rio de Janeiro, n.53, p. 48, 1941.

_____. Rio de Janeiro, n. 8, p. 121, 1938.

_____. A orientação da educação physica no instituto La Fayette. Rio de Janeiro, n. 8, p. 58, 1937.

_____. Os melhores atletas norte-americanos. Rio de Janeiro, n.11, p.85, 1937.

KEHL, Renato. O Jogador. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.25, p. 65- 66, 1938.

_____. A Mocidade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.46, p.16-17, 1940a.

_____. A beleza feminina: raras, raríssimas são as mulheres verdadeiramente belas. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 16-17, 1940b.

_____ . A higiene do sono. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 29-30, 1940c.

LOTUFO, João. A educação physica na Alemanha. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 44-49, 1938.

LOYOLA, Holanda. A educação integral. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.34, p. 9, 1939a.

_____ . O exemplo do velho John. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.36, p. 17, 1939b.

_____ . Educação sexual. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.40, p.9 e p. 12, 1940a.

_____ . Forja Da Nacionalidade. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.41, p.9, 1940b.

_____ . O professor de educação física. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.42, p.9, 1940c.

_____ . Saúde, beleza e alegria. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.45, p.9, 1940d.

_____ . Unidade de Doutrina. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.50, p.9, 1941a.

_____ . Um povo desfila. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.58, p.9, 1941b.

_____ . Estamos em Guerra. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.68, p.11, 1942.

NARDI, Antonio Menotti. A Sciencia do Homem Perfeito: Biotipologia. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.19, p.23-26, 1938.

OUVINDO um apostolo da educação physica no Brasil: Fernando de Azevedo fala a nossa revista. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 45-47, 1936.

PARECER de Ruy Barboza sobre a instrução publica. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 4, p.33-34 e p. 52, 1934.

Pende, Nicola. Biotipologia e Atletismo. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.31, p.33-34, 1939.

REFORMA do ensino secundário. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n.11, p. 79, 1938.

SHARMAN, Jackson R. A Educação Profissional dos Professores de Educação Physica na Alemanha. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 19, p.10-12, 1938.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Paulo et al. **Reich e o movimento de higiene mental**. Psicologia em estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 393-401, mai./ago. 2007.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física, o que ella é, o que tem sido, o que deveria ser**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1920a. 2ª. ed.

_____. **Antinüos: Estudo de cultura Athletica**. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920b.

BIZZO, Nélio Marco Vincenzo. **Darwin - Do telhado das Américas á teoria da evolução**. São Paulo: Odysseus Editora, 2002.

_____. Eugenia quando a biologia faz falta ao cidadão. **Caderno de pesquisas**. São Paulo, n 92 fev. 1995.

BLACK, Edwin. **A guerra contra os fracos**. São Paulo: A Girafa, 2003.

BOARINI, M. L.; YAMAMOTO O. H. "Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem". **Revista Psicologia**, vol. 13, n.1, São Paulo. Educ. 2004. p. 59-72.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Crimes e utopias do terceiro reich. In: Palestra proferida na **II Jornada Internacional sobre o Ensino do Holocausto**. Curitiba, 2009, p. 3-10.
Disponível em: www.ensinosobreholocausto.com.br

CASTELLANI, Filho. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

CASTEÑEDA, L. A. 'Eugenia e casamento'. **Histórias, Ciências, Saúde. – Manguinhos**, Rio de Janeiro, vol. 10 (3): 901- 30, set.- dez. 2003.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico** 5ª ed. rev. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

COUTO, Rita Cristina C. de Medeiros. Eugenia, Loucura e Condição Feminina. **Caderno de Pesquisas** São Paulo, n. 90, p. 52-61, ago, 1994.

DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. São Paulo: Hemus, 1974.

_____. **A origem das espécies**. São Paulo: Hemus, [1859] [19 - -].

DEL CONT, Valdeir D. **Eugenia: A ciência do melhoramento das especificidades genéticas humanas**. 2007. Tese. (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas.

_____. Valdeir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201 – 18, 2008.

DE LUCA, Tânia Regina. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DIWAM, Pietra. **Raça pura uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, M. **Direito de morte e poder sobre a vida**. In: _____. História da sexualidade I. 8. ed. Rio de Janeiro, edições Graal, 1985.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Michael. **Vigiar e punir. História da violência nas prisões**. 35. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes [1975], 2008.

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo: Discurso editorial/ Editora UNIJUÍ, 2001.

GUERRA, Andréa Trevas Maciel. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. **Cienc. Cult.** jan. /mar. 2006, v.58, n.1, p. 4-5. ISSN 0009- 6725.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. - São Paulo: Cortez, 2008. - (preconceitos; v.6).

GOELLNER, S. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte** vol.1 n°1 2008.

_____. **Bela maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: Educação, Higiene e a Reinvenção do homem. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25 – 38, abril 2003. Disponível em: <www.cedes.unicamp.br >. Acesso em : 01 jun. 2010.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. “**Eis o mundo encantado que Monteiro lobato criou**”: Raça, eugenia e nação. 2003. Dissertação (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas.

KOBAYASHI, E.; FARIA, L.; COSTA, M. Eugenia e fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. **Sociologias**, n. 22, Porto Alegre jul./dez. 2009. ISSN 1517 – 4522.

LENAY, Charles. **Darwin**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

LIMA, N.T.; HOCHMAN, G. **Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da primeira república**. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R. V.(Org.) Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro; Fiocruz, 1996. p.23-40.

LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. 12 . ed. São Paulo: Brasiliense, 1968, v. 8

_____. **Urupês**. 37. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAYR, Ernst. **Uma ampla discussão: Charles Darwin e a gênese do pensamento evolutivo moderno**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC, 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 8. ed.. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. A fonte da juventude brasileira: Eugenia e saúde nos primórdios do século XX. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v.9, n.2, p.175-189, 2005.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no **3º seminário nacional de relações raciais e educação**. Rio de Janeiro, 2003.

NETO, Samuel de Souza. “EDUCAÇÃO PHYSICA”: Revista de Esporte e Saúde – Profissão, História e sociedade. ANAIS XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O lugar da História. ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004.

OLIVEIRA, Fátima. **Saúde da população negra: Brasil ano 2001**. Brasília: Organização Pan – Americana da Saúde, 2003.

PAGNI, Pedro Angelo. **História da educação física no Brasil - notas para uma avaliação**. In: NETO, A. F.; GOELLNER, S. V.; BRACHT, V. (Org) *As Ciências do esporte no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. p. 149-163.

_____. **A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850 – 1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral**. In: Amarílio Ferreira Neto (Org) *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: UFES. Centro de educação física e desportos, 1997.p.59- 82.

PAREDES, De Menezes Marçal. **De convergências e dissidências: Notas sobre o repertório teórico do final do século XIX**. In: Mozart L. da Silva (Org.) *Ciência, raça e racismo na modernidade*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

PATY, Michael. **De novo, a besta imunda ronda por aqui**. Estudos Avançados. 1998, In: palestra proferida no Fórum Racismo e mundialização. Para uma educação do anti – racismo, ADPES, Palácio de Luxemburgo 1996. Tradução de Pablo R. Mariconda. p. 157 – 170.

EIS, José Roberto Franco. **Higiene mental e eugenia: O “projeto de regeneração nacional” da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920 – 30)**. 1994. Dissertação (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas). Universidade Estadual de Campinas.

ROSA, Alexandra. **“Quando a eugenia se distancia do saneamento: as ideias de Renato Kehl e Otávio Domingues no Boletim de Eugenia. (1929-1933)”** 2005. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História das Ciências da Saúde-Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.

ROSE, Michael. **O espectro de Darwin: A teoria da evolução e suas implicações no mundo moderno.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. Quem é bom já nasce feito? Uma leitura do eugenismo de Renato Kehl. **Revista Intellectus/** Ano 04, vol. II – 2005. ISSN 1676 – 7640, p. 1 -10.

SCHNEIDER, O.; NETO, A.F. **Estratégias Editoriais, Enciclopedismo, Produtos e Publicidade na Revista Educação Physica (1932 – 1945).** 2003. Disponível em: www.Proteoria.org

_____. Intelectuais, Educação e Educação Física – Um olhar historiográfico sobre saúde e escolarização no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 73- 92, 2006.

SCHWARCZ, M. Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SELDON, Steven. A emboscada dos paradigmas deterministas nas políticas curriculares: A eugenia americana e a transformação dos concursos ‘better babies’ em competições para fitter families’ nos anos 20. **Currículo sem fronteiras**, v. 4, n. 1, p. 35- 50, Jan/ Jun 2004. ISSN 0009- 6725.

SILVA, André Luiz. **Entre Lamarck e Mendel: olhares eugênicos sobre a educação física brasileira.** In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A.A. (Org) Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

_____. **A perfeição expressa na carne: A educação física no projeto eugênico de Renato Kehl 1917 a 1929.** 2008. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano - mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Mozart Linhares da. **Eugenia, antropologia criminal e prisões no Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2005.

_____. **Direito e medicina no processo de invenção do anormal no Brasil.** In: História, medicina e sociedade no Brasil. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2003.

_____. **Ciência, raça e racismo: caminhos da eugenia.** In: Ciência, raça e racismo na modernidade. Mozart L. da Silva (Org.) 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, (coleção educação contemporânea) 1994.

SOUZA, Sebastião Vanderlei. **A política biológica como projeto: A “eugenia negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932).** 2006 a. Dissertação (Programa de Pós Graduação em História das Ciências da Saúde-Mestrado). Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.

_____. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as ideias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. **Revista de História Regional** 11 (2), 2006 b. p. 29- 70.

_____. A eugenia no Brasil: Ciência e pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entre- guerras. p. 1-8, 2005. In: **XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz**, 2005, Londrina. Anais Suplementar do XXIII Simpósio Nacional de História, 2005.

_____. Sebastião Vanderlei de. Limites e fronteiras da eugenia no Oeste dos Estados Unidos. **Histórias, Ciências, Saúde. – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 363-367, jan. – mar. 2007.

STANCIK, Marco Antonio. Eugenia no Brasil nos tempos da primeira república (1889-1930): a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. **Espaço Plural**. Ano IV, nº 14, 1º semestre de 2006. Disponível em: www.unioeste.br/saber

STEPAM, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

**ANEXO – CAPAS DA REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA EDITADAS
ENTRE 1932 E 1945**

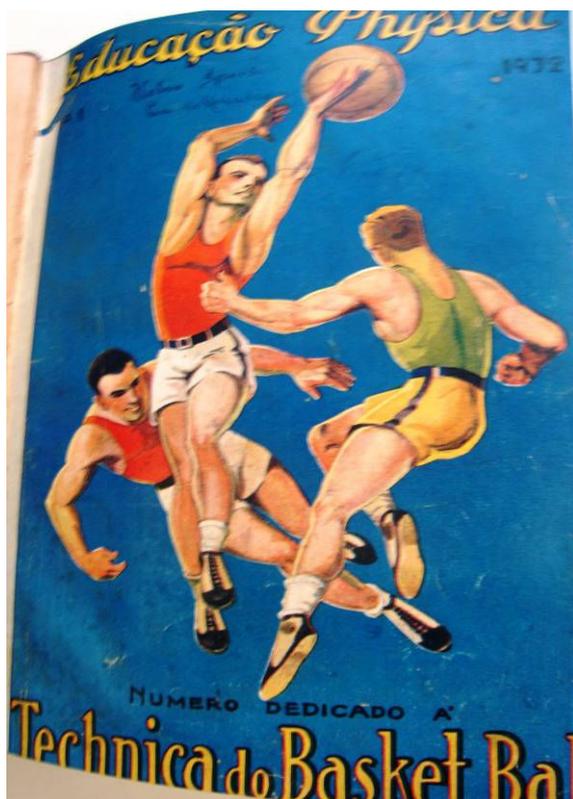


Figura 1 – Capa revista, 1932, nº 1

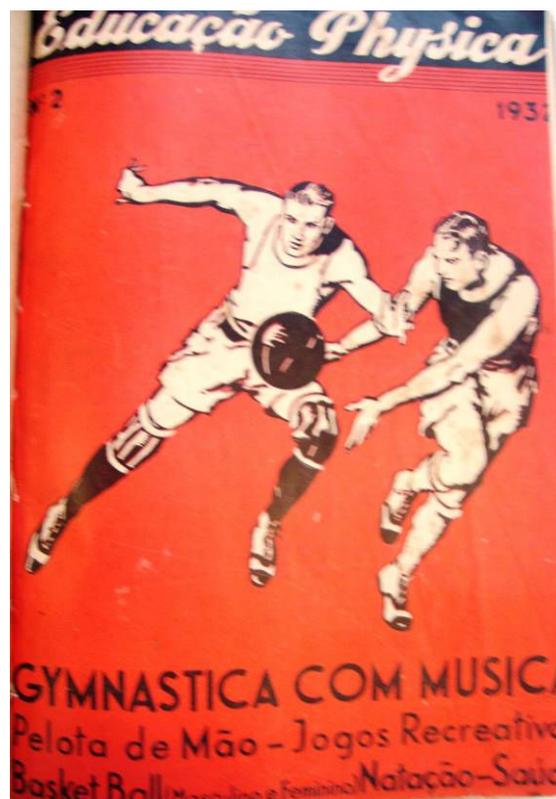


Figura 2 – Capa revista, 1932, nº 2



Figura 3 – Capa revista, 1934, nº 4

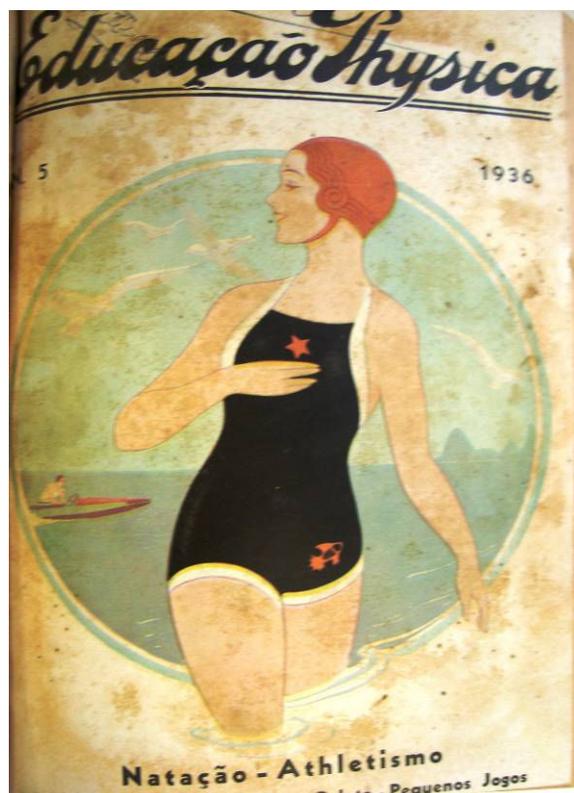


Figura 4 – Capa revista, 1936, nº 5

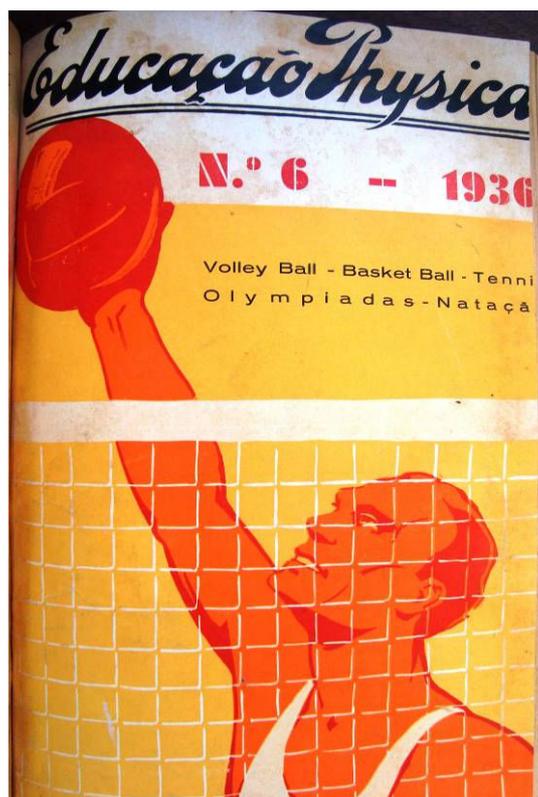


Figura 5 – Capa revista, 1936, nº 6

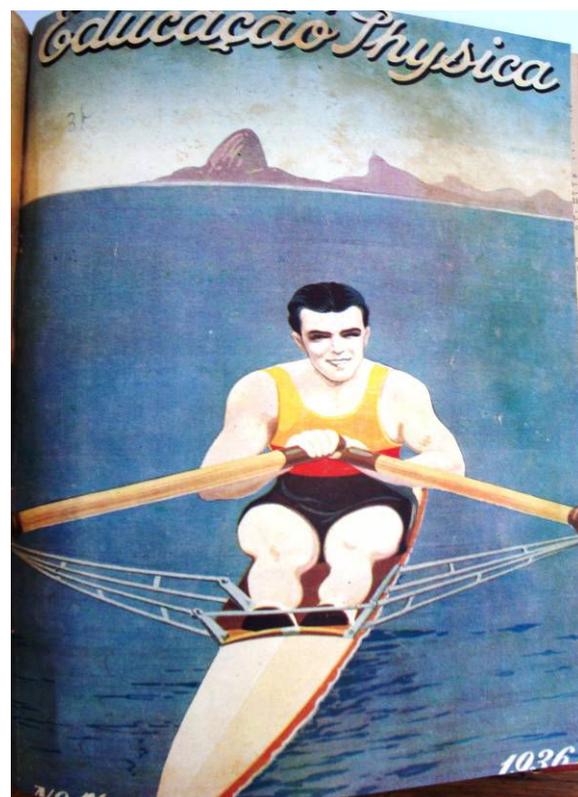


Figura 6 – Capa revista, 1936, nº 7

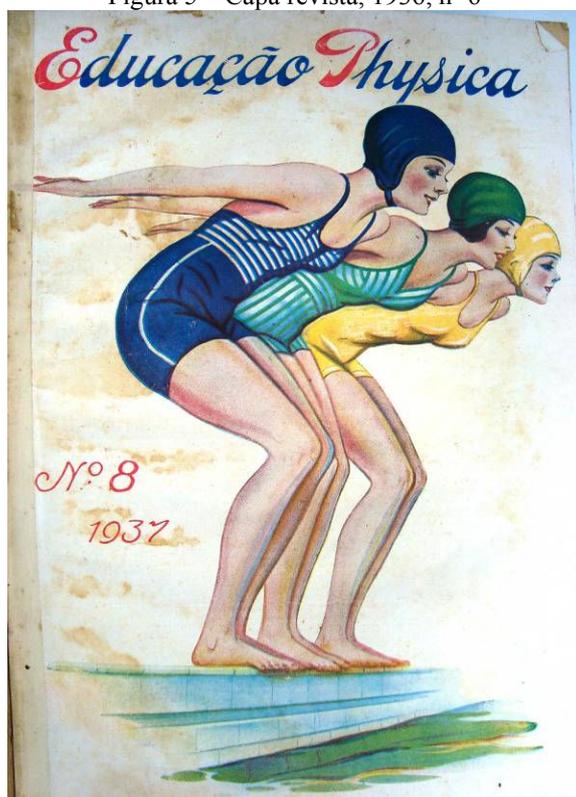


Figura 7 – Capa revista, 1937, nº 8



Figura 8 – Capa revista, 1932, nº 9



Figura 9 – Capa revista, 1937, nº 10

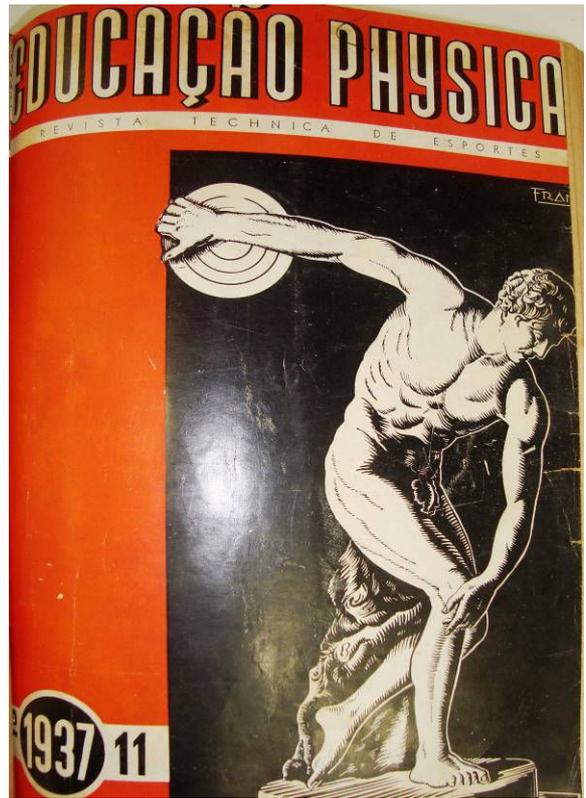


Figura 10 – Capa revista, 1937, nº 11

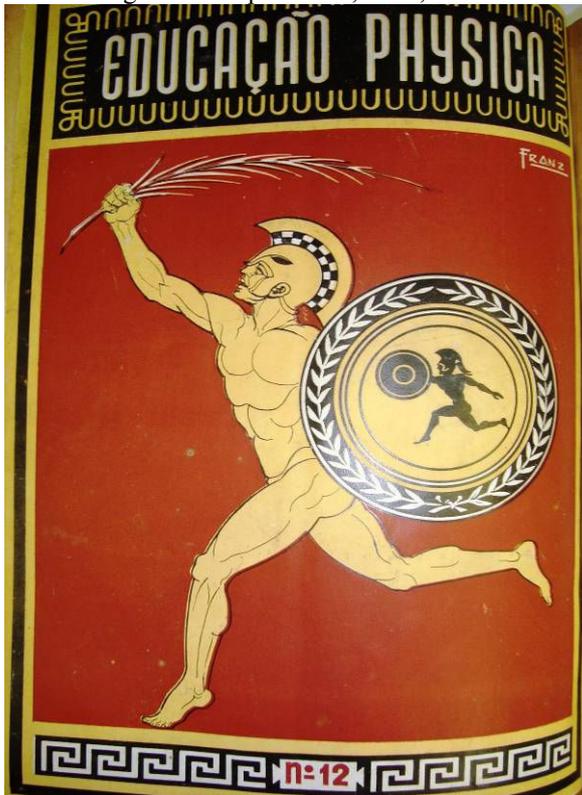


Figura 11 – Capa revista, nº 12

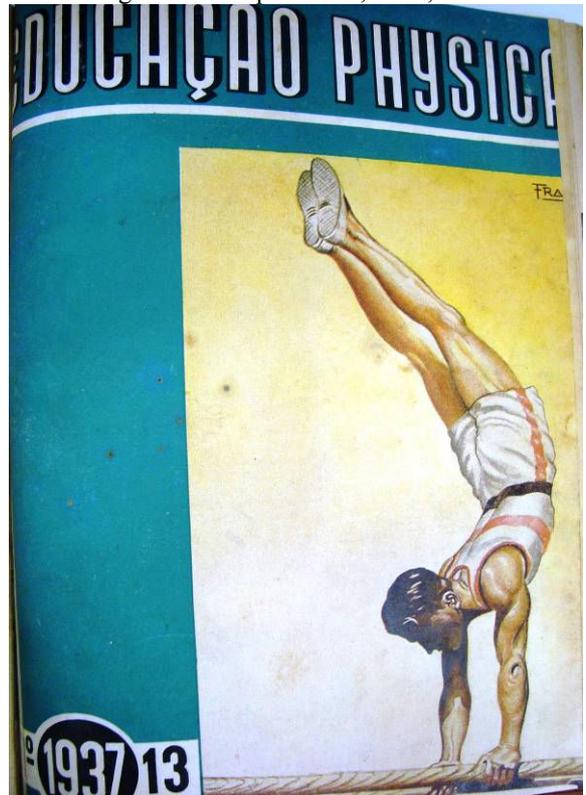


Figura 12 – Capa revista, 1937, nº 13



Figura 13 – Capa revista, 1938, nº 14

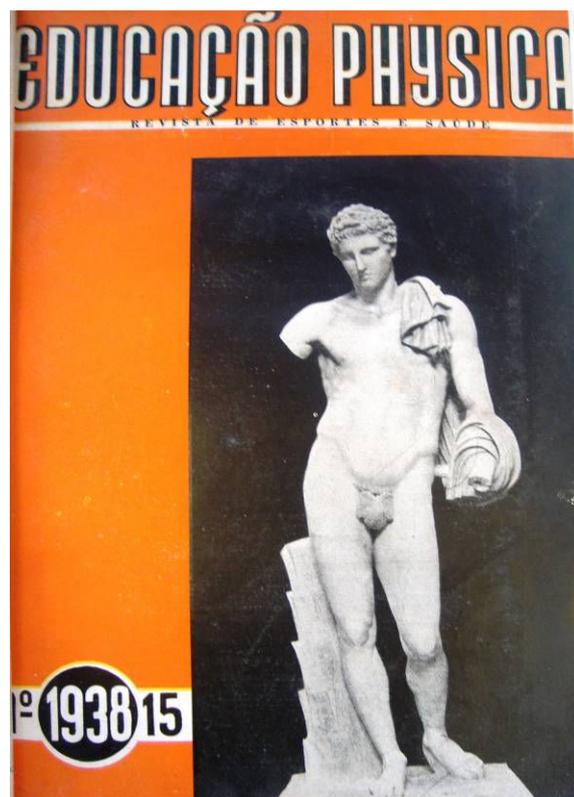


Figura 14 – Capa revista, 1938, nº 15

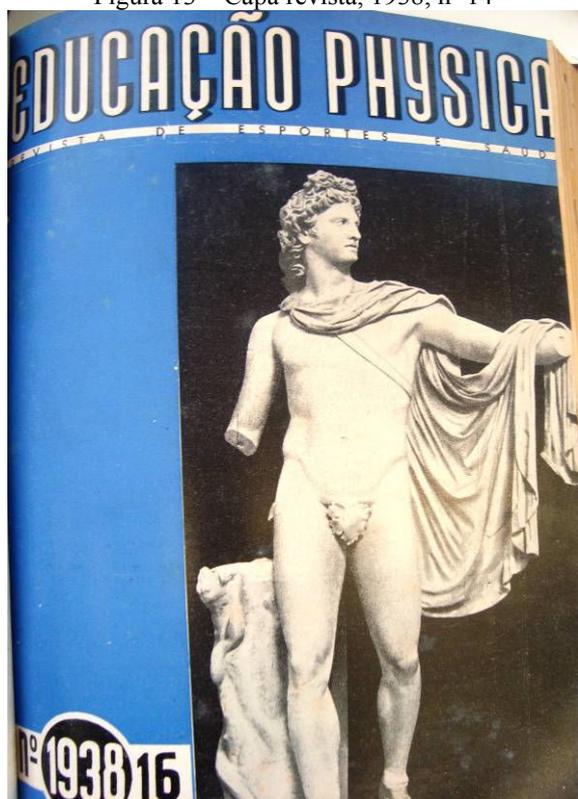


Figura 15 – Capa revista, 1938, nº 16

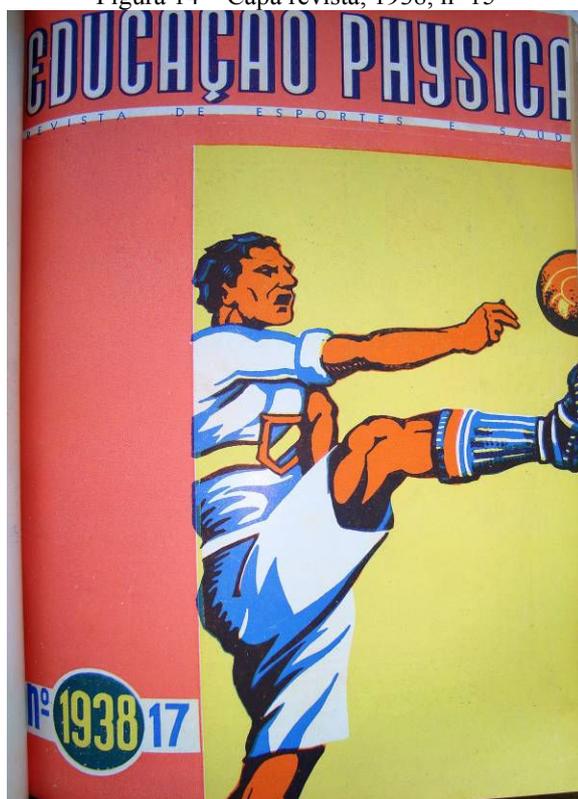


Figura 16 – Capa revista, 1938, nº 17

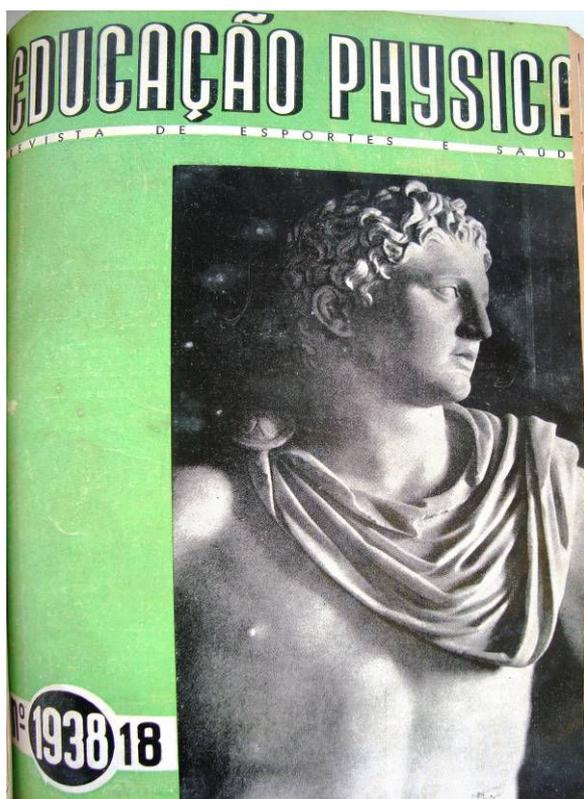


Figura 17 – Capa revista, 1938, nº 18

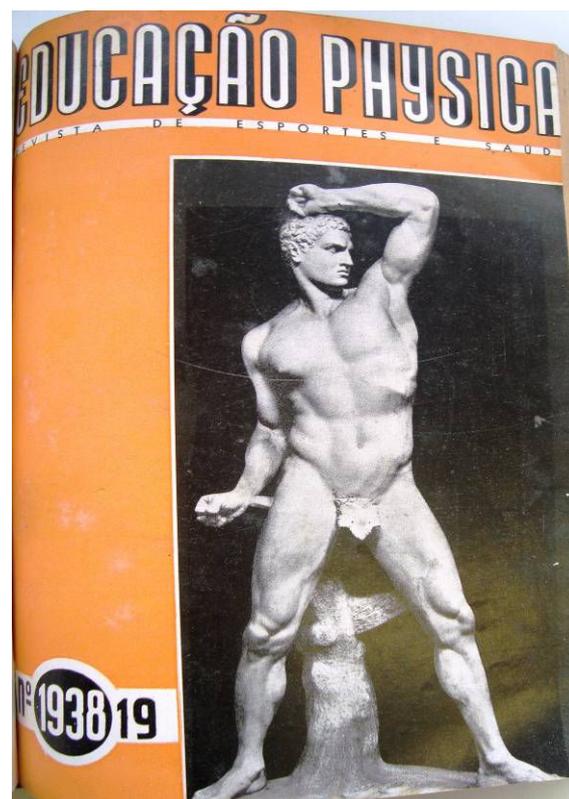


Figura 18 – Capa revista, 1938, nº 19

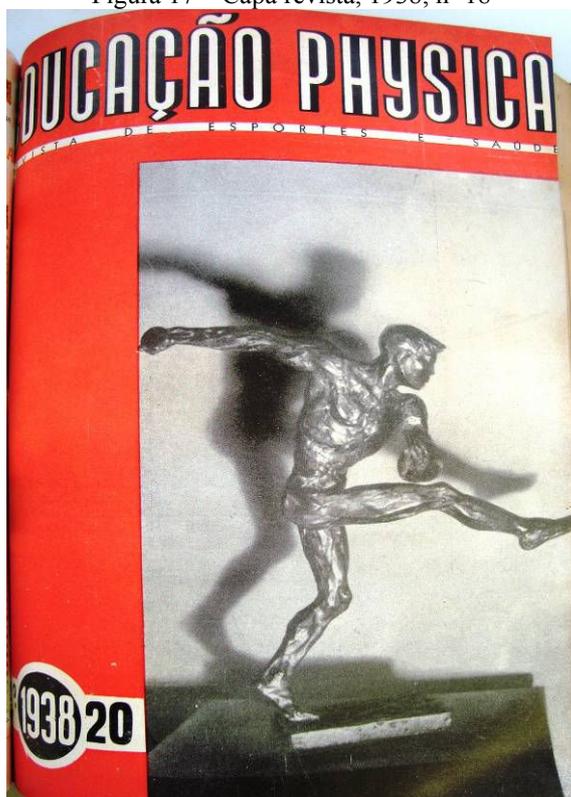


Figura 19 – Capa revista, 1938, nº 20

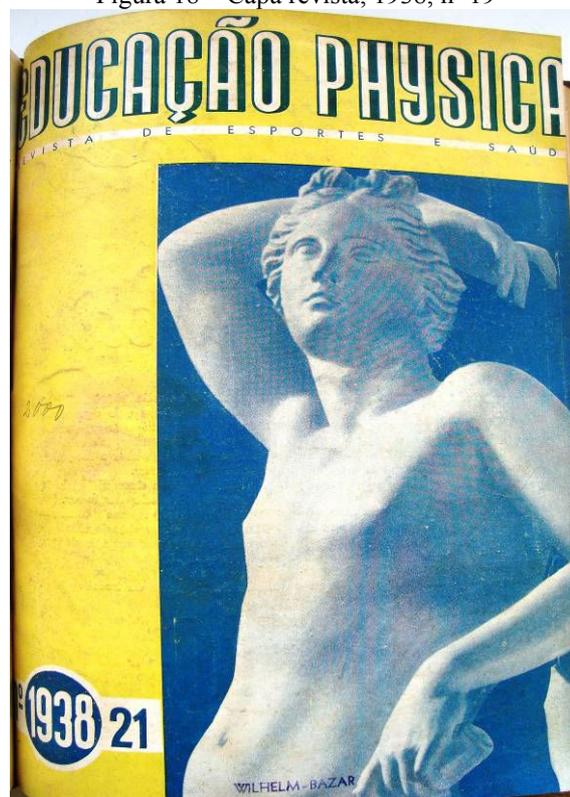


Figura 20 – Capa revista, 1938, nº 21

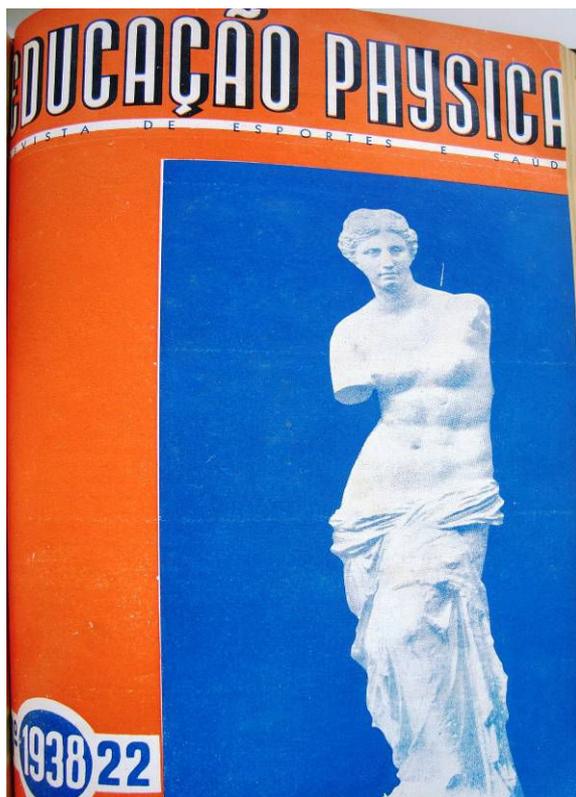


Figura 21 – Capa revista, 1938, nº 22

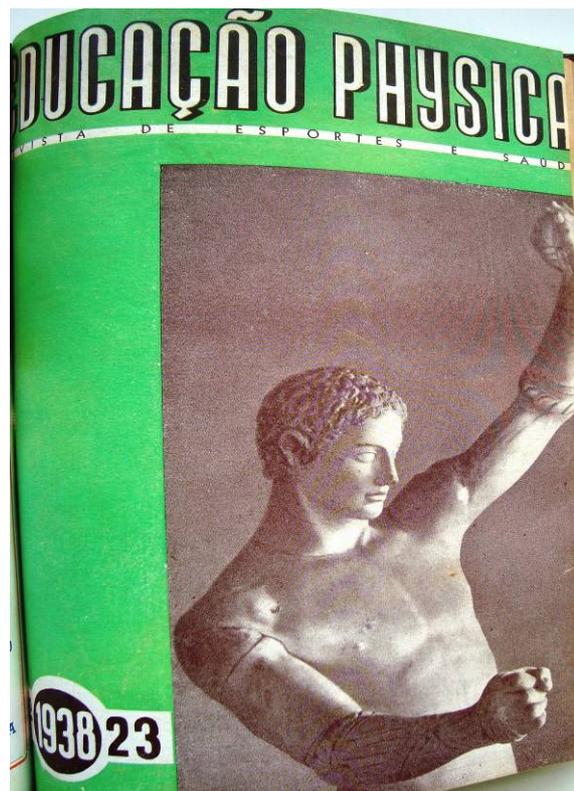


Figura 22 – Capa revista, 1938, nº 23

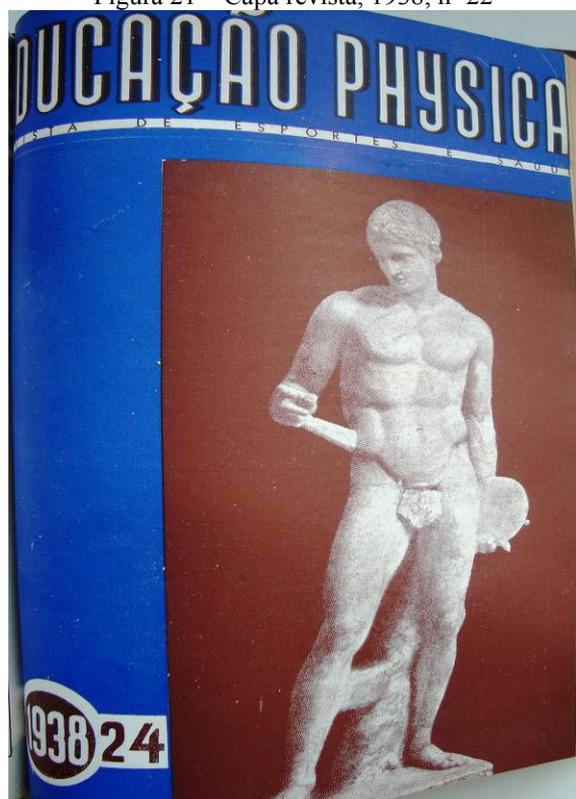


Figura 23 – Capa revista, 1938, nº 24

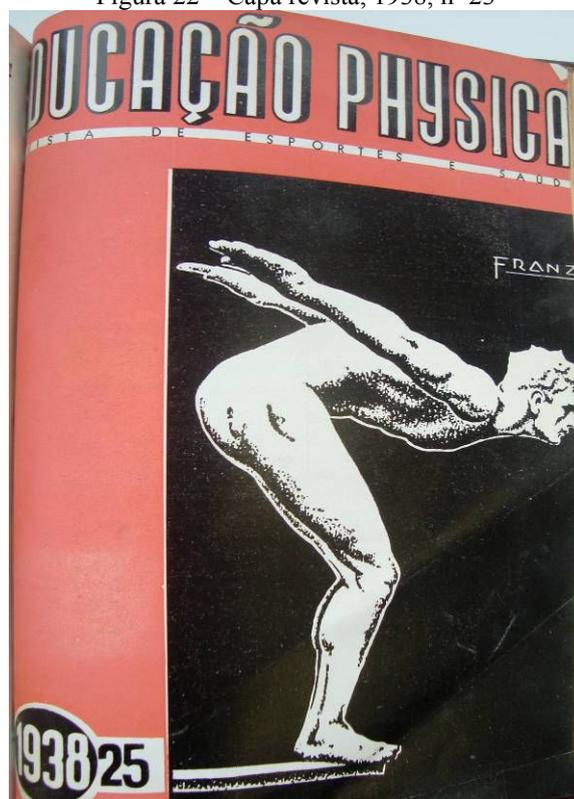


Figura 24 – Capa revista, 1938, nº 25

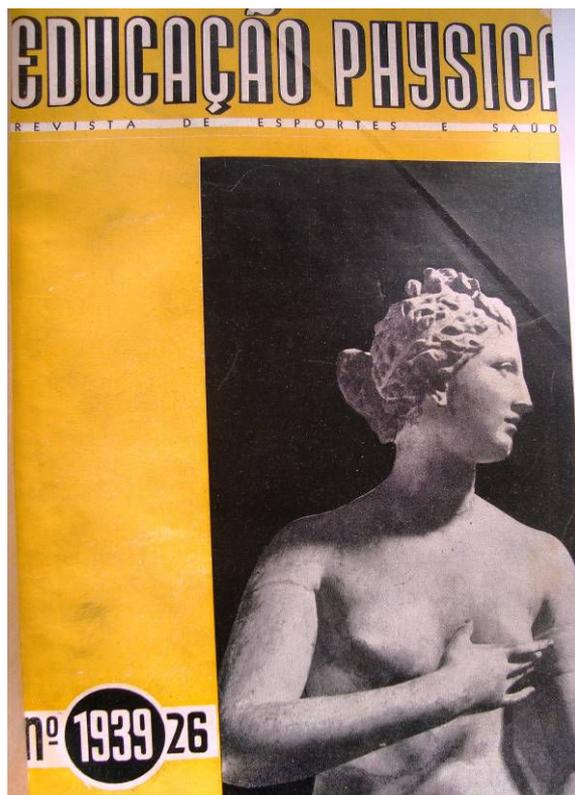


Figura 25 – Capa revista, 1939, nº 26

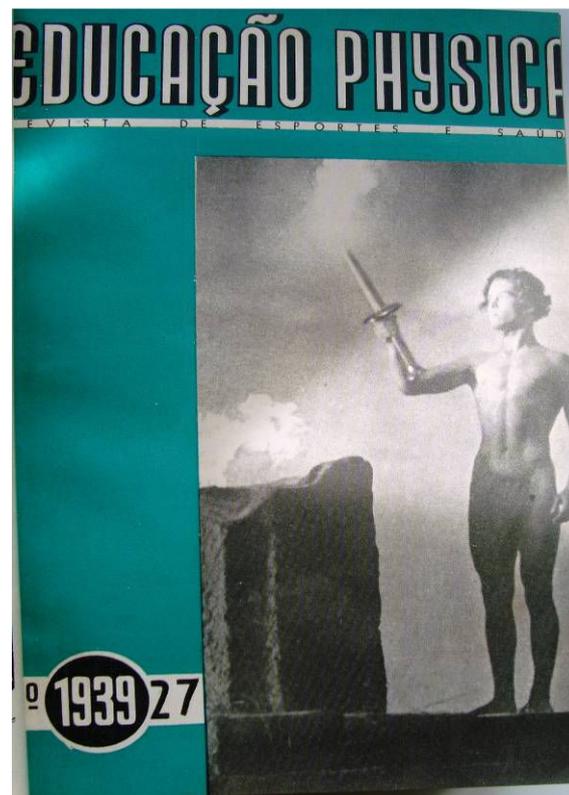


Figura 26 – Capa revista, 1939, nº 27

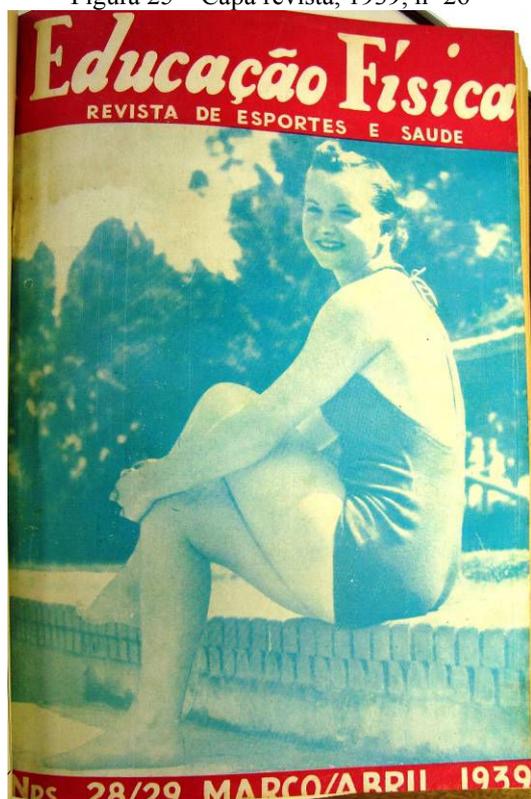


Figura 27 – Capa revista, 1939, nº 28/29

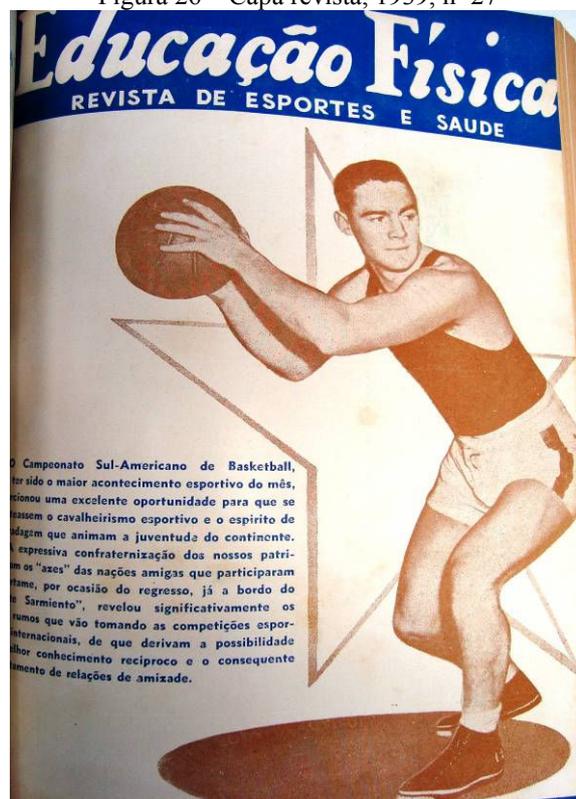


Figura 28 – Capa revista, nº 30

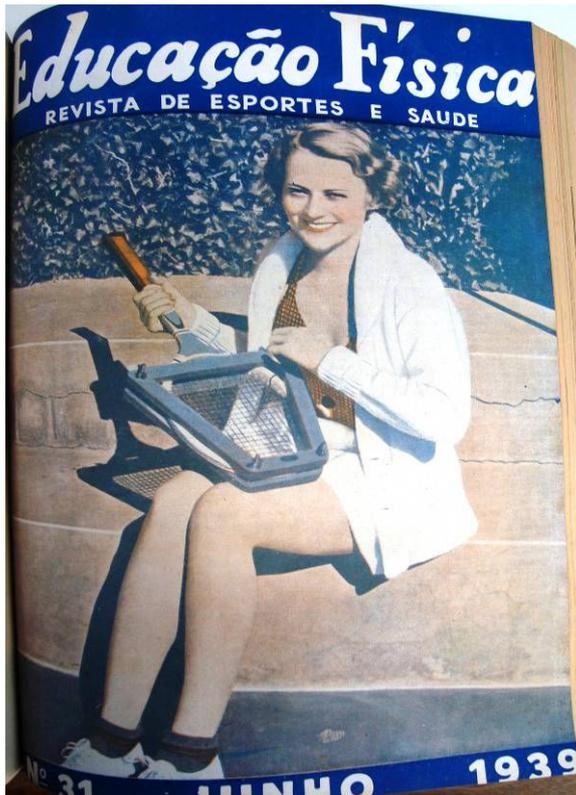


Figura 29 – Capa revista, 1939, nº 31

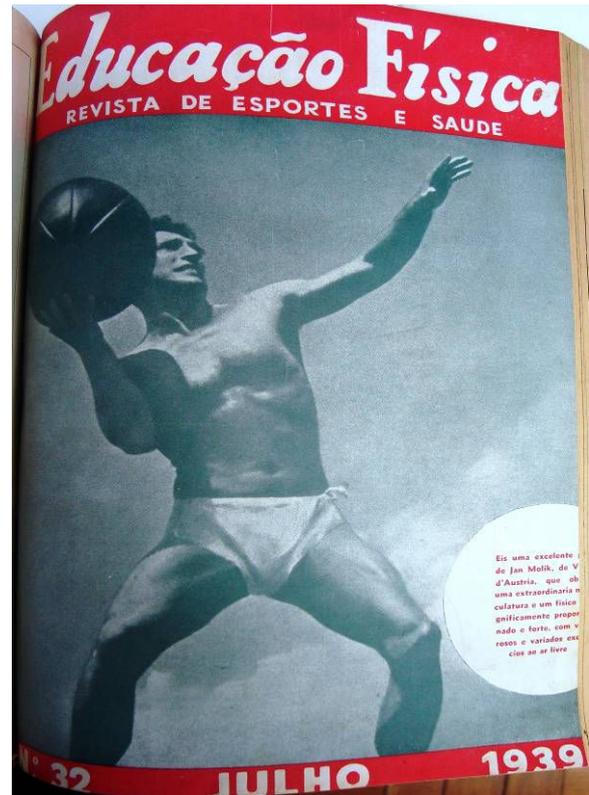


Figura 30 – Capa revista, 1939, nº 32

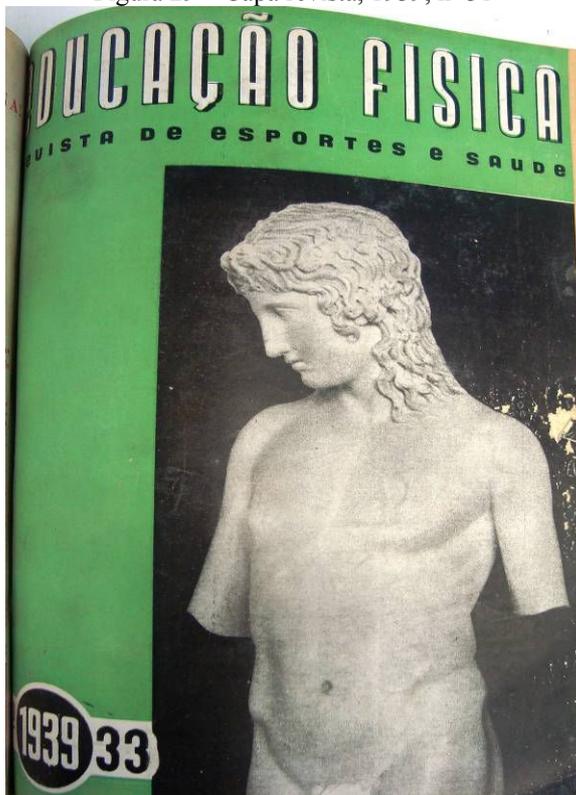


Figura 31 – Capa revista, 1939, nº 33

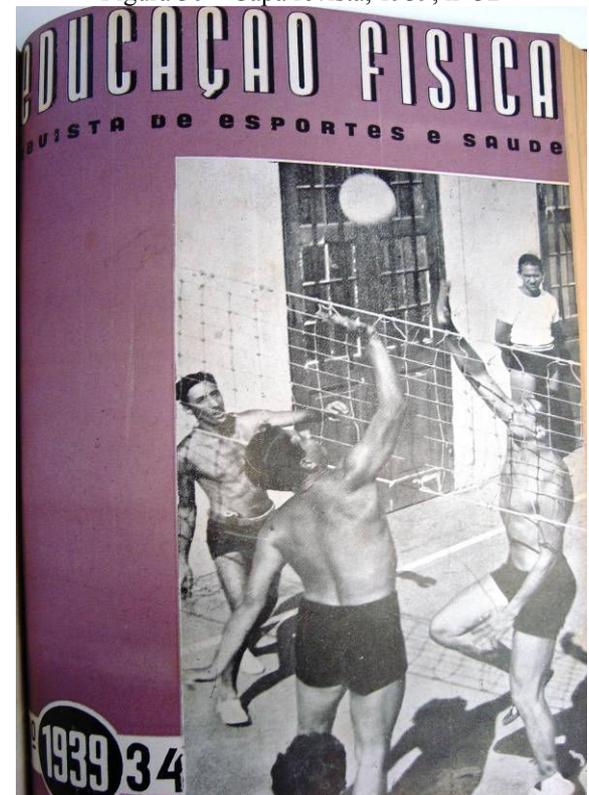


Figura 32 – Capa revista, 1939, nº 34

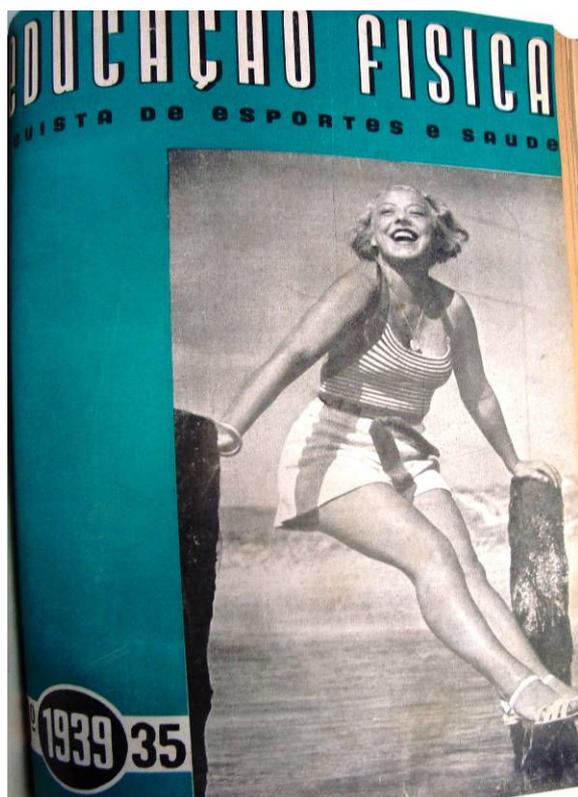


Figura 33 – Capa revista, 1939, nº 35

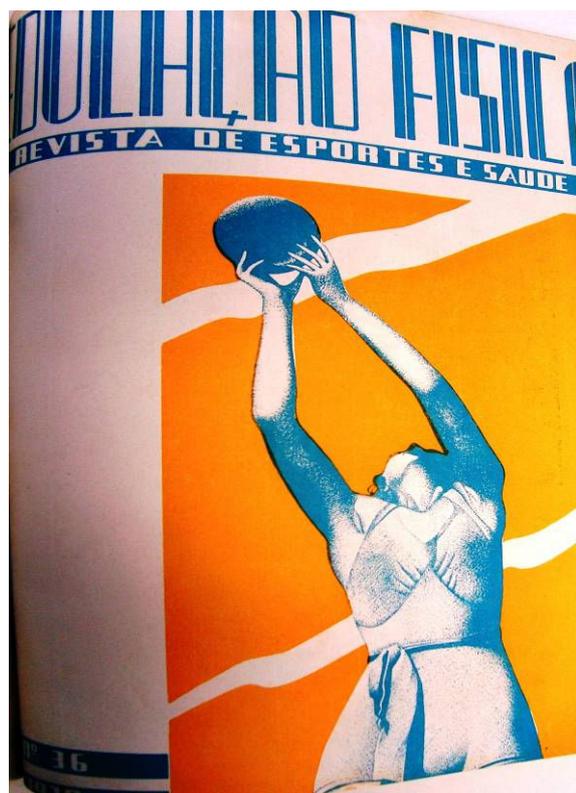


Figura 34 – Capa revista, 1939, nº 36

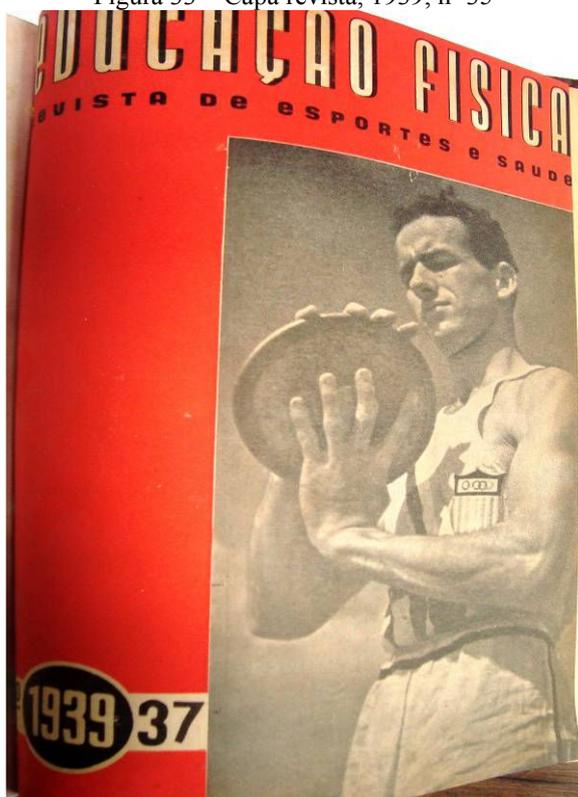


Figura 35 – Capa revista, 1939, nº 37

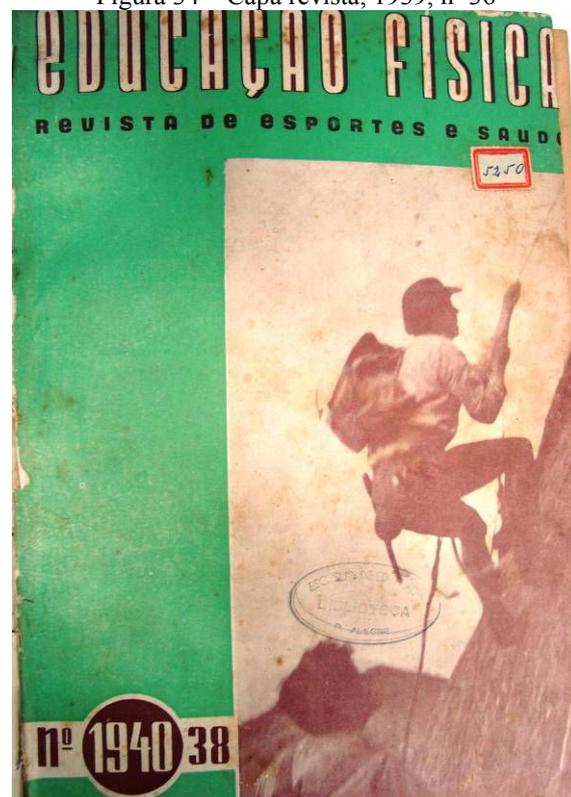


Figura 36 – Capa revista, 1940, nº 38

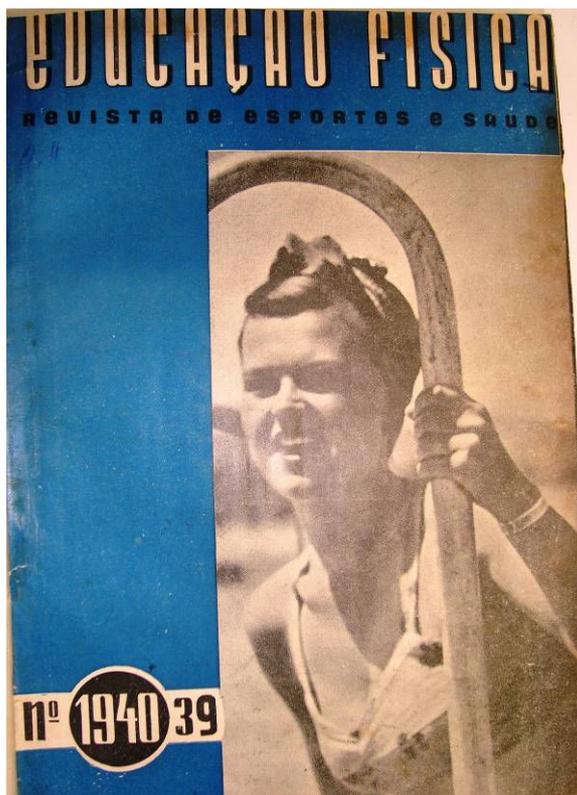


Figura 37 – Capa revista, 1940, nº 39

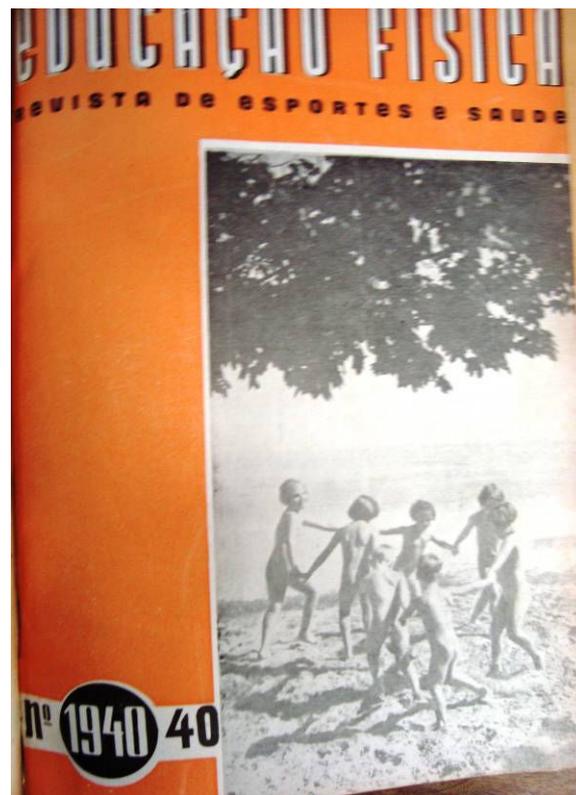


Figura 38 – Capa revista, 1940, nº 40

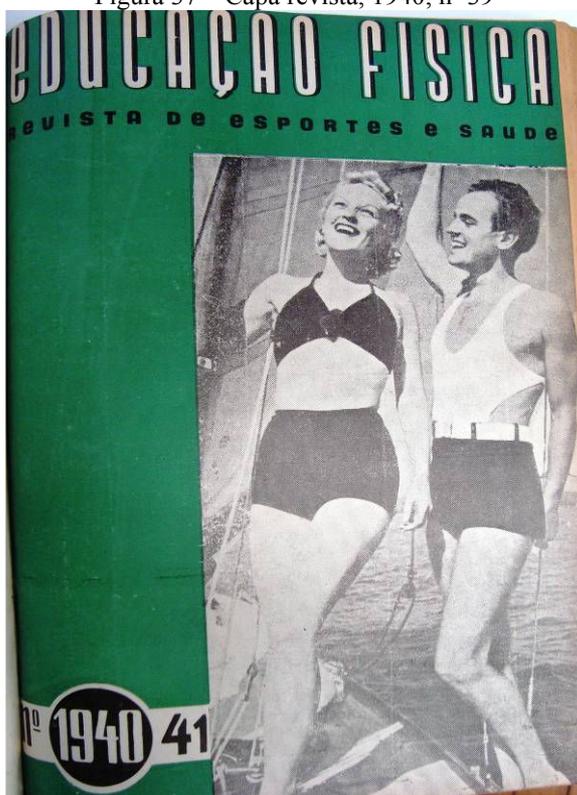


Figura 39 – Capa revista, 1940, nº 41

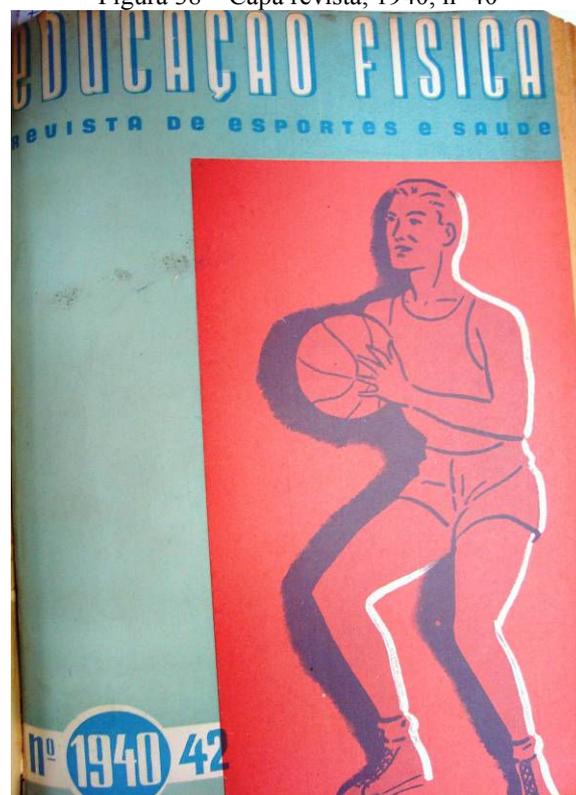


Figura 40 – Capa revista, 1940, nº 42

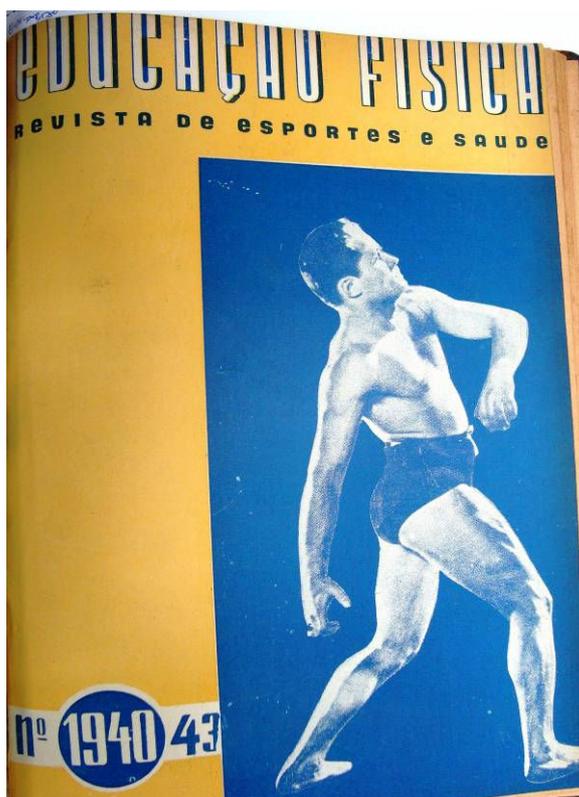


Figura 41 – Capa revista, 1940, nº 43

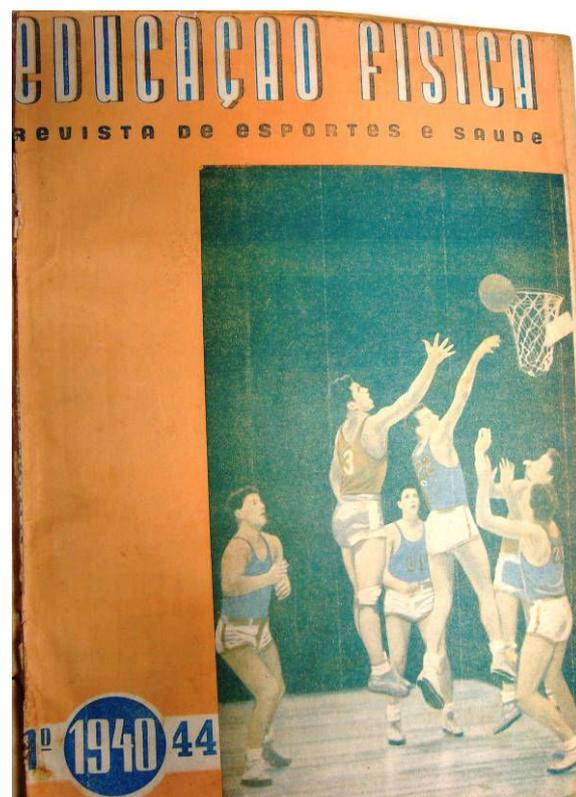


Figura 42 – Capa revista, 1940, nº 44

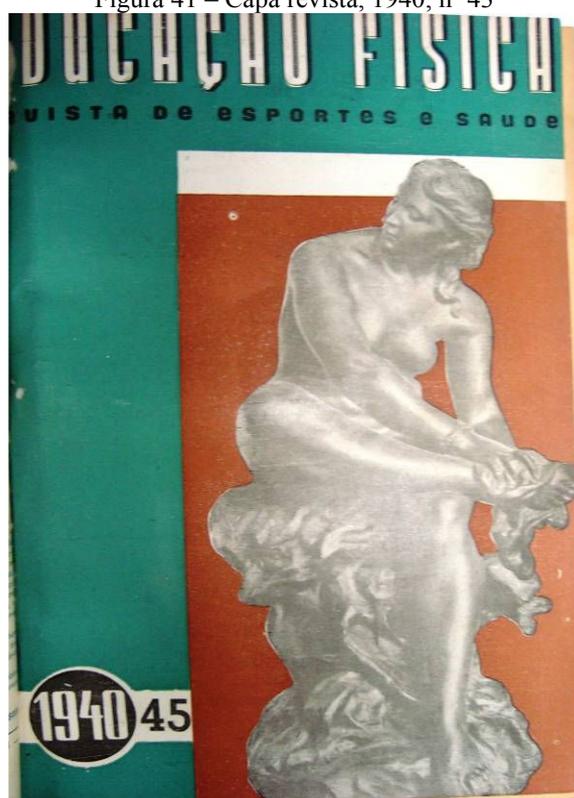


Figura 43 – Capa revista, 1940, nº 45

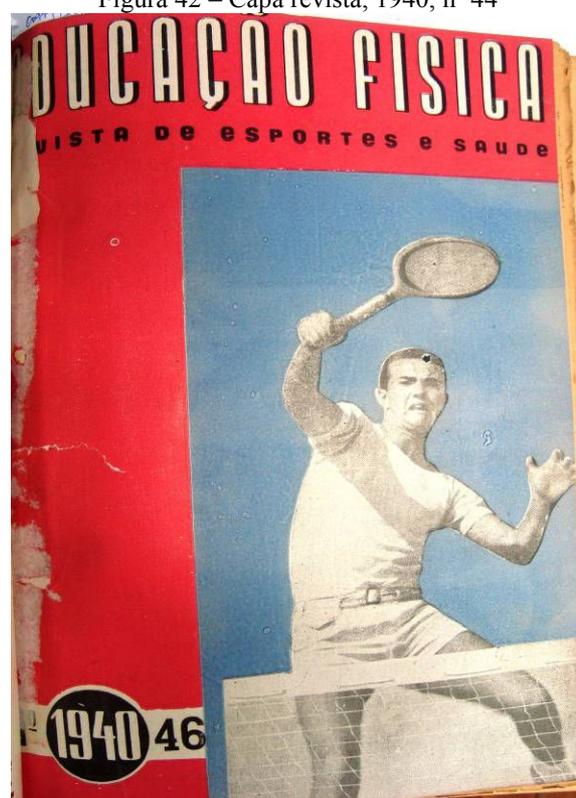


Figura 44 – Capa revista, 1940, nº 46

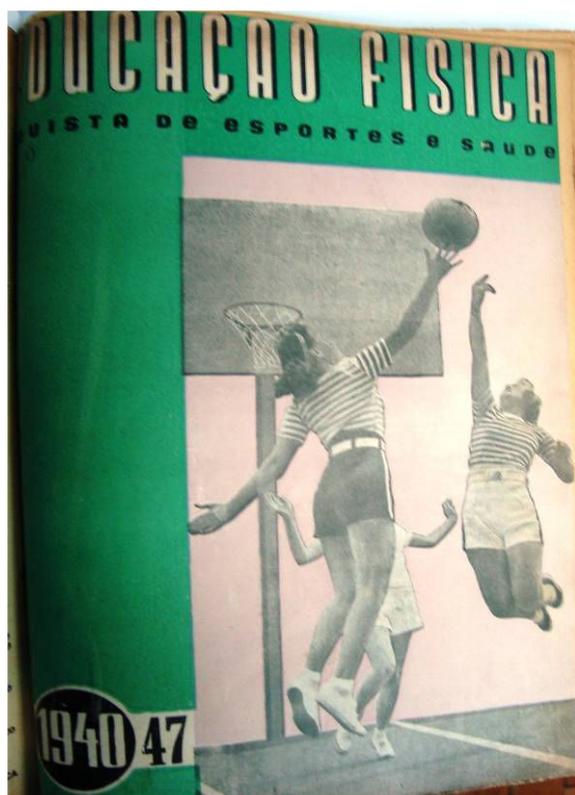


Figura 45 – Capa revista, 1940, nº 47

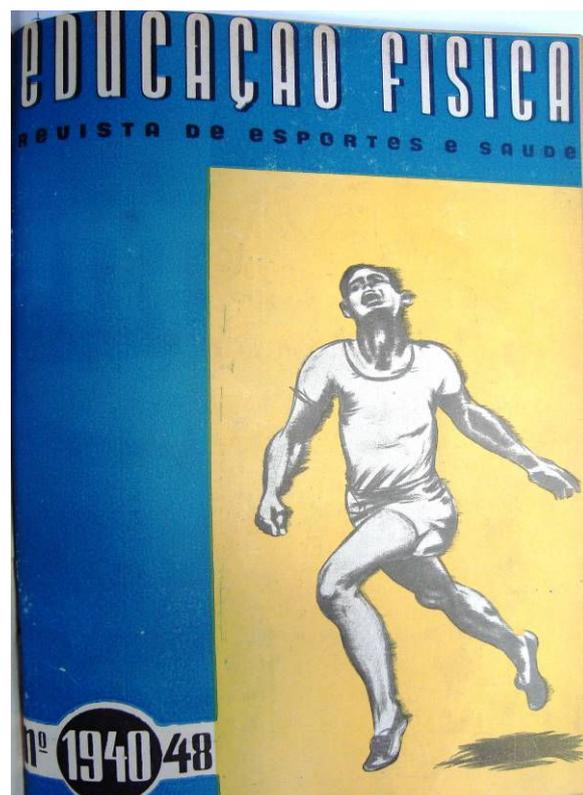


Figura 46 – Capa revista, 1940, nº 48

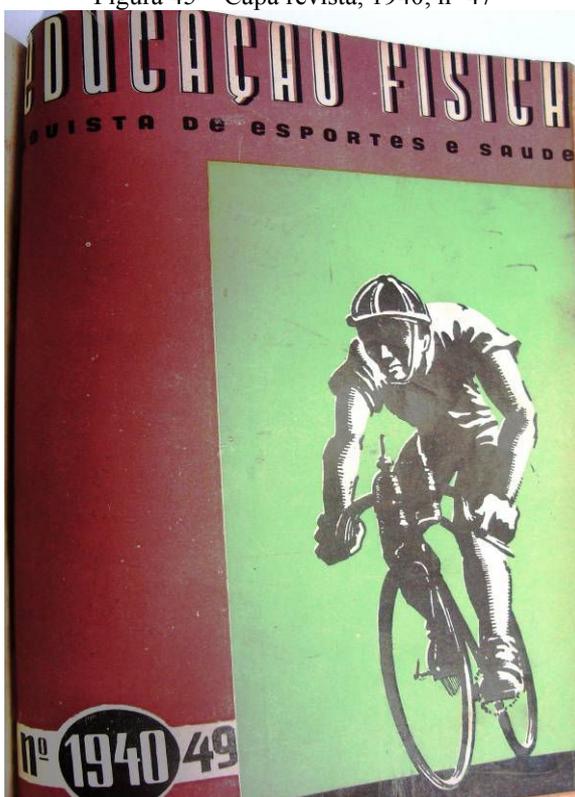


Figura 47 – Capa revista, 1940, nº 49

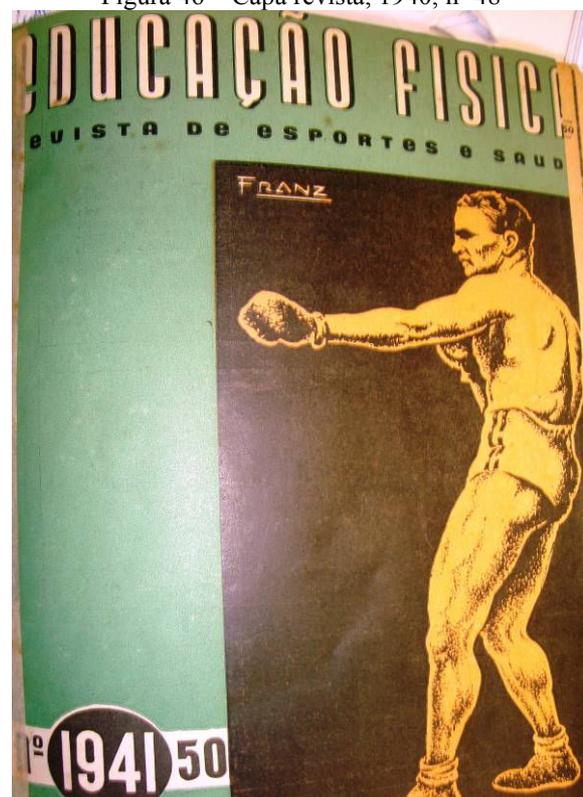


Figura 48 – Capa revista, 1941, nº 50

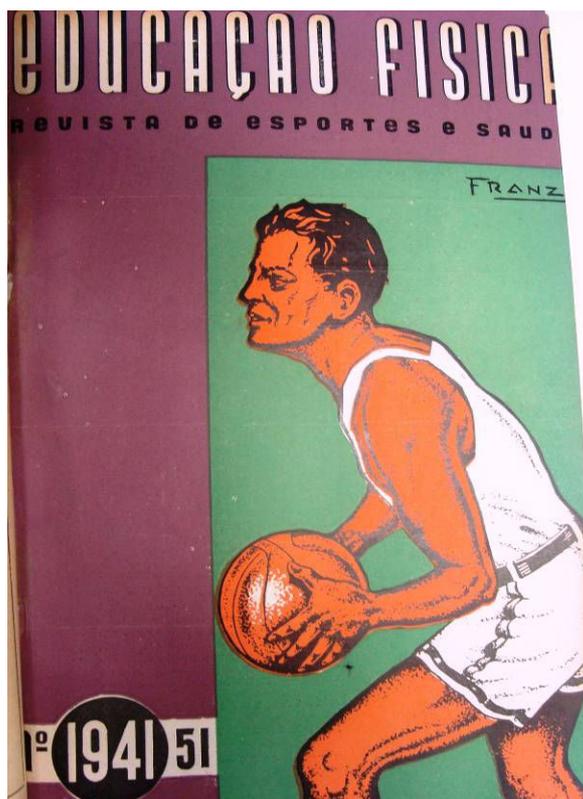


Figura 49 – Capa revista, 1941, nº 51

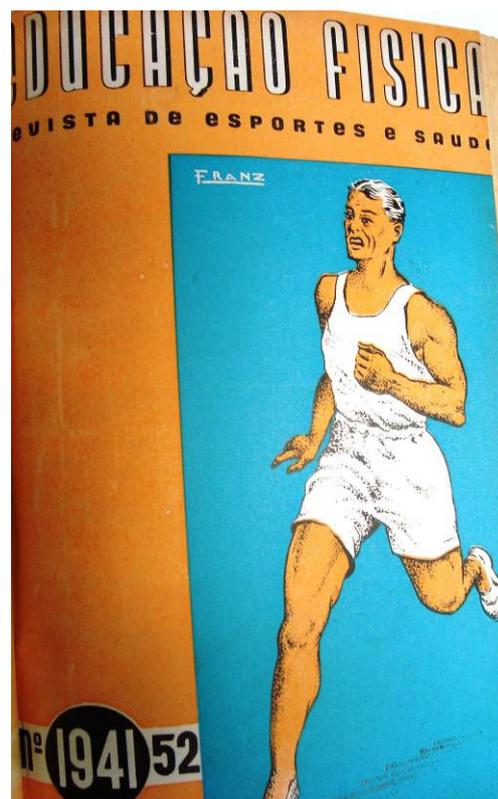


Figura 50 – Capa revista, 1941, nº 52

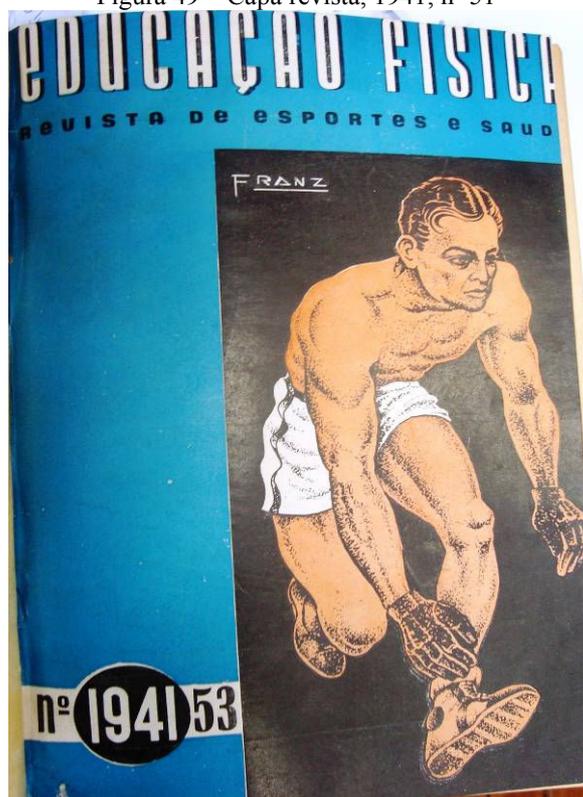


Figura 51 – Capa revista, 1941, nº 53

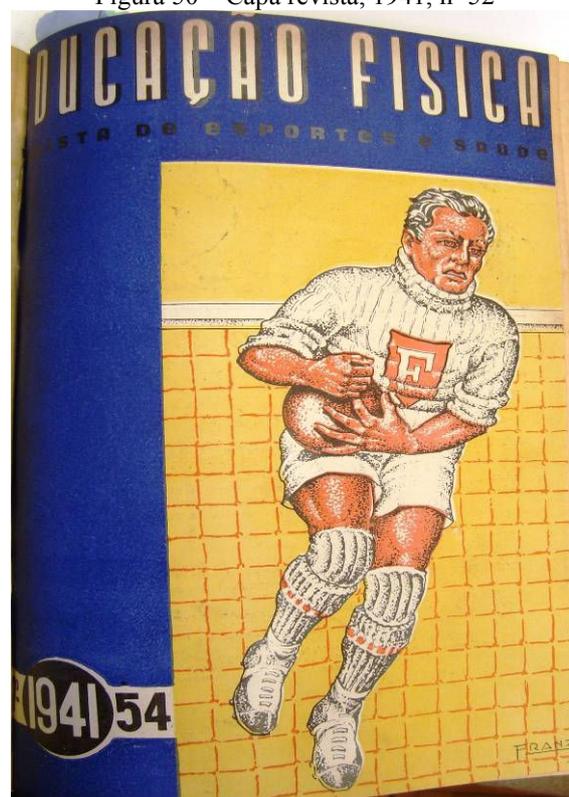


Figura 52 – Capa revista, 1941, nº 54

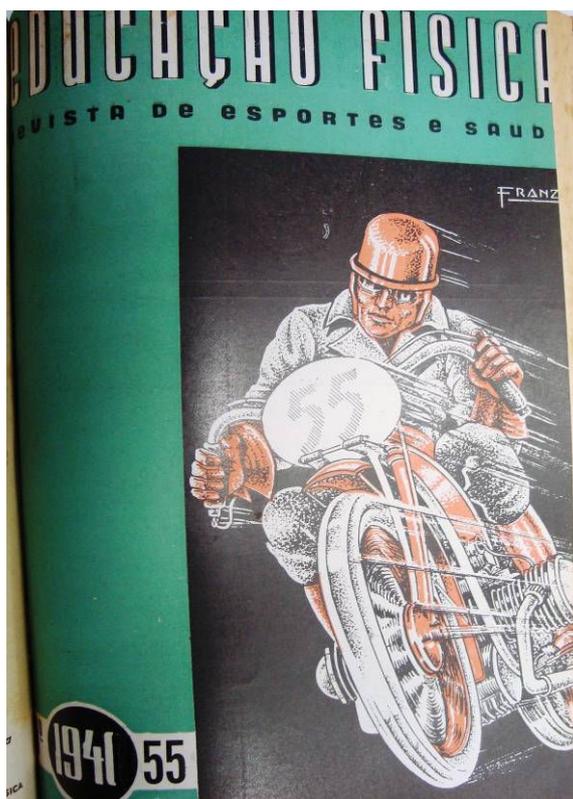


Figura 53 – Capa revista, 1941, nº 55

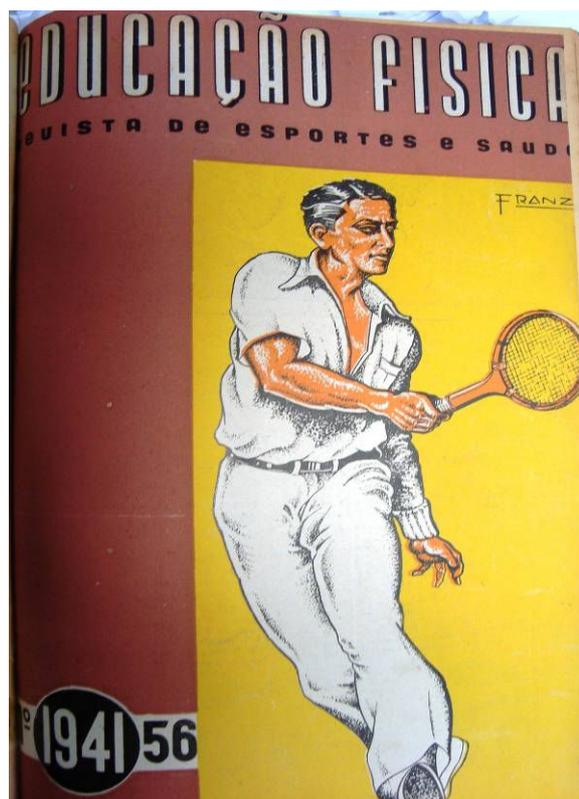


Figura 54 – Capa revista, 1941, nº 56

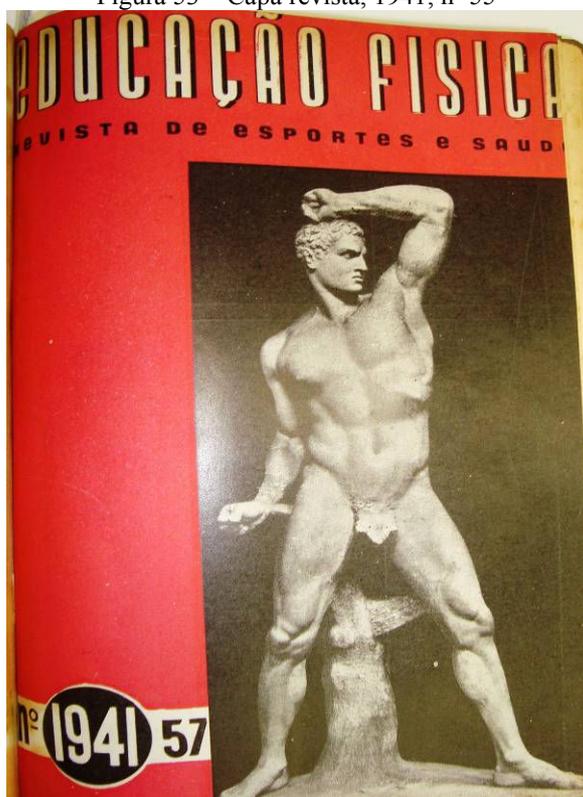


Figura 55 – Capa revista, 1941, nº 57

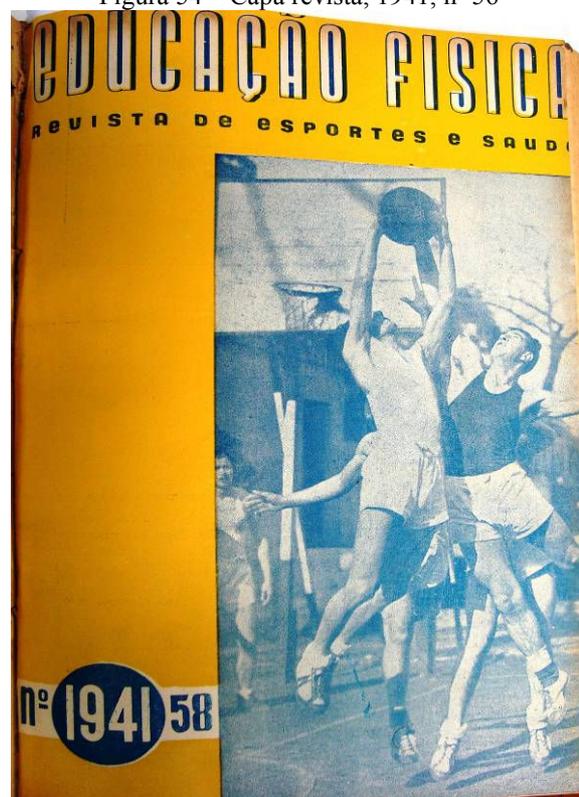


Figura 56 – Capa revista, 1941, nº 58

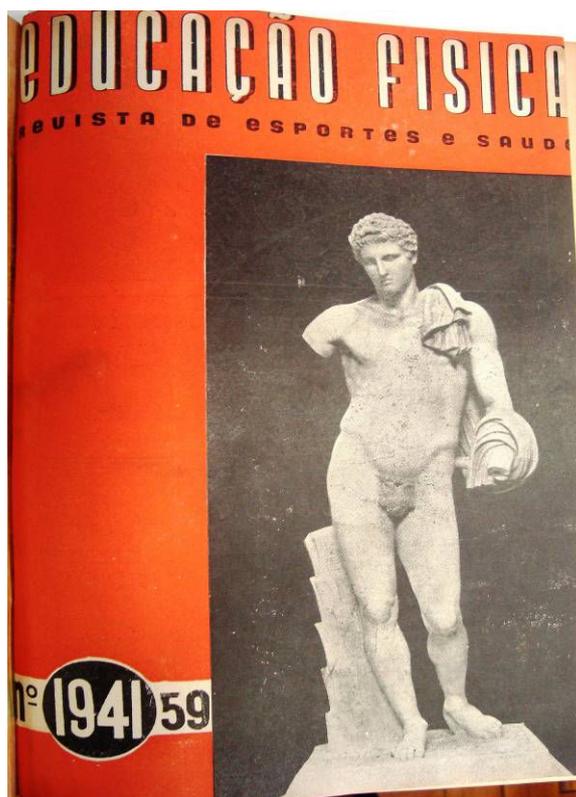


Figura 57 – Capa revista, 1941, nº 59

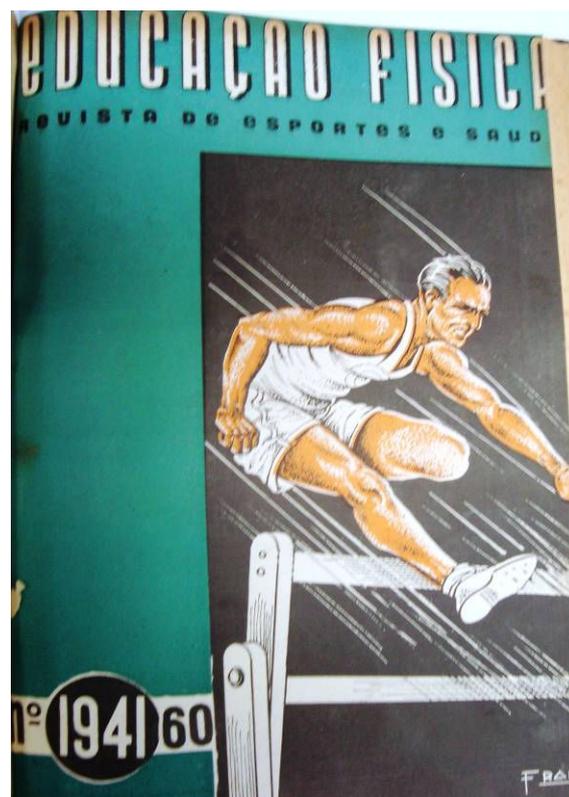


Figura 58 – Capa revista, 1941, nº 60

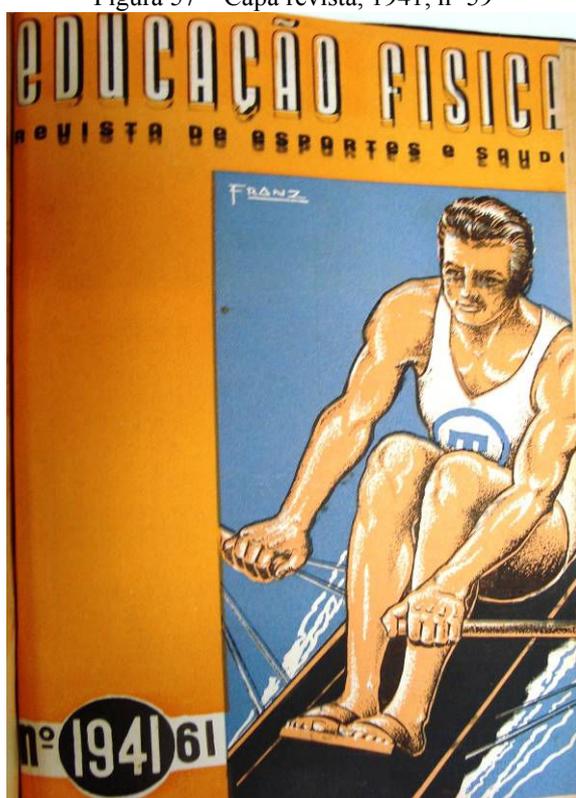


Figura 59 – Capa revista, 1941, nº 61



Figura 60 – Capa revista, 1942, nº 62

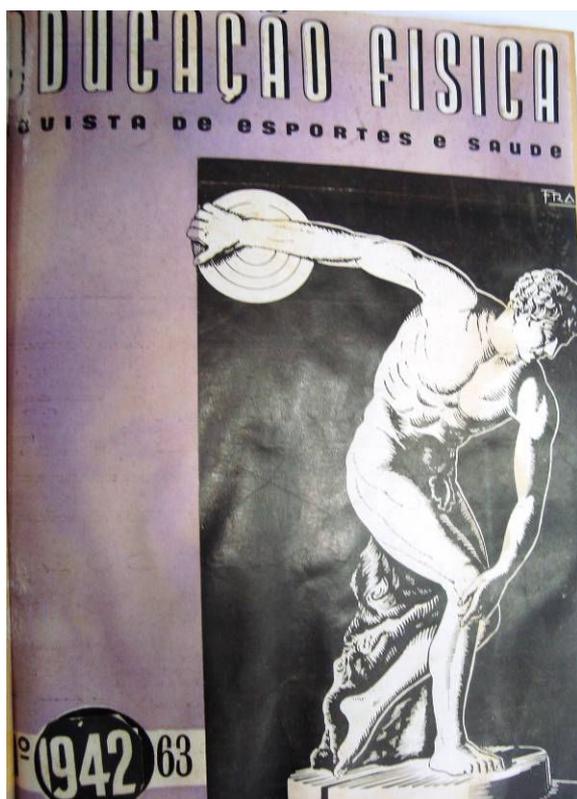


Figura 61 – Capa revista, 1942, nº 63

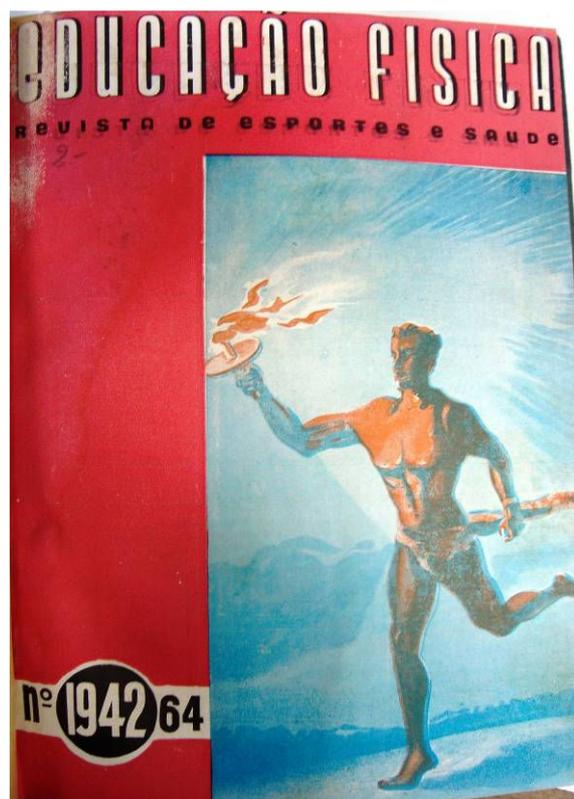


Figura 62 – Capa revista, 1942, nº 64

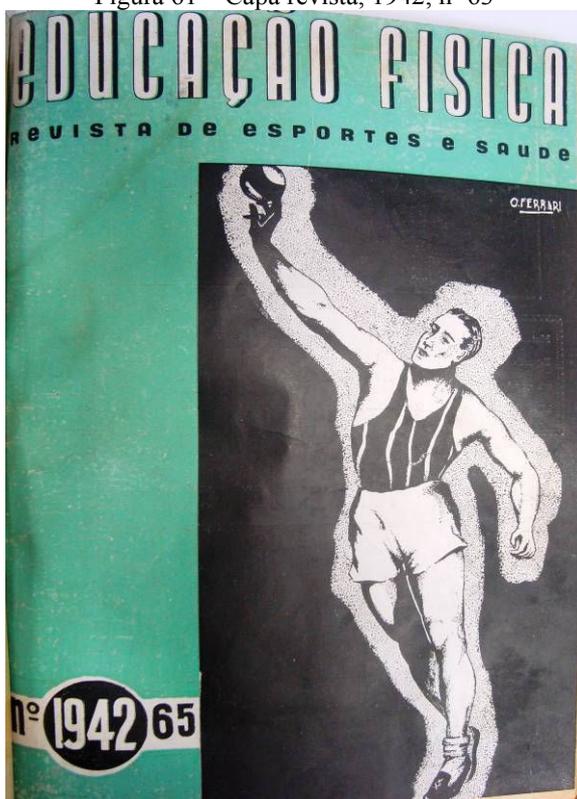


Figura 63 – Capa revista, 1942, nº 65

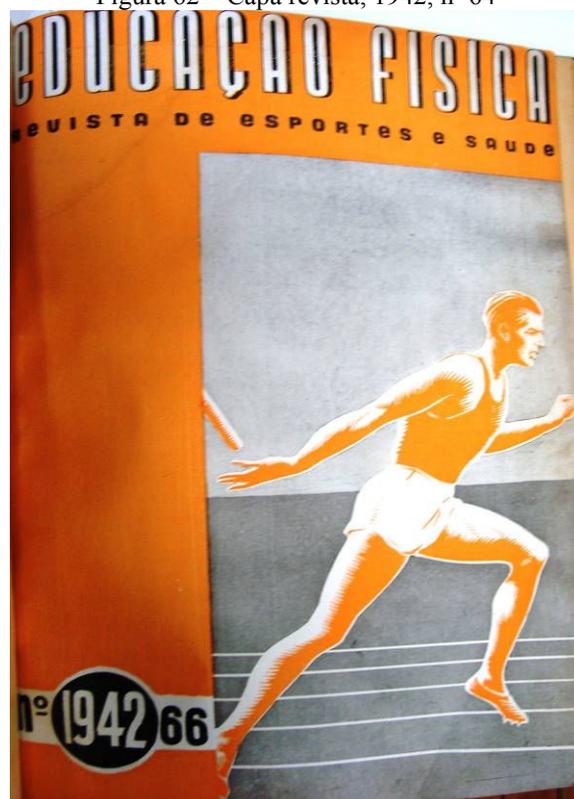


Figura 64 – Capa revista, 1942, nº 66

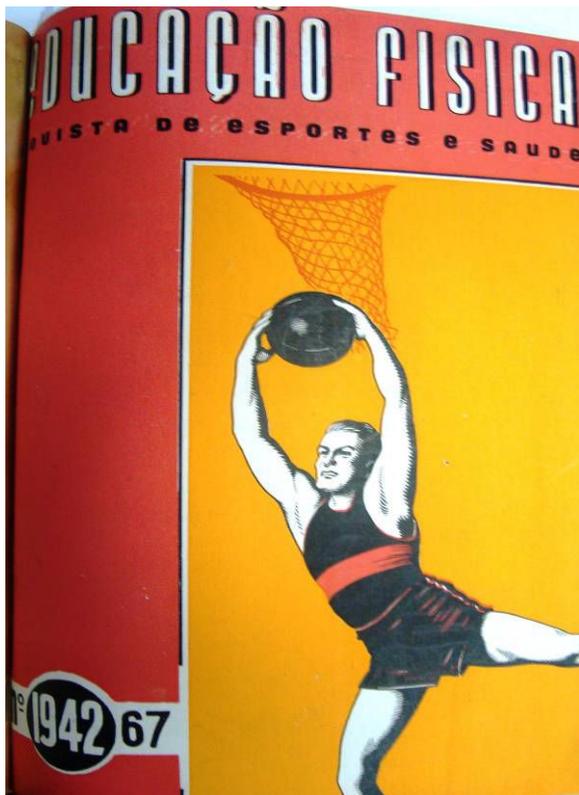


Figura 65 – Capa revista, 1942, nº 67

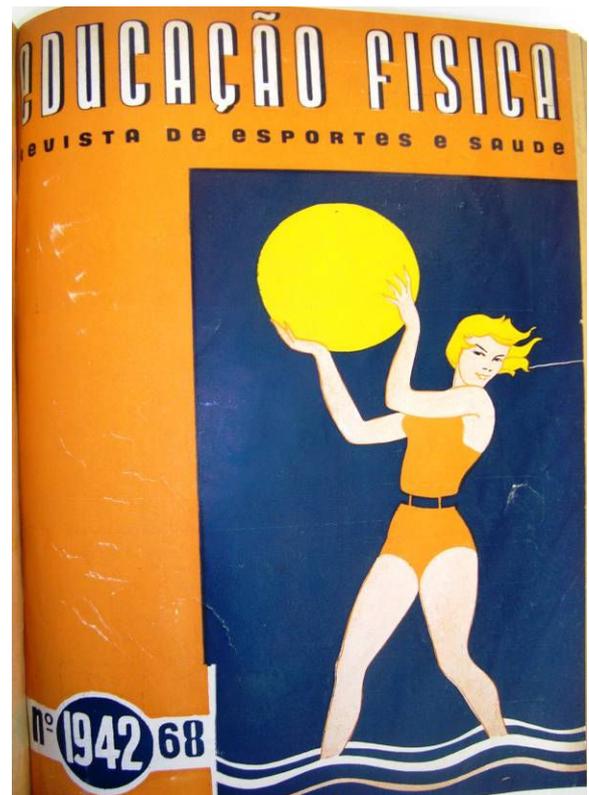


Figura 66 – Capa revista, 1942, nº 68

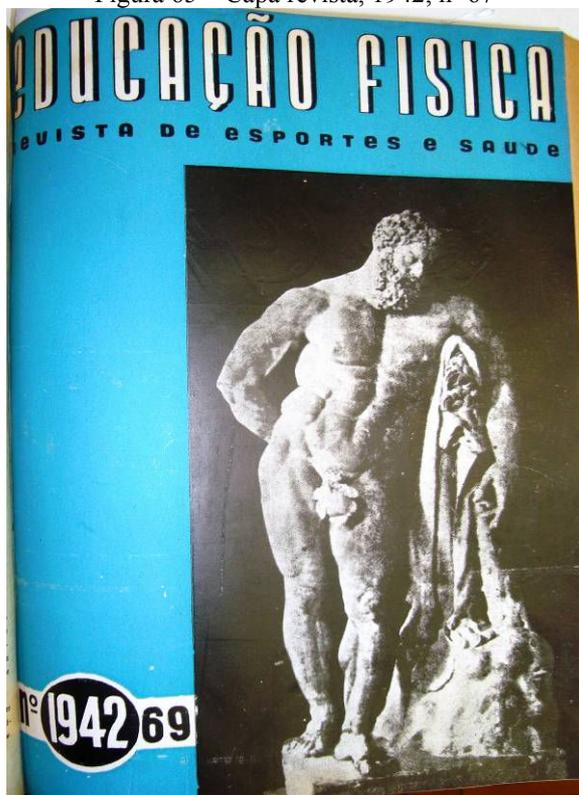


Figura 67 – Capa revista, 1942, nº 69

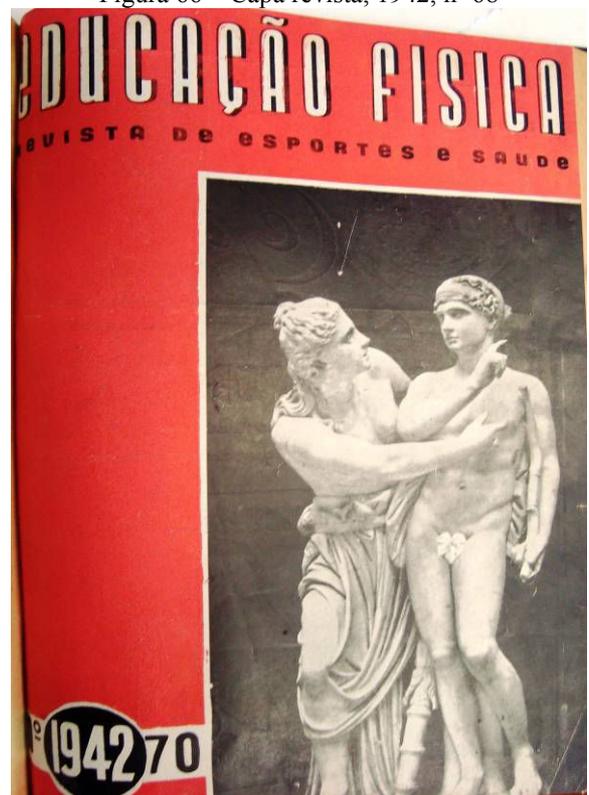


Figura 68 – Capa revista, 1942, nº 70

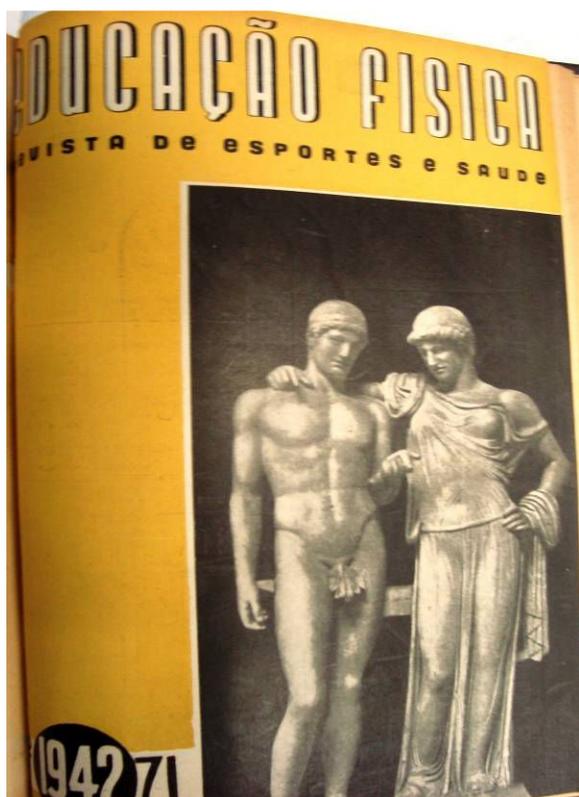


Figura 69 – Capa revista, 1942, nº 71

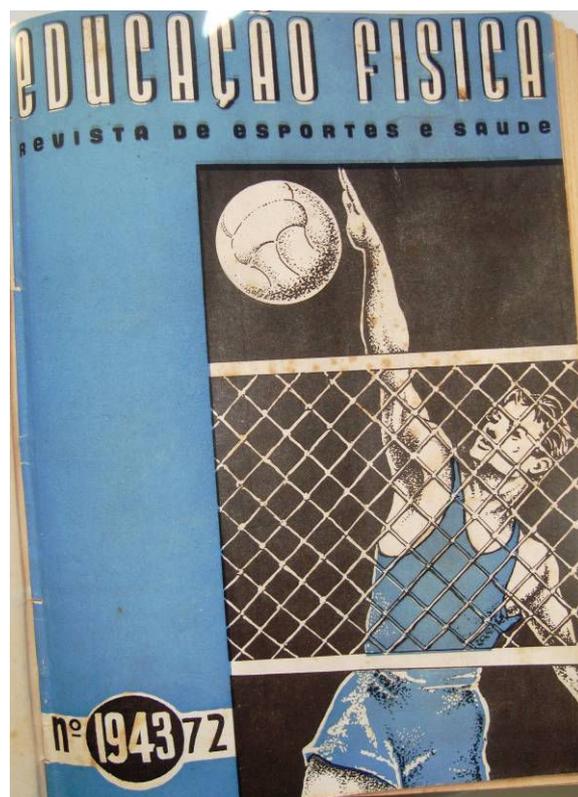


Figura 70 – Capa revista, 1943, nº 72

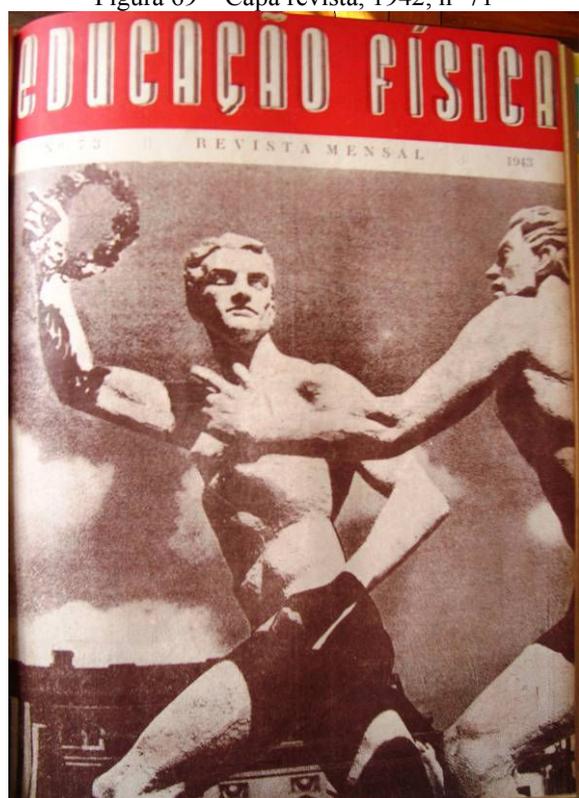


Figura 71 – Capa revista, 1943, nº 73

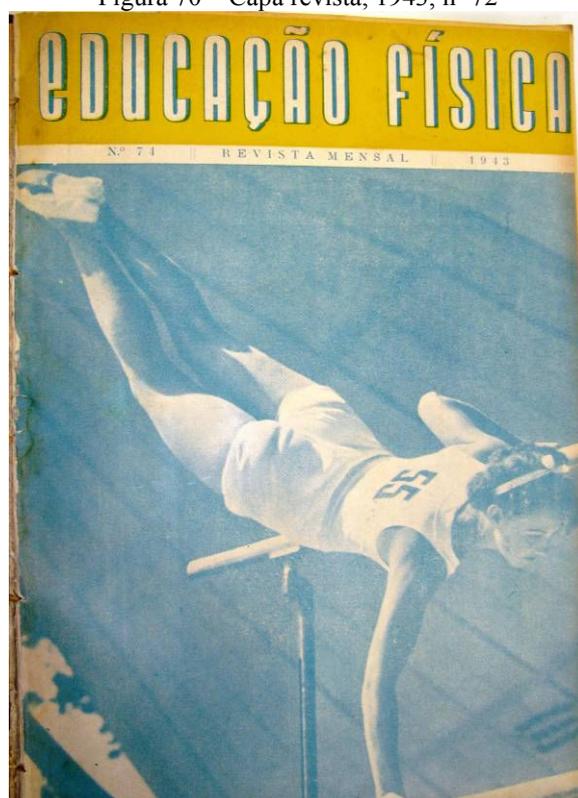


Figura 72 – Capa revista, 1943, nº 74

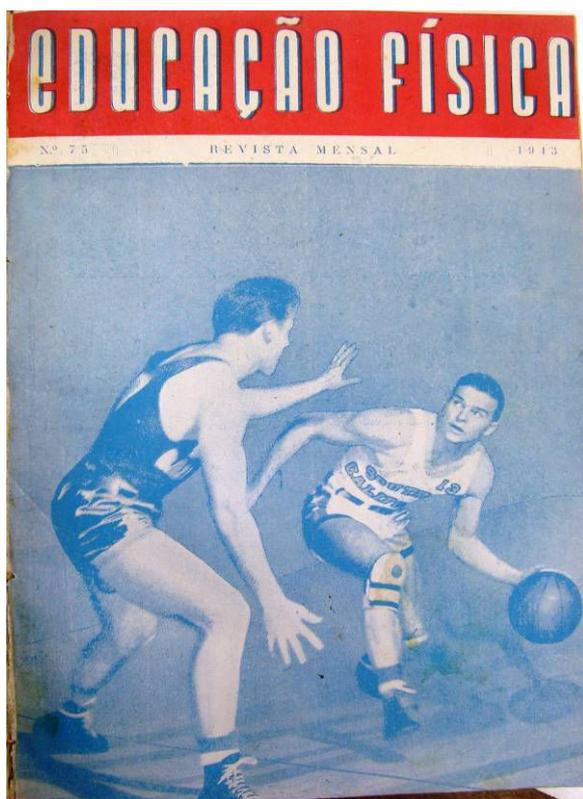


Figura 73 – Capa revista, 1943, nº 75

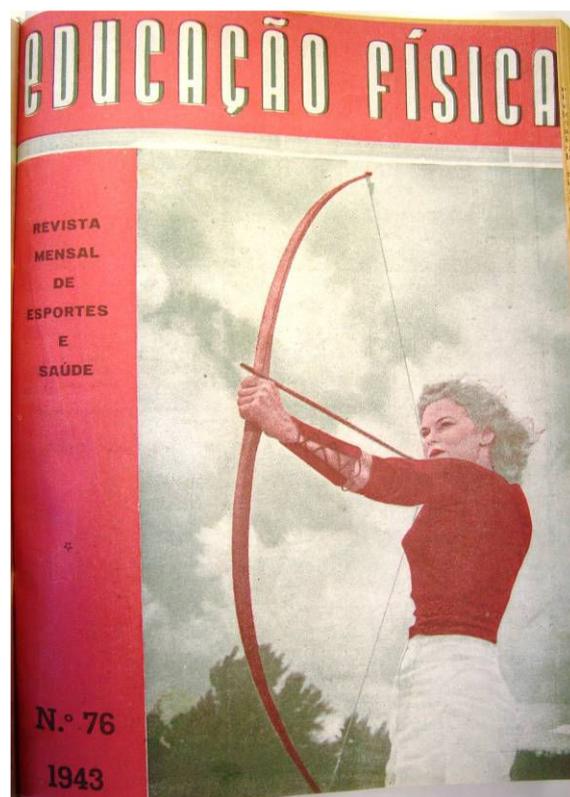


Figura 74 – Capa revista, 1943, nº 76

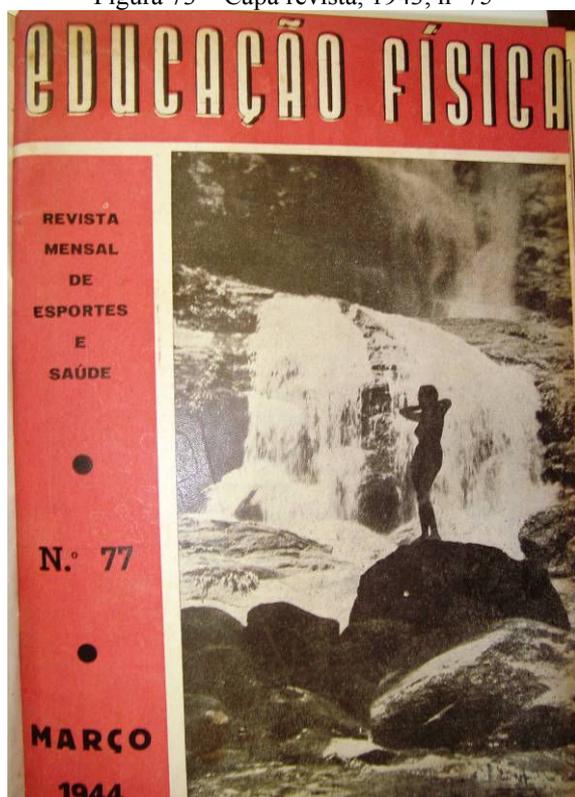


Figura 75 – Capa revista, 1944, nº 77

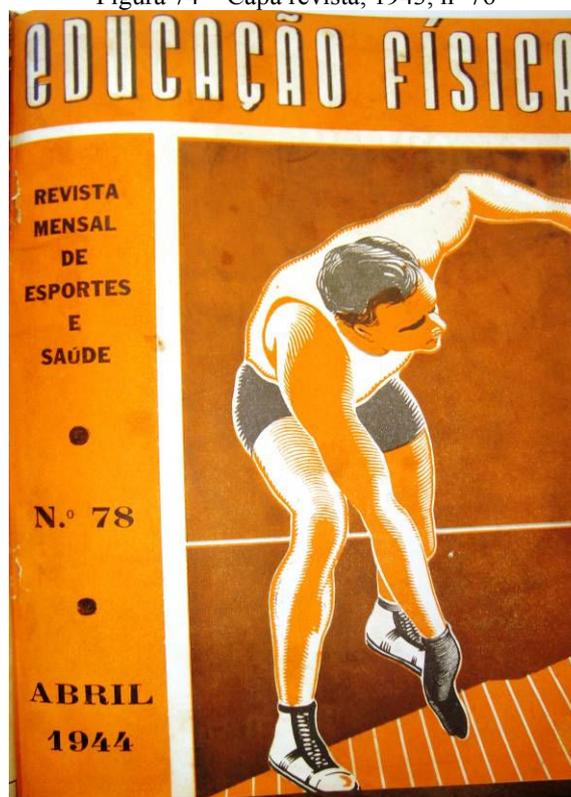


Figura 76 – Capa revista, 1944, nº 78

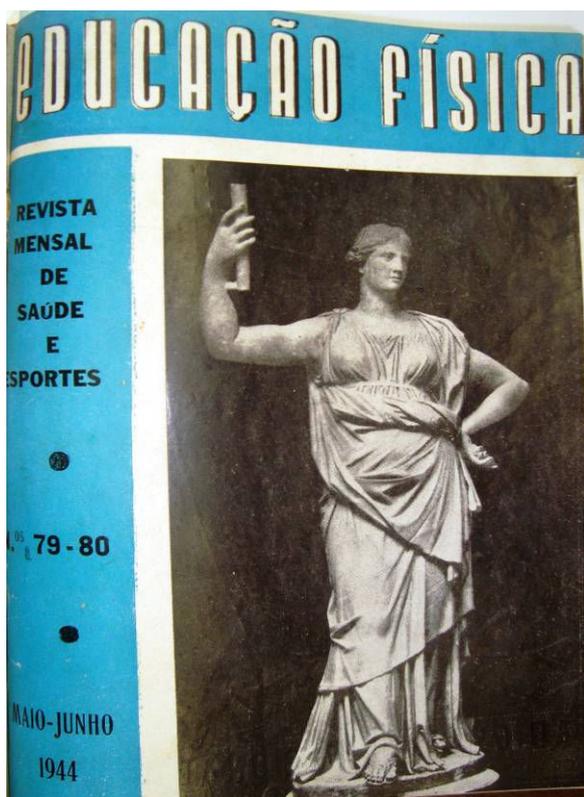


Figura 77 – Capa revista, 1944, nº 79/80

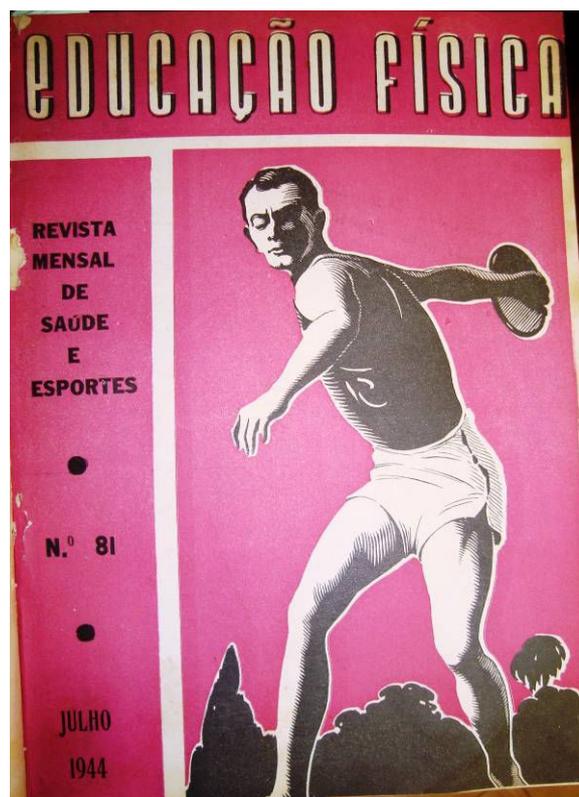


Figura 78 – Capa revista, 1944, nº 81

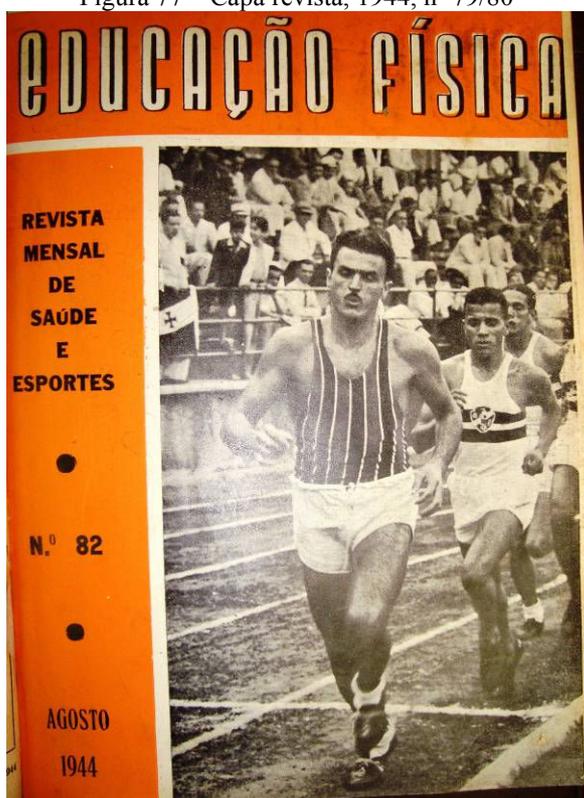


Figura 79 – Capa revista, 1944, nº 82

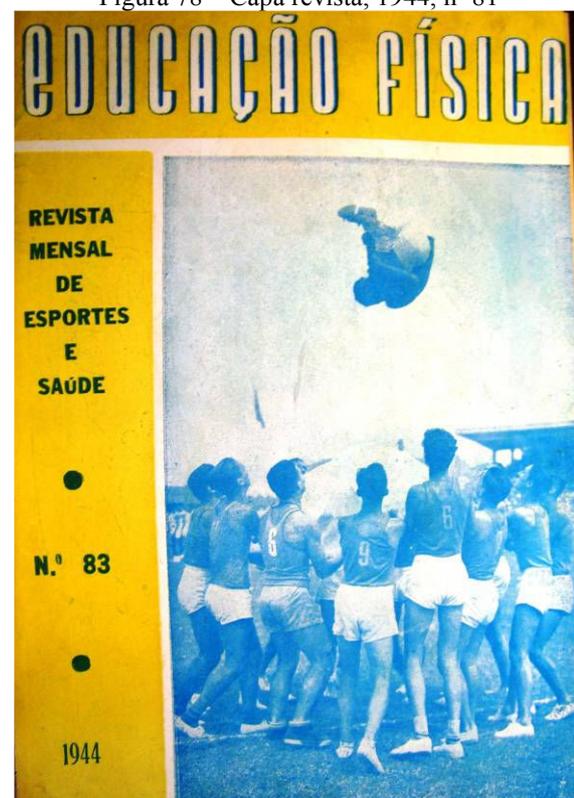


Figura 80 – Capa revista, 1944, nº 83

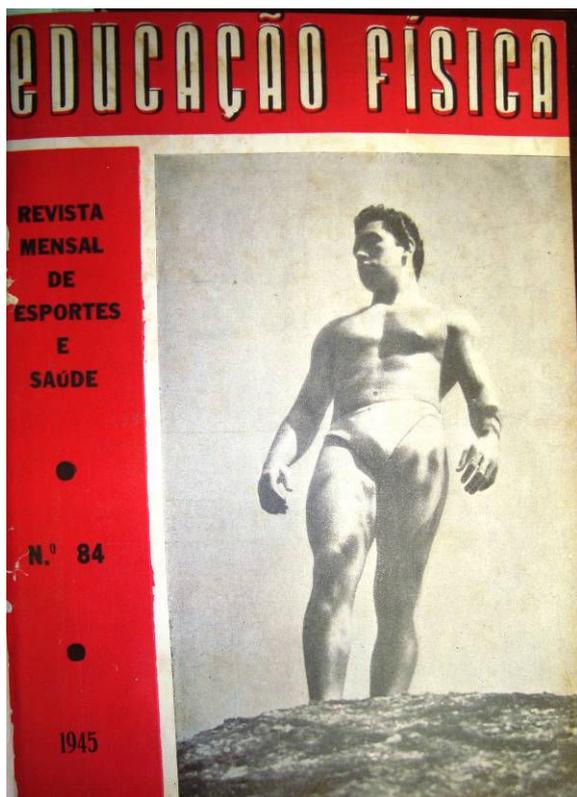


Figura 81 – Capa revista, 1945, nº 84

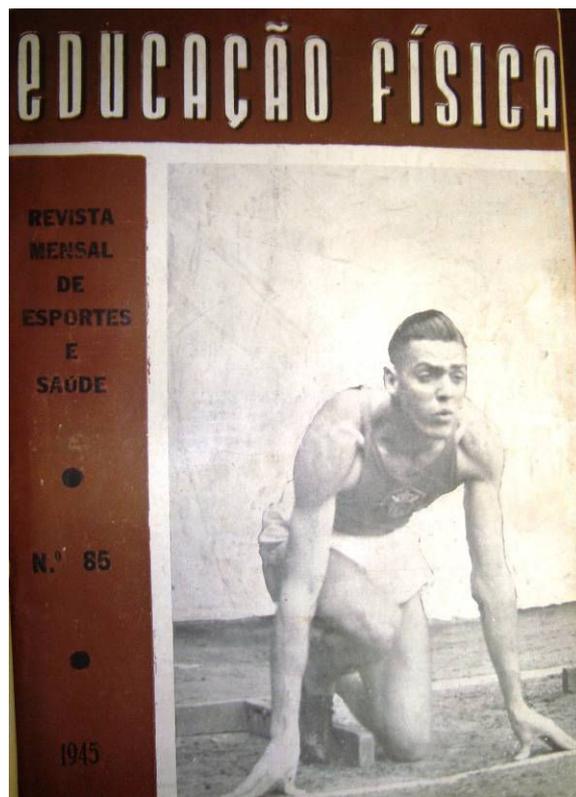


Figura 82 – Capa revista, 1945, nº 85

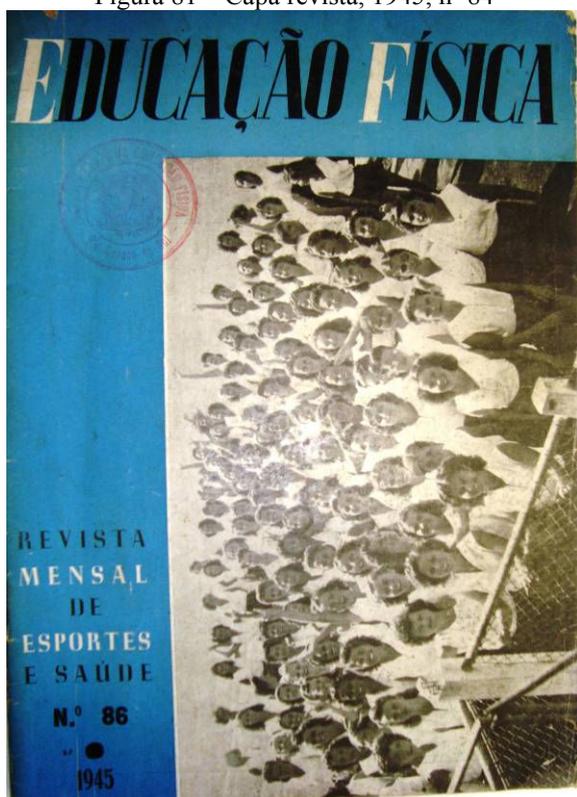


Figura 83 – Capa revista, 1945, nº 86

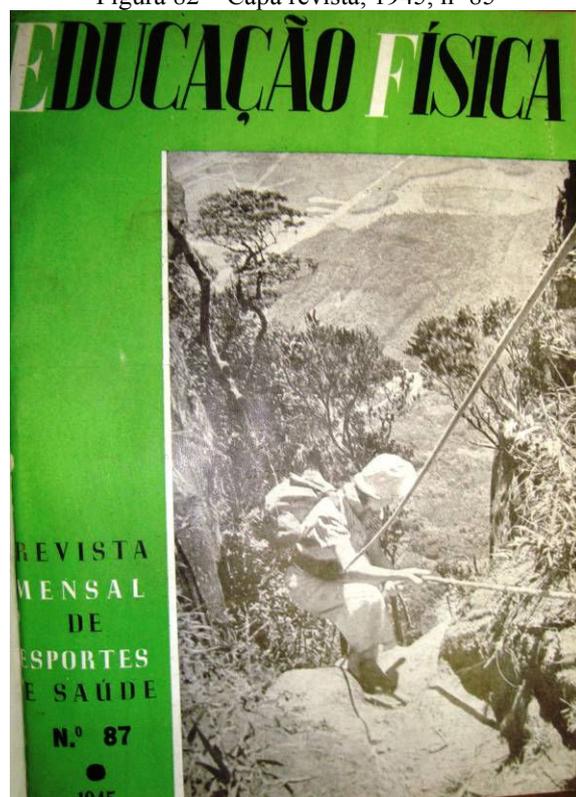


Figura 84 – Capa revista, 1945, nº 87

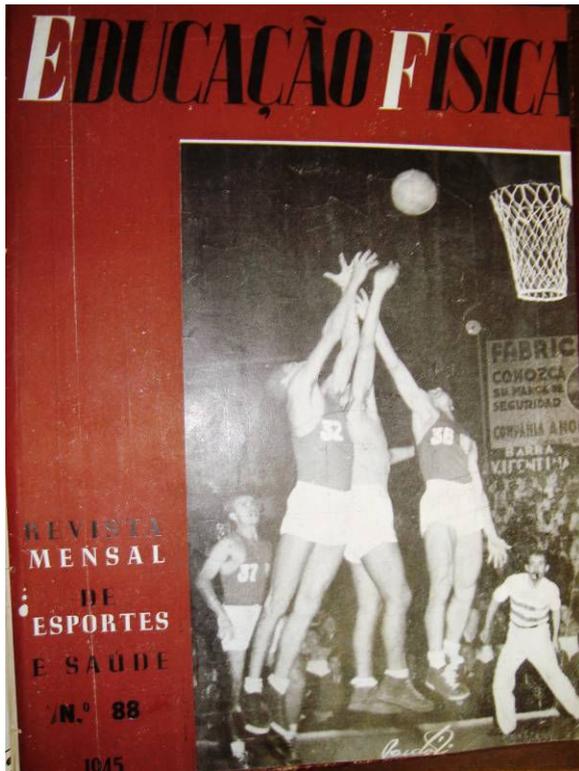


Figura 85 – Capa revista, 1945, n° 88